

Cartas a Socorro Lucena: memórias de afeto e resistência de uma educadora cearense



Organização

Elisangela André da Silva Costa

Elcimar Simão Martins

Maria Marina Dias Cavalcante

CARTAS A SOCORRO LUCENA:

MEMÓRIAS DE AFETO E RESISTÊNCIA DE UMA EDUCADORA CEARENSE

© 2023 *Copyright* by Elisangela André da Silva Costa, Elcimar Simão Martins e Maria Marina Dias Cavalcante (Organização)

IMPRESSO NO BRASIL / *PRINTED IN BRAZIL*
EFETUADO DEPÓSITO LEGAL NA BIBLIOTECA NACIONAL

Conselho Editorial

DRA. AIALA VIEIRA AMORIM UNILAB	DR. JOSÉ GERARDO VASCONCELOS UFC
DR. ALUÍSIO MARQUES DA FONSECA UNILAB	DR. JOSEFA JACKLINE RABELO UFC
DRA. ANA MARIA IORIO DIAS UFC	DR. JUAN CARLOS ALVARADO ALCÓCER UNILAB
DRA. ANA PAULA STHEL CAIADO UNILAB	DRA. LIA MACHADO FIUZA FIALHO UECE
DRA. ANTONIA IEDA DE SOUZA PRADO UNINASSAU	DRA. LÍDIA AZEVEDO DE MENEZES UVA
DR. ANTÔNIO ROBERTO XAVIER UNILAB	DRA. LÍVIA PAULIA DIAS RIBEIRO UNILAB
DR. CARLOS MENDES TAVARES UNILAB	DR. LUÍS MIGUEL DIAS CAETANO UNILAB
DR. CHARLITON JOSÉ DOS SANTOS MACHADO UFPB	DR. LUIS TÁVORA FURTADO RIBEIRO UFC
DR. EDUARDO FERREIRA CHAGAS UFC	DRA. MÁRCIA BARBOSA DE SOUSA UNILAB
DR. ELCIMAR SIMÃO MARTINS UNILAB	DRA. MARIA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA PORTELA CYSNE UNILAB
DRA. ELISÂNGELA ANDRÉ DA SILVA COSTA UNILAB	DR. MICHEL LOPES GRANJEIRO UNILAB
DR. ENÉAS DE ARAÚJO ARRAIS NETO UFC	DR. OSVALDO DOS SANTOS BARROS UFPA
DR. FRANCISCO ARI DE ANDRADE UFC	DRA. REGILANY PAULO COLARES UNILAB
DR. GERARDO JOSÉ PADILLA VÍQUEZ UCR	DRA. ROSALINA SEMEDO DE ANDRADE TAVARES UNILAB
DRA. HELENA DE LIMA MARINHO RODRIGUES ARAÚJO UFC	DRA. SAMIA NAGIB MALUF UNILAB
DR. JAVIER BONATTI UCR	DRA. SINARA MOTA NEVES DE ALMEIDA UNILAB
DR. JOSÉ BERTO NETO UNILAB	DRA. VANESSA LÚCIA RODRIGUES NOGUEIRA UNILAB

PROJETO GRÁFICO E CAPA | *Carlos Alberto Alexandre Dantas*

REVISÃO DE TEXTO | *Os Autores*

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

BIBLIOTECÁRIA: *Regina Célia Paiva da Silva* – CRB – 1051

C322 Cartas a Socorro Lucena: memória de afeto e resistência de uma educadora Cearense [recurso eletrônico] / organização de Elisangela André da Silva Costa, Elcimar Simão Martins, Maria Marina Dias Cavalcante. – Fortaleza: Impreco, 2023.

262p.il.

E-book

ISBN: 978-85-8126-260-4

<https://doi.org/10.47149/978-85-8126-260-4>

1. Lucena, Socorro – Correspondência. 2. Educadores – Brasil – Correspondência. 3. Cartas Brasileiras. 4. Costa, Elisangela André da Silva. 5. Martins, Elcimar Simão. 6. Cavalcante, Maria Marina Dias. I. Título.

CDD. 923.7

Elisangela André da Silva Costa
Elcimar Simão Martins
Maria Marina Dias Cavalcante
(Organização)

Cartas a Socorro Lucena:
MEMÓRIAS DE AFETO E RESISTÊNCIA
DE UMA EDUCADORA CEARENSE



Fortaleza | Ceará
2023

SUMMARY

CARTA DE APRESENTAÇÃO 📄 9

Elisangela André da Silva Costa

Elcimar Simão Martins

Maria Marina Dias Cavalcante

PREFÁCIO 📄 11

José Cerchi Fusari

Persio Nakamoto

CARTAS A SOCORRO LUCENA

Ana Carolina Costa Pereira 📄 18

*Ana Lourdes Lucena de Sousa, Ana Luisa Lucena Caprini
e Aldieris Braz Amorim Caprini* 📄 21

Ana Maria do Nascimento 📄 24

Ana Paula dos Santos Reinaldo Verde 📄 27

Ana Paula Martins Farias Vasconcelos 📄 32

Aurea da Silva Pereira 📄 37

Bruno Miranda Freitas 📄 41

Carlos Alexandre Holanda Pereira 📄 45

Cícero Vagner Lucena de Souza 📄 48

Cláudia Sales de Alcântara 📄 52

Eisenhower Souza Costa 📄 57

Elcimar Simão Martins 📄 62

Eliacy dos Santos Saboya Nobre 📄 66

Elisangela André da Silva Costa 📄 72

- Emanuel Andrade Leite* 📖 77
- Francisco Jeovane do Nascimento* 📖 82
- Francy Sousa Rabelo* 📖 86
- Geraldo Vicente da Silva* 📖 90
- Giovanni José Rocha Sombra* 📖 93
- Hamilton Perninck Vieira* 📖 99
- Isabel Maria Sabino de Freitas* 📖 106
- Jeane Pereira Dantas* 📖 111
- João Batista Carvalho Nunes* 📖 115
- José Airton de Freitas Pontes Junior* 📖 118
- Joselma Ferreira Lima e Silva* 📖 123
- Lia Machado Fiuza Fialho* 📖 126
- Maciel Bomfim do Nascimento* 📖 131
- Manuela Fonseca Grangeiro* 📖 139
- Maria Cleide Ribeiro da Silva Leite* 📖 144
- Maria da Conceição Rodrigues Martins* 📖 148
- Maria de Fátima Cavalcante Gomes* 📖 152
- Maria de Lourdes da Silva Neta* 📖 156
- Maria do Socorro Lopes da Silva* 📖 160
- Maria Francidalba Capistrano da Fonseca* 📖 167
- Maria Gorete de Gois* 📖 172
- Maria Marina Dias Cavalcante* 📖 179
- Maria Nahir Batista Ferreira* 📖 183
- Maria Susana Vasconcelos Jimenez* 📖 187

- Marineide de Oliveira Gomes* 📖 191
- Marteano Ferreira de Lima* 📖 195
- Najla Almeida Marques Pereira* 📖 200
- Nayuca Alberto Bampoki* 📖 201
- Neisse Evangelista da Costa Souza* 📖 206
- Nívea da Silva Pereira* 📖 211
- Osmar Hélio Araújo* 📖 216
- Patrícia Helena Carvalho Holanda* 📖 220
- Petrônio Cavalcante* 📖 225
- Regiane Rodrigues Araújo* 📖 228
- Ruth Maria de Paula Gonçalves* 📖 231
- Silvina Pimentel Silva* 📖 234
- Sinara Mota Neves de Almeida* 📖 238
- Tania Maria Rodrigues Lopes* 📖 245
- Tereza Cristina Lima Barbosa* 📖 249
- Maria Vilene Teixeira Cordeiro Nunes* 📖 254
- Valberto Filho* 📖 255
- Maria do Socorro Lima Marques França* 📖 256
- Maria Amélia Santoro Franco* 📖 257
- Maria Isabel de Almeida (Bel)* 📖 258
- Terezinha de Azeredo Rios (Tê)* 📖 259
- Selma Garrido Pimenta* 📖 262



CARTA DE APRESENTAÇÃO

Fortaleza – Ceará, 13 de março de 2023

Caro/a leitor/a,

É com alegria que vimos convidá-lo/a à leitura do livro “**Cartas a Socorro Lucena: memórias de afeto e resistência de uma educadora cearense**”, obra financiada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), através do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), que traz um compilado de cinquenta e quatro cartas e seis mensagens elaboradas por pessoas que compõem as experiências de vida, formação e trabalho dessa querida educadora.

A inserção profissional da professora Maria Socorro Lucena Lima no campo da educação, desde os seus dezesseis anos de idade, permitiu seu trânsito por diferentes espaços educativos e instituições de ensino, além do contato e articulação com inúmeras pessoas, que abrangem desde o âmbito familiar até o comunitário e acadêmico.

São muitas as vivências pessoais e profissionais dessa grande educadora, assim como são muitas as lições aprendidas e ensinadas ao longo de mais de cinco décadas de sua dedicação ao magistério e uma parte dessas experiências estão registradas nessa obra.

Os textos revelam que há muito a agradecer e muito a partilhar sobre o modo como Socorro Lucena amorosamente atravessa nossas trajetórias de vida e formação, contribuindo para processos de humanização e emancipação. A escrita das cartas, sempre utilizadas por ela como forma de valorização das vivências, sentimentos, visões de mundo e conhecimentos de educandos/as e educadores/as, foi eleita como a melhor forma de expressar nosso carinho, gratidão e aprendizagens.

Cordialmente,

Elisangela André da Silva Costa

Elcimar Simão Martins

Maria Marina Dias Cavalcante

(Organizadores)



PREFÁCIO

Amizade é matéria de salvação.

(Clarice Lispector)

Falar de educação não é apenas apontar soluções e problemas nesse vasto campo de conhecimento. É falar sobre a visão de pessoas que têm lutado bravamente por um universo mais justo, mais inclusivo, mais digno. É falar também de Maria Socorro Lucena Lima, a nossa cearense Socorro.

Para relatar um pouco dessa gigantesca história de vida, foram convidados 60 educadores para escrever episódios, em forma de cartas, que contam um pouco dessa narrativa, ilustrando a marca deixada pela Socorro em nossas vidas e nas dos milhares de alunos – hoje, educadores –, que tiveram a oportunidade de trilhar esse caminho com uma pessoa tão generosa nas suas atitudes como formadora. Essas cartas são partes importantes de uma colcha de retalho, representando uma a uma a perspectiva da nossa querida cearense.

Cada um dos retalhos não são meros recortes recolhidos ao acaso. São selecionados pelo apego de cada um, sendo selecionados pela experiência de vida e trabalho com a nossa homenageada. Afetos, sensibilidade, cooperação, companheirismo e amizade aparecem em todos os retalhos e, assim, uma bela colcha é construída como aquelas que Socorro costuma costurar com seus alunos, educandos, pelos sertões afora. São exemplos de como uma guerreira e sonhadora vinda de Aurora, pequena cidade do interior do Ceará, pôde alçar voos que a levaram a diversas partes deste imenso Brasil para espalhar seu conhecimento e suas vivências em outras plateias e também chegando a

Portugal, onde fez muito sucesso com seu jeito alegre e positivo de ser.

Num dos ciclos de sua vida, Socorro mudou-se para São Paulo por um curto período para fazer o tão sonhado doutorado, um trabalho sério e obsessivo intitulado *A formação contínua do professor nos caminhos e descaminhos do desenvolvimento profissional*, resultado de diversas entrevistas, pesquisas, investigações e infinitas participações em cursos, encontros, seminários e outros. Essa passagem pela capital paulista – carregando malas, cuias e filhos – é um capítulo à parte, mas que traz copiosos causos, o que demonstra o alcance de suas numerosas aventuras. Ela sempre dizia que morar na capital paulista era como se fizesse mais do que um doutorado, pois aprendera muito nessa caminhada. Ela repetia que era um processo de civilização, um meio de aprender mais sobre a própria existência e que carregaria essas aprendizagens para o resto da vida.

Findo esse período, voltou para Fortaleza e continuou com o seu grande talento: deslumbrar humildemente todos que a rodeavam, seja educacional, seja artisticamente. Tanta distância era compensada com brindes vindos pelo correio: cartões, mandalas, desenhos e outros infindáveis presentes que nos mostravam a intensidade com que vivia a sua vida. Outras lembranças, não palpáveis, mas incrivelmente afetivas que ficam para sempre: as conversas sobre os desafios do cotidiano, as observações irônicas e tantas outras frases que ficam na memória, pois, em questões de segundos, ela, com sua perspicácia e intuição aguçada, conseguia analisar uma situação e dar o seu veredicto, captando a essência das contradições humanas. Além disso, podemos também destacar as caronas até a parte mais central da cidade, os encontros com a colega e amiga Joelma Pires e, para sempre, a pizza e o creme de papaia que tanto amava.

Para finalizar, voltando ao primeiro parágrafo deste prefácio, podemos dizer que a educação do educador está no incansável compromisso político com a escola pública de excelência para todos e que a Socorro bem demonstrou com a sua luta, o que demonstra esse vínculo permanente entre competência e sensibilidade. Entenda-se, nesse caso, como a Arte que faz a mediação de ser e estar na vida e no mundo com seriedade e, ao mesmo tempo, leveza.

Com todo nosso afeto e amizade,

José Cerchi Fusari

Persio Nakamoto



ENTRE VIAGENS E HISTÓRIAS, ENCONTROS E REENCONTROS COM A PROFESSORA SOCORRO

Fortaleza, 15 de setembro de 2022.

Querida Socorro,

Escrevo-lhe para relembrar um pedaço deixado na minha memória sobre os nossos encontros e desencontros nessa vida. Em 2008, a Universidade Estadual do Ceará (UECE), em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB), instituiu a modalidade semipresencial, trazendo consigo vários cursos de licenciatura, inclusive de Matemática. Com esse grande projeto, muitos docentes foram convidados para ministrar aulas em diversas regiões do Ceará. Dentre os municípios selecionados que possuíam polos, estava a região do Cariri, que contemplava a cidade de Mauriti, na qual estava localizado o curso de licenciatura em Matemática. A princípio, a senhora deve lembrar que os docentes, iam em “topics”, micro-ônibus alugados pela UAB/UECE, depois em voos que tinham conexão Fortaleza – Juazeiro do Norte – Fortaleza. Atravessamos todo o Ceará com muita animação e entusiasmo, carregando no peito sempre o desejo de poder contribuir com a formação daqueles futuros e hoje, professores.

Foi nesse contexto que conheci a senhora, Profa. Socorro. Eu, docente de disciplinas “puras” da Matemática, com vinte e poucos anos. E a senhora, professora das disciplinas pedagógicas de vários cursos, experiente, que em cada fala expressava um vasto conhecimento que nos encantava e nos motivava a querer conhecer mais sobre o assunto tratado no momento. Muitas histórias de vida, experiências de sala de aula, conselhos e risadas foram compartilhadas conosco em restaurantes locais, no ôni-

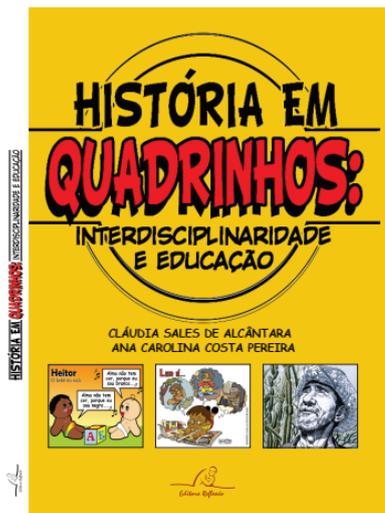
bus, na sala de embarque, no shopping de Juazeiro do Norte, ou até mesmo tomando um cafezinho na sala de professores. Lembro-me do carinho com seus filhos e neta, dos trabalhos manuais que adorava fazer, das histórias contadas sobre o que vivenciava com seus alunos, sempre nos trazendo um aprendizado único e incrível, digno de ser registrado na história para que outros docentes e discentes pudessem perceber o valor sentimental dessas experiências e princípios de vida.

Anos depois, em 2015, nos encontramos nos corredores da UECE, na porta da minha sala, e entre uma conversa e outra, percebemos algo em comum: o gosto por histórias em quadrinhos. Eu já tinha um projeto de Iniciação Científica sobre essa temática e a senhora estava tutorando uma pós-doutoranda, a Claudia Sales de Alcântara, que também desenvolvia o estudo nessa área. Então, nos reencontramos, fizemos palestras, cursos e rodas de conversa que discutiam a temática, relacionando diversas áreas, inclusive a matemática. Como produto, organizamos o livro “Histórias em Quadrinhos Interdisciplinaridade e Educação” (Figura 1) que contou com um capítulo seu e de sua discente, Regiane Rodrigues, intitulado “Sala de aula: lugar de diálogo entre professores e alunos?” no qual vocês terminam com a seguinte frase: “estaremos sempre no processo de ensinar para aprender e de aprender para ensinar” (LIMA; ARAÚJO, 2016, p. 12).

Figura 1 – Capa do livro “Histórias em Quadrinhos Interdisciplinaridade e Educação”

Sem dúvida, bons tempos vivemos agora, quando os consumidores de histórias em quadrinhos passeiam pelas alamedas das grandes convenções de cultura pop sem qualquer preocupação em esconder suas preferências intelectuais (...). Bons tempos vivem hoje os estudantes de todos os níveis, que já podem ter a grata satisfação de ouvir seus professores se referirem a produtos da cultura quadrinística, enfocando-os em todas as disciplinas e áreas de ensino (...). Nesse sentido, posso dizer que o livro organizado pelas professoras Ana Carolina Costa Pereira e Cláudia Sales de Alcântara, *Histórias em quadrinhos: interdisciplinaridade e educação*, é mais um sinal desses bons tempos, trazendo-nos reflexões de alto nível sobre o papel desempenhado pelas histórias em quadrinhos em ambiente escolar. (...) As organizadoras partem de uma visão específica do processo educativo, na qual está presente a premissa da necessidade de um diálogo cada vez mais abrangente entre professores e alunos, espaço no qual elas vêm a possibilidade de contribuição das histórias em quadrinhos.

Prof. Dr. Waldomiro Vergueiro



Fonte: Pereira e Alcântara (2016, capa)

Conviver ao lado da senhora nesses trechos da vida e ter a chance de lhe escutar, foi algo de valor inestimável, que impactou de forma positiva e transformadora a constituição da minha carreira docente, na área da Educação Matemática. Suas palavras fizeram e fazem quem está no chão da sala de aula refletir, entendendo que o ensino não acontece somente na direção do professor para o aluno, mas vice-versa, e que para isso é necessário estar atuando e refletindo constantemente em sala de aula sobre nossas práticas, participando de rodas de conversas e eventos, de maneira a colocar em prática seu conselho, de ensinar para aprender e de aprender para ensinar.

Termino essa carta com uma lembrança linda, seu apoio e consolo quando o Prof. Cleiton faleceu em 2014, meu mentor, meu espelho de profissional. Na época fiquei sem chão, mas pes-

soas queridas como você preencheram esse vazio e mostraram como sempre podemos modificar o futuro e torná-lo melhor. Agradeço também o carinho, personificado em um cartão de Natal, feito manualmente por você, rainha dos trabalhos manuais. Ganhar um cartão desse envolto de tanto carinho, possui um significado imenso para mim!

Obrigada por todos os ensinamentos nesses anos.

Você é um ser humano incrível!

Atenciosamente

Ana Carolina Costa Pereira

(Profa. Carol, da UECE, da Matemática).

Referências

PEREIRA, A. C. C.; ALCÂNTARA, C. S. (Org.). **História em Quadrinhos: interdisciplinaridade e educação**. 1. ed. São Paulo: Editora Reflexão, 2016. v. 1. 231p.

LIMA; M. S. L.; ARAÚJO, 2016. Sala de aula: lugar de diálogo entre professores e alunos? In: PEREIRA, A. C. C.; ALCÂNTARA, C. S. (Org.). **História em Quadrinhos: interdisciplinaridade e educação**. 1. ed. São Paulo: Editora Reflexão, 2016. v. 1. 231p.

SOCORRO, O ESPÍRITO SANTO ESTÁ COM SAUDADES!

Vitória-ES, 15 de setembro de 2022.

Iniciamos essa carta afetiva explicando o porquê Espírito Santo. Você, Socorro Lucena, além de uma grande educadora é uma artesã e entre suas produções destacam-se cartões e mandalas, essas últimas com o Divino Espírito Santo. Mas aqui vamos falar de outra forte ligação sua com o Espírito Santo: sua filha (Ana), sua neta (Ana Luisa) e seu genro (Aldieris) que moram nesse Estado.

Assim, suas viagens são constantes para nos visitar e poderíamos elencar vários momentos da nossa memória afetiva com sua presença conosco, dentre eles destacamos o cuidar e curtir a filha, fazer artesanato com a neta e estudar com o genro.

Após o casamento da Ana, você estava longe fisicamente, mas sempre próxima em carinho e atenção. É possível alguém receber um telefonema às 13h30 informando que sua filha está entrando no centro cirúrgico em Vitória/ES para o parto e a mãe, em Fortaleza, conseguir arrumar a mala e estar às 19h no Espírito Santo? Sim! Você, Socorro Lucena!

E nos dias que seguiram você ficou no Espírito Santo junto da Ana e Ana Luisa, conciliando a família com leituras e orientações. E a vovó artesã fez mimos para o quarto da Ana Luísa e cantava músicas para ela dormir enquanto estava no colo da mãe.

Ah, e não tem como esquecer das demais visitas sua ao ES para passar um tempo conosco e fazer algo que você gosta muito: passear na praia para catar conchas para fazer cartões. Sem falar em passarmos a tarde (e começo da noite) no shopping, praia, pegar um frio nas montanhas....

Mas, nessas vindas ao estado fica também a memória afetiva de outra marca sua, a academia. As conversas com Aldieris sobre aulas, artigos e indicações de leitura. E no pós-doutorado ainda estar presente na pesquisa de campo que ele realizou e dialogarem sobre os rumos da pesquisa.

Nossa memória afetiva com você no Espírito Santo também está ao prepararmos a culinária regional (moqueca capixaba) e também outros pratos que gosta, para ficarmos conversando na mesa em família. Quando você comunica que vem, logo pensamos o que vamos fazer para recebê-la, após buscá-la no aeroporto.

Aliás, falando em aeroporto, a memória afetiva da neta, Ana Luisa, começa aí, como ela dizia quando pequena e estava começando a falar: vamos buscar vovó no “lirouporto”. Chegando em casa a alegria dela é ajudar a desfazer sua mala e lógico, receber os presentes que traz e ficar brincando e fazendo artesanato com você.

Na nossa memória afetiva está Ana Luisa, lembrando dos cartões que faz junto com a avó e quando vai a praia e vê conchinhas na areia ou encontra alguma folha com formato peculiar e diz que vai guardar para fazer cartões quando Socorro chegar.

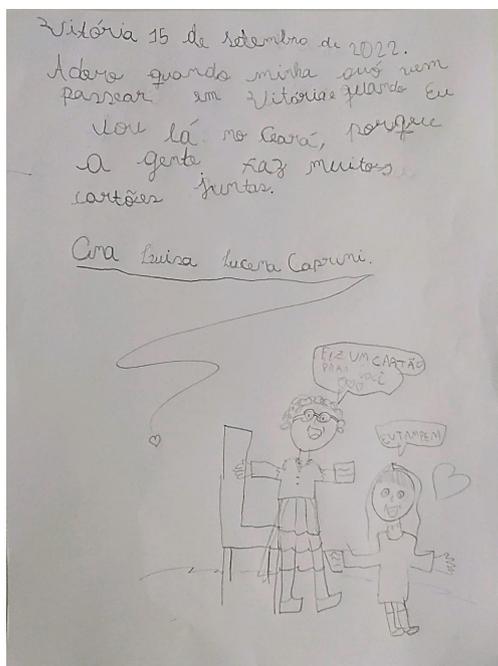
E assim acontece. Você chegando, vão as duas para o quarto e enchem a mesa de estudo de conchas, folhas, tintas, papéis em diferentes cores e formas, material reciclável e começam a fazer cartões juntas.

Ah, sempre tem o livro que a avó traz e Ana Luisa pede para ela ler mas, alguém sempre dorme primeiro. Adivinhem quem?

E ainda tem as histórias que Socorro conta para a neta de quando ela era pequena em Aurora/CE, da rua, dos bisavós de Ana Luisa, de como eram as brincadeiras dela... as duas se

teletransportam para outro lugar físico e temporal por meio da cumplicidade entre avó e neta.

Essas memórias com certeza fazem parte da formação sentimental e emocional da nossa Ana Luisa e a melhor forma de demonstrar esse carinho é com uma cartinha dela para a avó.



Enfim, estamos sempre com muitas saudades e aguardando sua presença, aliás você mesma sempre diz que tem uma ligação com o Divino Espírito Santo. Então, o Espírito Santo está sempre aguardando você para continuarmos a tessitura da nossa memória afetiva.

Ana Lourdes Lucena de Sousa

Ana Luisa Lucena Caprini

Aldieris Braz Amorim Caprini

Crato – Ceará, 18 de setembro de 2022.

Caríssima professora Socorro Lucena,

É com imensa alegria que inicio este escrito, cujo objetivo é trazer memórias de alguns momentos que vivenciamos enquanto orientanda e orientadora na Universidade Estadual do Ceará – UECE, momentos esses de aprendizagem, orientação, risos, amizade e alegria.

Aqui ousou despir-me de palavras epistemológicas e permitir-me as “marmotologias” as quais nos envolveram em nossas andanças... Não quero dizer com isso, que a episteme não seja importante. Ao contrário, se não fosse por ela, nunca teríamos nos encontrado e eu não estaria agora registrando fragmentos de momentos lindos!

Quero através desta, agradecer todos os momentos leves e risinhos que tivemos em nossa jornada. Lembro-me que quando cheguei à Fortaleza a senhora abriu as portas da sua casa, sem sequer saber quem de fato eu era, sem ter certeza da minha conduta ou da minha história. Para mim, esse ato generoso foi carregado de aprendizagens, das quais cito: confiança, segurança e afeto! Sentia-me apenas como um “bicho do mato”, recém-chegada do interior, uma pessoa com medo do mundo e do novo. E sem nenhuma palavra, mas com uma grande ação, dizias: “Não tenhas medo, você não está sozinha”.

A partir daquele momento, no início de 2012, sabia que estava distante dos “meus”, mas tinha, sim, com quem contar, com quem aprender, com quem sorrir, com quem tomar café, tomar chá. Eu tinha com quem estudar e tinha com quem miolar¹.... Descobri naquele momento que havia ganho muito mais

¹ Conversas informais, coisas consideradas desimportantes, mas para nós as mais significativas e marcantes.

que uma orientadora. Descobri que ganhara uma amiga de vida e para vida, alguém para “marmotar²”.

Quero, neste registro, agradecer a forma leve com que me recebestes e me conduzistes durante o mestrado e depois dele. A senhora, professora Socorro, é daquelas mulheres preciosas que carregam no meu coração e na minha vida. Pessoa rara, coração bom, ensinamentos necessários e precisos na hora certa, do jeito certo, dado pela pessoa certa.

Lembro-me que em uma de nossas conversas a senhora fazia-me pensar: o que você veio fazer em Fortaleza? E continuava com olhar conselheiro... Preste atenção, você não veio aqui só fazer mestrado. Como a senhora tinha razão e como eu ganhei nessa caminhada formativa! Ainda sobre os bons conselhos sempre dizia: “Não fique apenas trancada estudando. Saia, vá ao cinema, ao teatro, vá à feirinha, à praia, pois, fazer mestrado não é apenas ficar trancada, isolada. A gente precisa conhecer outras coisas, outros lugares, outras pessoas”. Como foi importante ouvir esses conselhos em momentos tão conflitantes e tensos da vida acadêmica.

Dos bons conselhos de vida também escutei: “leia outras coisas, não se prenda apenas a leituras teóricas, não esqueça que elas são importantes, mas leia um poema, escute uma música, dance! Tudo isso ajuda na construção da escrita da dissertação e às vezes, as melhores ideias podem surgir de um poema, de uma música, de uma peça de teatro. Quanta verdade vi e vivi nos seus conselhos. Muitas vezes era a senhora que me conduzia nesses lugares para vivenciar e apreciar tais belezas!

Hoje quero apenas ressaltar a importância da tua passagem em minha vida. A forma leve e segura com a qual fui acolhi-

² Palavra usada por nós em momentos descontraídos, sentido semelhante ao “miolar”.

da e guiada me marcou profundamente. Sou grata por tudo e por tanto! Nada que possa escrever nesta carta expressa dimensão do meu carinho, respeito e admiração por ti. Eu te quero um bem “danado”! E para finalizar este escrito, convido o Manoel de Barros para te homenagear com essas palavras, retiradas do “tratado geral das grandezas do ínfimo”.

A poesia está guardada nas palavras — é tudo que eu sei.

Meu fado é o de não saber quase tudo.

Sobre o nada eu tenho profundidades.

Não tenho conexões com a realidade.

Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.

Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas).

Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.

Fiquei emocionado.

Sou fraco para elogios³.

As maiores grandezas da minha história contigo descobri nos nossos momentos de insignificâncias. Você é muito importante na minha vida e na minha história. Grata, pela tua existência, grata pelos entrecruzamentos de nossas vidas, pelas histórias construídas e vividas. Grata pelos caminhos e descaminhos que me ajudaram e ajudam a minha caminhada de vida formativa pessoal, acadêmica e profissional. Você é grandiosa e muito preciosa.

Abraços apertadinhos....

Ana Maria do Nascimento.

³ BARROS, Manoel de. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**. São Paulo: Leya, 2013.

APRENDIZAGENS

São Luís, 21 de agosto de 2022.

Professora Maria Socorro Lucena,

É com muita alegria e amorosidade que escrevo esta carta pedagógica para agradecer as aprendizagens que me proporcionou durante a minha trajetória formativa e pessoal no Programa de Pós-Graduação em Educação/Doutorado (PPGE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Escrevo aqui algumas dessas aprendizagens a partir de nossos encontros na UECE:

O acolhimento, já no primeiro encontro de orientação no prédio da UECE acompanhando-a em uma aula e posteriormente no almoço. Palavras atenciosas, orientando leituras e autores necessários para pesquisa de Tese. Professora Lucena, como o acolhimento é um importante elemento de permanência do estudante longe de casa. Foi assim que me senti nos três (3) anos de idas e vindas de São Luís-MA para UECE, acolhida.

A escrita coerente, por meio do anúncio, citação e comentários (ACC) na construção textual, explicando sobre a necessidade do texto científico ser construído a partir do anunciar, citar e comentar; demonstrando a importância de ser autor e ator do texto de forma coerente.

A reflexão acerca da escrita docente tem sido reconhecida como importante elemento quando destaca a indissociabilidade entre a teoria e a prática, acima de tudo, a reflexão crítica que possibilita o questionamento diante da realidade contraditória.

A compreensão crítica e de resistência sobre a categoria trabalho, por meio de sua pesquisa de Tese “**A formação contí-**

nua dos professores nos caminhos e descaminhos do desenvolvimento profissional”, discutindo e analisando o trabalho de nós professoras/es como um ofício que é afetado pelo capitalismo.

Foi por meio da belezura de sua Tese que compreendi que o/a professor/a do ensino superior estabelece uma forma de trabalho produtivo sob a égide de um saber cada vez mais especializado em detrimento de suas experiências formativas.

De acordo com os seus escritos (LIMA, 2001), a formação contínua deve estar a serviço da reflexão e da produção de um conhecimento sistematizado, crítico e criativo do professor em relação ao aluno, à escola e à sociedade.

O trabalho colaborativo com o do Grupo de Pesquisa Gdesb (Grupo de Estudos e Pesquisas em Docência na Educação Básica e Superior pela Universidade Estadual do Ceará), que amorosidade, pois o contexto acadêmico deve ser um espaço de socialização e de construção de novos conhecimentos, é o lugar no qual as experiências devem multiplicar-se por meio das discussões teóricas coletivas.

A aprendizagem sobre o compartilhar saberes experiências, quando por meio do artigo “Bases teóricas e metodológicas da escrita na formação do pesquisador: um olhar sobre os diários de formação” em parceria com a professora Elisangela André aponta que é a partir da escrita, da dificuldade inicial de estabelecimento de rotinas de leitura, de apropriação da linguagem e do vocabulário científico que brota a beleza da diversidade de experiências e a construção do conhecimento em diálogo com a realidade.

A dialogicidade com os pares, demonstrando em sua aula em parceria com a professora Marina Cavalcante, que a didática é fazer a conexão entre as dimensões técnica, política, ética e estética da atividade docente, refletindo sobre os sabe-

res que se encontram em relação à formação e à prática dos professores.

E o que dizer sobre a compreensão, quando a senhora professora Lucena me apresentou o professor Elcimar Martins como substituto de orientação de Tese. Daí pensei, deixar de ter a companhia da professora que tanto sonhei como orientadora, autora de livros renomados na área de estágio e docência com a professora Selma Garrido Pimenta, e agora quem é o professor Elcimar?

Depois de pouco tempo, pude compreender quem era o professor Elcimar, um professor assim como eu, vindo da educação básica e que compreende a educação como emancipação. Vindo de Aracoiaba/CE, um profissional da contradição, como afirma Charlott (2000). Gratidão professora Lucena, por ter colocado em meu caminho formativo uma pessoa da melhor qualidade, nas palavras da autora Terezinha Rios.

Freire (2000) coloca que é preciso que tenhamos resistência para nos preservarmos vivos, na compreensão do futuro como problema e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem, é na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos.

Encerro essa carta com a aprendizagem de entrelaçamento com a data de 23 de fevereiro de 2022 na banca de minha defesa de Tese: **gratidão, professora Socorro Lucena**, por fazer parte de minha vida e formação profissional, com palavras sábias e experientes, nos conduzindo para a reflexão de que **somos eternos aprendizes**.

Ana Paula dos Santos Reinaldo Verde

Referências

COSTA, Elisângela André da Silva; LIMA, Maria Socorro Lucena. Bases teóricas e metodológicas da escrita na formação do pesquisador: um olhar sobre os diários de formação. **Notas de aula**. Redenção: Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente – UNILAB-IFCE, 2019.

CHARLOT, B. (2000). **Da relação com o saber: Elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo, Editora UNESP, 2000.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **A formação contínua dos professores nos caminhos e descaminhos do desenvolvimento profissional**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, FEUSP, 2001.

MARTINS, Elcimar Simão. **Formação contínua e práticas de leitura: o olhar do professor dos anos finais do ensino fundamental**. 2014. 192f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2014.

[...] *Tempo, tempo, tempo ...*
Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Entro em um acordo contigo
Tempo, tempo, tempo, tempo [...]
Caetano Veloso¹

SOBRAL-CE, 28 DE AGOSTO DE 2022.

(... um domingo ensolarado, quente com um sol para cada habitante e cheio de afetos, como é Sobral).

Estimada professora Socorro Lucena, saudações!

Expresso que, para mim, é honra, desafio e responsabilidade escrever a você, mulher, mãe, referência e renomada professora que possui larga trajetória profissional dedicada ao magistério, sobretudo no que concerne à Didática e ao Estágio Curricular Supervisionado, ao exercício da docência na educação básica, às práticas escolares, à docência no Ensino Superior e à formação contínua de professores. Tive a oportunidade de ser sua aluna no componente curricular Ensino e Formação Docente do Programa Associado Pós-Graduação – PPGEF da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Por meio desta carta-agradecimento, registro afetuosamente que, durante a realização do componente curricular, tivemos experiências potentes, expressas na métrica de uma poesia, na *composição de destinos*, registrando-se a percepção do TEM-

¹ Poeta, compositor e cantor brasileiro – Caetano Emanuel Teles Viana Veloso nasceu em 1942, no estado da Bahia.

PO vivido ao encontro do devir, na ação existencial do TEMPO, TEMPO, TEMPO.

Essa missiva me permitiu (re)viver um misto de sentimentos e significados experimentados durante o mestrado nas recordações de lembranças, no movimento de quem fui, no aprendizado com você e com todos na perspectiva histórica de quem serei futuramente, na travessia da cortina de um recente TEMPO, compositor de destinos, uma mandala da vida, composta de áreas do viver: saúde, finanças, espiritualidade, lazer, família, trabalho, amigos e amores.

Ademais, ao rememorar um tempo passado que parece ter sido ontem, meu presente é reluzido pelo TEMPO, que me fez aprender com você a força e importância do coletivo, ou seja, de perceber a sutileza e os mistérios do coletivo. Em outros termos, viver a formação no espaço grupal exige de mim e do outro abertura, remetendo-me à 'forma' no sentido de ser maleável, já que eu aprendo a me colocar na/de forma a enxergar, dialeticamente, o bom, o que não é bom, por intermédio da problematização, da análise. Outrossim, eu aprendi com você que o conhecimento realimenta a minha formação, dando a mim a titulação, porém, para além de um título, a formação deve me proporcionar a humanização, considerando todas as vozes, TEMPOS, espaços de falas, inclusive dos sujeitos com concepções, vozes, tempos e espaços diferentes do meu.

Desta feita, viver esse processo de humanização destacado por você vai ao encontro das palavras ditas por Paulo Freire ao registrar que "existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar". A convivência com você, prof. Elcimar Martins, profa. Elisangela André, profa. Sinara Mota, demais professores e

colegas do mestrado, anunciou em/para mim as possibilidades de descortinar os elementos de um mundo mais humanizado, abrindo-se um novo jeito de olhar o mundo de possibilidades de mudanças e de uma vida com mais cores, sabores, sensibilidades e perspectivas, de forma a incitar o reconhecimento dos saberes experienciais do outro, os quais, mesmo atrelados a pessoas cada vez mais desumanizadas pela opressão vivida na nossa sociedade, existem, pulsam e teimam em germinar quando encontram colo, escuta, espaço, TEMPO e amorosidade.

E foi nesse TEMPO intenso e bem vivido de mestrado que a minha escrita científica foi aprimorada e continua em desenvolvimento, período que aprendi a ANUNCIAR, CITAR e COMENTAR ao elaborar um fichamento, a entender a problematização como o eixo central da pesquisa, bem como a compreender que o pesquisador não está isento da dor, precisando interrogar-se sobre o que dói, porque só validamos a pesquisa quando refletimos e a compreendemos. Esse movimento convida à desconstrução do texto, possibilitando o desenvolvimento e a retomada do título em busca das palavras para contextualizar e trabalhar o ACC, na captação da essência das palavras; quando eu leio, eu ficho, eu escrevo.

O TEMPO foi suficiente para eu te enxergar como mulher aguerrida, militante, filha de Aurora, município cearense, comprometida com a missão de educar, a partir do que me ensinou sobre a formação de professores, que deve ser efetiva, afetiva e contínua, com intencionalidade de ser uma educação humanizadora e transformadora, em concordância com você e Selma Garrido Pimenta, a qual sinalizam o Estágio como relevante para a formação de professores, pois é um campo de conhecimento, “[...] uma atividade de pesquisa “componente curricular e eixo central nos cursos de formação de professores e apresenta os as-

pectos indispensáveis à construção da identidade, dos saberes e das posturas necessárias”. (PIMENTA; LIMA, 2017, p. 25).

Minha gratidão a você, professora Socorro Lucena, por todos os conhecimentos construídos neste período convivido, aos professores Elcimar Martins e Elisangela André pela oportunidade de escrever essa carta pedagógica. É motivo de felicidade e orgulho. Destaco, ainda, que a escrita de carta pedagógica tem desvelado em mim a dialogicidade, possibilidade de reflexão partilhada, visto que a natureza desse gênero textual exige o meu compromisso como remetente e com o destinatário. Nesse processo, vislumbro desde o seu recebimento até o instante em que você lerá, na preocupação de como as palavras chegarão até você e de como elas te encontrarão, no compromisso da escrita com o que eu escrevo.

Querida Professora Socorro Lucena, selo a minha carta fazendo um pedido no TEMPO de DEUS por meio das palavras de Caetano Veloso...

[...] És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo, tempo, tempo, tempo
Vou te fazer um pedido
Tempo, tempo, tempo, tempo

[...] TEMPO, TEMPO, TEMPO, conceda-me a dádiva de estar neste mundo com a certeza nas incertezas de ser uma professora com identidade profissional fundamentada no diálogo, na escuta sensível, no afeto e na amorosidade de me tornar uma exímia docente a sua altura, acreditando na transformação causada pela educação.

Um abraço cheio de gratidão,

Ana Paula Martins Farias Vasconcelos

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria Socorro Lucena. **Está-gio e Docência**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

ALAGOINHAS - BA, 26 DE SETEMBRO DE 2022.

Minha cara Socorro Lucena, uma querida.

34

É com grande alegria que escrevo essa carta para dizer da beleza que é a nossa amizade e como foi bom conhecê-la pessoalmente. Meu primeiro encontro contigo aconteceu através de seus textos sobre docência e estágio. Ali, pude me deliciar com uma escrita tão sensível, real e aprimorada sobre o processo de formação inicial e continuada. Mas não era o bastante. Desejava conhecer essa mulher, professora, amorosa e intelectual. Então, busquei meios para chegar até você, pois sua presença já era marcante nas minhas aulas, nas quais você tornou-se onipresente. O mesmo ocorrendo nas minhas reflexões e escritas acadêmicas, e escritas de meus estudantes de Estágio Supervisionado, bem como nas orientações de TCC, IC e teses.

Nessa trajetória da docência, tive a oportunidade de conhecer a professora Selma Garrido Pimenta e através do contato dela pude falar contigo por *e-mail*. Naquele momento lhe fiz um convite para participar do *I Colóquio de Prática Pedagógica e Estágio* que estávamos organizando no grupo de Estágio do Colégio de Letras. E você, gentilmente, me respondeu que não poderia vir por um motivo pessoal, como consta no *e-mail* de 18 de julho de 2010 enviado por mim para seu endereço (socorro_lucena@uol.com.br), o qual transcrevo:

Profª. Dra. Maria Socorro,

Já conheço suas obras e tenho prazer de convidar para abrilhantar a abertura do nosso evento, proferindo uma conferência no nosso primeiro Colóquio intitulado **I COLÓQUIO DE PRÁTICA PEDAGÓGICA E ESTÁGIO: COTIDIANO ESCOLAR E AS PRÁ-**

TICAS EDUCATIVAS – CENAS DE ESCOLA que acontecerá nos dias 3, 4 e 5 de novembro.

Para nós será um grande prazer tê-la aqui, no Campus II – UNEB – Departamento de Educação, na cidade de Alagoinhas, BA. Aguardo o retorno, Áurea.

E você, Socorro, foi extremamente generosa comigo. Naquele momento virtual, eu experimentei a humildade de uma mulher, professora, intelectual. Raras vezes encontramos em nossas trajetórias pessoas humildes e generosas como você. No *Colóquio de Prática Pedagógica e Estágio*, em 2012, novamente tentamos trazê-la para Alagoinhas, mas você não pôde. Então, apelamos para a professora Selma, que abrilhantou nosso evento de forma muito linda.

Entretanto, o nosso contato não terminou ali. Através do convite feito a você, iniciou-se uma forte amizade e você, de forma generosa, me presenteou com uma obra de sua autoria, *Estágio e aprendizagem na profissão docente*. Que alegria pude sentir, pois você gentilmente pediu meu endereço e enviou o exemplar pelos Correios. Quanta generosidade. Sentia tanta intimidade nas suas palavras que parecia sermos amigas há muito tempo.

Iniciamos a preparação do *III Colóquio de Prática Pedagógica e Estágio*, em 2015, e estendemos o convite a você, que aceitou, mas infelizmente não pôde vir por conta da organização do ENDIPE. Entretanto, me oportunizou conhecer Elisângela André da Silva Costa com as seguintes palavras: “Aurea, querida, indico uma ex-orientanda minha, que tem escrito artigos comigo neste últimos tempos. É professora concursada da UNILAB: Elisângela André da Silva Costa”. E a indicação de Elisângela foi um presente para as nossas discussões.

Socorro, você é uma intelectual amorosa que faz bem a todos que estão à sua volta e nos ensina com humildade. Mas a

36

nossa trajetória compartilhada ainda não terminou e você participou do *IV Colóquio de Prática Pedagógica e Estágio*, em 2017, aqui no campus II, Departamento de Educação, da UNEB, abrilhantando nosso evento. Sua presença em Alagoinhas naquele momento nos inspirou a realizar o próximo evento na Universidade Federal do Maranhão, tendo Marise Marçalina Rosa como representante do evento que iria acontecer em 2019. Devido a cortes do Governo, o evento não aconteceu. Estivemos juntas no ENDIPE, realizado em Cuiabá em 2016 e, no evento, realizamos o lançamento do livro *Estágio e prática pedagógica: letramentos e tecnologias digitais na sala de aula*, o qual construímos juntas. Mas nossas trajetórias não foram finalizadas. Durante o período em que estivemos ali, fizemos uma reunião na Casa do Artesão. A Casa do Artesão é administrada pelo SESC que apresenta aos visitantes o melhor do artesanato mato-grossense. Naquela reunião, estavam presentes a professora Maria Socorro Lima, professora Risonete Almeida, professor Adilson Correia, Elisângela André, Marise Marçalina Rosa e a professora Áurea Pereira. Ali naquele lugar, nós conversamos sobre o formato da Rede de professores de Estágio no Norte-Nordeste.

Quero dizer que esse movimento foi inspirado nas ideias da professora Arlete Viera da Silva, *in memoriam*. Lembro-me que essa ideia teve início com a vinda de Elisângela André, em 2015, como se pode ler:

Prezada professora,

Por indicação da prof. Lucena estamos convidando-lhe para participar do nosso III colóquio que acontecerá nos dias 21, 22 e 23 de outubro. Sua participação será para participar de uma mesa no dia 22/10/15, discutindo sobre o letramento digital na sala ou no estágio supervisionado.

Ficamos aguardando o retorno

Att.

Áurea

Recordo-me que, nesse evento, as professoras Arlete Vieira e Marise Marçalina Rosa participaram, juntamente, com Elisangela André. Foi quando passamos a conversar sobre um movimento maior na área de Estágio. Nesse momento, quero propor a retomada da discussão com os colegas militantes de Estágio. E você é nossa referência principal.

Quero te agradecer pelas contribuições dadas no processo de formação inicial e continuada da docência e por todos os presentes a mim agraciados pela sua generosidade; pelo capital cultural e intelectual; pelas aprendizagens compartilhadas através de artigos e livros; palestras e seminários; e pelas pessoas que conheci através de nossa trajetória, com parceria e amizade de Elisangela André e Elcimar Martins.

Aqui, finalizo a carta, propondo um novo encontro para retomar nosso Movimento em Rede de Estágio e, também, agradecer pela sua bondade. Um grande abraço, saudades e até breve.

Obrigada pela consideração,

Aurea da Silva Pereira

Departamento de Linguística, Literatura e Artes, Campus
II – UNEB

CAPISTRANO-CE, 31 DE AGOSTO DE 2022.

Querida professora Socorro Lucena

Ao iniciar esta carta me lembro de Chico César e do seu Estado de Poesia. Foi esse estado de poesia que faz sentido para mim até hoje.

*Para viver em estado de poesia
Me entranharia nestes sertões de você
Para deixar a vida que eu vivia
De cigania antes de te conhecer*

*De enganos livres que eu tinha porque queria
Por não saber que mais dia menos dia
Eu todo me encantaria pelo todo do seu ser
Pra misturar meia noite meio dia
E enfim saber que cantaria a cantoria
Que há tanto tempo queria a canção do bem querer*

*É belo vê o amor sem anestesia
Dói de bom, arde de doce, queima, acalma
Mata e cria
Chega tem vez que a pessoa que enamora
Se pega e chora do que ontem mesmo ria
Chega tem hora que ri de dentro pra fora
Não fica nem vai embora é o estado de poesia.*

Talvez não tenha tantos anos de vivência com a senhora, mas o pouco que tenho aprendi tanto e guardo dentro do meu coração. Ao adentrar no curso de graduação, lá na UNILAB, nem

imaginava as dimensões do ser e fazer docente. Fui cursar Estágio e fazia as leituras de uma certa autora cearense denominada Lima (2012). A leitura era ótima! Mas eu não compreendia o motivo de realizar um estágio se eu já era bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. A minha falta de conhecimento me fez achar que já compreendia tudo sobre a escola e passei a negar o estágio.

Nosso encontro pessoalmente se deu no dia 17 de dezembro de 2015, por ocasião da I Mostra de Estágio Supervisionado na UNILAB. A senhora foi participar da Conferência de Abertura, dialogando sobre os estágios. Não perdi a oportunidade de estar frente a frente com a autora Lima. No momento que foi passado a fala para os participantes, eu prontamente indaguei sobre o movimento de aproveitar o PIBID como estágio. A resposta não foi satisfatória! Fiquei reflexivo naquela época.

Porém, o mundo não nos cansa de surpreender! Em menos de um ano fui contemplado com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, pesquisando o componente Estágio Supervisionado e a Construção da Profissionalidade Docente. Adentrei nas leituras sobre estágio e fui me apaixonando cada vez mais. Como diz Chico César, fiquei em estado de poesia. Depois de um ano nos encontramos novamente em outra Mostra de Estágio. Dessa vez estava na primeira fila ansioso por dialogar com a senhora sobre estágio. Nesse mesmo dia fomos apresentados formalmente pela minha orientadora, a professora Elisangela André. Ali começou uma linda trajetória acadêmica que foi trilhada conjuntamente.

No dia da minha defesa da monografia, estava a senhora presente em minha banca e teceu lindas considerações sobre meu trabalho que trazia o Estágio como temática. E ao final da sua fala afirmou: “nasce um pesquisador de Estágio!”

Com a senhora comecei a utilizar a definição de linhagem teórica. Sempre brincávamos, lembra? Selma orientou Socorro que orientou Elisângela que orientou Bruno. Nossa linhagem teórica, somente nossa (risos). E a senhora idealizou o encontro dessa linhagem. “Vamos para o ENDIPE!” E fomos!

Lá em 2018, estávamos nós na Bahia, no XIX ENDIPE. Ao terminar a Conferência de Abertura, a senhora nos guiou até a professora Selma e foi me apresentar e explicou sobre a nossa relação e neste dia tiramos a tão famosa foto da linhagem teórica.

Para mim, foi motivo de orgulho! Nem posso mensurar a alegria que senti. E assim é a senhora professora Socorro: motivo de alegria para nós que temos o prazer de conhecê-la. Tanta sabedoria, tanta alegria de viver, tanta compreensão que ultrapassa os muros da Universidade.

Lembro-me quando passei na primeira fase do Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade Federal do Ceará. A senhora me parabenizou e sentou comigo para me orientar para as próximas etapas. Me ensinou algo sobre nosso “Padim” Padre Cícero que eu não sabia: ele encaminha as pessoas para o mundo do trabalho. E a ele me apeguei! Me ensinou a Oração da Língua Benta de Santo Antônio. Até hoje uso nos meus processos seletivos. E ao lembrar, recordo-me de Socorro Lucena, uma nordestina, cearense, cariense, mulher de fibra que ganhou o mundo, sem jamais esquecer suas raízes. Essa lição a senhora nos ensina com muito orgulho, jamais podemos esquecer de onde viemos. Assim entrelaçamos nossa vida, nossa formação e nosso trabalho.

Ao adentrar no curso de Doutorado na UECE, a senhora muito me parabenizou e encorajou para prosseguir em minha trajetória acadêmica. Com prazer fui seu aluno na disciplina de Formação, Didática e Trabalho Docente. Na primeira aula, a se-

nhora perguntou: “Bruno, o que você quer aprender nessa disciplina?” De fato, queria aprender muita coisa com a senhora. Mas só em estar naquele ambiente já me bastava.

Na aprovação na seleção de professor substituto a senhora também estava festejando e me dando conselhos valiosos para a minha jornada. Trabalhei a práxis com meus estudantes e lhe convidei para conversar com eles. Foi uma conversa maravilhosa com direito a uma bela viagem pela sua história de vida.

Para além da academia suas lições nos ensinam que ser docente não é apenas dominar e repassar conteúdos, é ir além, é levar a dimensão afetiva para nossos estudantes. É levar aquele abraço afetuoso carregado de sonhos. É entender que preciso refletir sobre as minhas ações e preciso continuar revendo minha práxis.

É querida Socorro, são tantos ensinamentos que não cabem dentro de uma carta. São vivências que guardo em minha trajetória. É minha linhagem teórica que tanto me orgulha! Fico muito feliz em poder escrever essas simples palavras para falar, diga-se de passagem, de uma pequena convivência comparando com outros, para dizer o quanto lhe tenho amizade e estima. Espero que outras conquistas minhas, poder contar a senhora e ouvir seus sábios conselhos sobre a docência, sobre a vida e sobre nossa formação contínua. Que ainda possamos escrever muitos episódios de vida e sempre compartilhar de sonhos e conhecimentos acerca de nosso elo comum: o estágio supervisionado!

Abrços afetuosos!
Com carinho,

Bruno Miranda Freitas

FORTALEZA, CEARÁ, 15 DE SETEMBRO DE 2022.

Querida professora Socorro Lucena,

Venho por meio desta carta expressar minha gratidão pelo nosso encontro na jornada da vida. Tive o privilégio de lhe ter como orientadora e grande mestra no meu processo formação docente e humana, me lapidando com muita paciência, dedicação, amor e carinho para eu me tornar um professor da melhor qualidade, como você gostava de dizer.

Lembro-me de quando comecei a frequentar seu grupo de estudo, em 2014. Tinha o intuito de ingressar no curso de mestrado, mas, por ter vindo de uma universidade privada, não me foram oportunizados os processos de iniciação científica como desejava. E foi a senhora que me acolheu e despertou em mim a paixão pela docência e pela pesquisa, me explicando de início que para eu ingressar em um curso de pós-graduação stricto sensu, precisaria fazer primeiro um plano de vida. Essa foi uma das minhas primeiras orientações, a qual aconteceu no salão de festa do prédio de sua residência, regada a coca cola e deliciosos biscoitos. Fazer um plano de vida seria fundamental para que eu entendesse e materializasse o caminho que eu precisaria percorrer para chegar no meu objetivo, pois, de acordo com a frase que você escrevia no final desses planos e que eu nunca esquecerei, “Quem sabe onde quer chegar encontra um caminho e um jeito de caminhar”.

Deste modo, consegui ingressar no mestrado, dando sequência ao meu processo de tornar-me professor. A primeira lição que recebi da senhora consistiu em planejar uma aula, que envolvia a escolha de um bom método e avaliação, pois, como sempre enfatizava, um bom professor tem que ancorar sua aula

nos três momentos da ação didática: planejamento, metodologia e avaliação. Realizei o Estágio Docência e outros de forma voluntária, com o intuito de apreender e colocar em prática tudo que me ensinava, como um mestre que prepara seus discípulos para o combate. Eu acho que funcionou, pois, com o passar do tempo, os colegas de sala diziam que eu era a “Socorro Lucena de calças”.

Uma das experiências que marcou nossa relação foi a forma que a senhora tratava os alunos em sala de aula, fazendo com que as experiências pedagógicas nunca acontecessem da mesma forma. Você sempre procurava entender o mundo de cada aluno que estava a sua frente, de modo a tornar o conteúdo acessível e significativo, fazendo com que todos participassem de forma coletiva dos processos de ensino e aprendizagem. Recordo-me que toda turma que a senhora ministrava aula tinha um momento que era chamado “benção das agendas”, no qual todos os alunos traziam uma agenda e, em seguida, tinha um momento reflexivo, juntamente com uma oração. Você sempre dizia o quanto era importante termos uma agenda para planejar nosso dia a dia.

Desta forma, comecei a perceber na prática, através dos seus movimentos em sala de aula e por meio dos saberes da experiência compartilhados comigo, o que autores da educação defendiam a respeito da aprendizagem: para haver aprendizado, precisa ter vinculação entre o professor e aluno. Foi através dessas vivências que aprendi como acontece o ensino com pesquisa o ensino de forma colaborativa.

Ao terminar o mestrado, ingressei no doutorado, etapa da minha vida acadêmica que tive a grande oportunidade de continuar sendo orientado por você, professora Socorro. Essa fase foi marcada pelo “estado de pesquisa”. A senhora reuniu seus orientandos e disse que para escrever uma tese era preciso estar

em estado de pesquisa. De acordo com você, a significação desse termo foi inspirada por uma música do Chico César, denominada de estado de poesia. No nosso caso, o estado de pesquisa consistia na preparação para a investigação. Como você nos ensinou, realizar uma pesquisa envolve mais do que pesquisar, mas tudo relacionado à organização para sua execução. E isso levava em consideração coisas simples como ter um local de estudo, organizado e decorado com tudo que gostamos, tendo em vista que seria um ambiente no qual estaríamos todos os dias para escrever. Como a senhora chamava “a sagrada meia hora de escrita de todos os dias”. Além disso, outro aspecto importante que aprendi com você referente ao estado de pesquisa é que necessitamos escrever sobre algo que gostamos, ou seja, precisamos ter alguma relação com o que estamos investigando.

44 Durante o período do doutorado, a senhora me ensinou que, para eu ser um bom doutor, precisaria aprender a orientar uma pesquisa. Desta forma, comecei a construir e reconstruir artigos, teses e dissertações para entender a lógica de cada tipo de escrita. No meu aniversário de 2018, você me deu um livro da professora Débora Diniz, intitulado “Carta de uma orientadora o primeiro projeto de pesquisa”, que até hoje utilizo como referência. Esse livro tinha como objetivo guiar o primeiro encontro entre orientador e orientandos, através de uma carta de boas-vidas de uma orientadora para seus orientados. Nesse livro, a autora justificou a escolha do gênero carta, destacando o seguinte: “Por que carta? Porque orientar é comunicar-se por histórias, saberes e experiências. Orientar é ler atentamente e ouvir delicadamente” (DINIZ, 2012, p.12). Diante da fala da autora, percebi a relação da concepção da autora sobre orientação e a forma que você conduzia a relação com seus orientandos, uma vez que, sempre procurou entender as histórias de vida, os saberes de experiência

que cada um trazia consigo, escutando de forma delicada e sempre atenta ao escrito e ao vivido.

Diante desta lista de alguns aprendizados que obtive durante esses anos convivendo com você, não poderia deixar de citar os aprendizados referentes a como se preparar para um concurso público, os quais nunca aprendi em nenhuma instituição de ensino. Você me ensinou como escrever um texto em uma prova, como me comportar e me organizar para prova didática e a investir no meu currículo, sempre dizendo: “Quem não tem uma grande herança, nem um grande capital, tem que correr para o edital”.

Destarte, gostaria de encerrar essa carta ressaltando o que prometi no início dela, expressando meu sincero e profundo agradecimento por todos os ensinamentos, caridades pedagógicas e, principalmente, por ter acreditado em mim. Saiba que minha vida se transformou depois que lhe conheci e se eu cheguei até aqui é porque tive uma Professora chamada Socorro Lucena que me tornou no Professor Alexandre Holanda.

À mestra com carinho,

Carlos Alexandre Holanda Pereira

Referência

DINIZ, Debora. **Carta de uma orientadora**: o primeiro projeto de pesquisa. Brasília: Letras Livres, 2012.

FORTALEZA - CEARÁ, 16 DE SETEMBRO DE 2022.

Mamãe,

A senhora mais do que ninguém me conhece e sabe que eu não sou bom nem nas palavras escritas, tão pouco, nas palavras faladas (até mesmo conversar ao telefone me gera nervosismo). Porém, esse meu jeito torto de amar e lhe querer bem me faz... me “força” (de vontade própria) a querer contar essa história tão nossa para trazer beleza ao mundo.

Talvez, para muitas pessoas, pareça uma história boba sobre um menino e sua mãe indo fazer coisas do dia a dia. Essa história é muito maior, ela mostra toda a relação que desenvolvemos (você e eu, ‘Meu Doce’) por toda uma vida juntos.

Talvez, para algum outro leitor desta carta que não nasceu na cidadezinha de Juazeiro do Norte (extremo sul do Ceará) ou não teve a oportunidade de visitá-la, não saiba que subir da Matriz para o Centro da cidade deve ser feito evitando as avenidas principais. Especialmente, se você está levando seu filho pequeno (“Vaval, meu filho” – meu apelido) pelas calçadas estreitas, mediadas pelas subidas íngremes e o sol forte da região. Nada disso seria muito diferente de todas as pequenas cidades da Região do Cariri se Juazeiro não fosse inundada a época de postes de luz, literalmente no MEIO das calçadas.

Não sabia exatamente da importância do seu trabalho, mas sabia que a senhora trabalhava muito e sempre estava ajudando as pessoas que vinham a nossa casa pedir ajuda. Então, cada minuto nosso (sem o resto da família ou amigos), especialmente, nas pequenas coisas do cotidianas como: tirar uma foto 3x4, tomar vacina, ir à missa ou mesmo ir cortar o cabelo – coisas que eu mais dava trabalho para ir, porém, eram, por mim, muito

valorizados. Nunca foi uma questão de tempo e sim de qualidade em estar lá de verdade, o que era o caso todas as vezes.

Dessa forma, eu nunca queria soltar a sua mão em nenhum momento – coisa que a geografia local de nosso trajeto, que a senhora chamava de “pequenas aventuras”, não permitia como dito há pouco.

Assim, Mainha inventou a brincadeira mais legal de todas, uma brincadeira que era só nossa, nem mesmo meus irmãos ou primos poderiam participar, pois era só nossa, chamada de: “quebrar o poste”. Essa brincadeira consistia em andarmos de mãos dadas pelas calçadas, quando víamos um poste em nosso caminho apertávamos as mãos um do outro com força, então, de mãos dadas batíamos as mãos (de levinho para não machucar).

Em seguida, ao caminharmos em direção ao poste, nos olhávamos soltando as mãos e gritávamos: “quebrei o poste!”, imediatamente, nossas mãos logo se reencontravam para seguirmos o caminho de mãos dadas.

Todos esses episódios, na minha mente infantil, eram fantásticos, pois, para mim, éramos super-heróis, a exemplo daqueles da tv. Tão fortes que juntos teríamos a força de ir por aí derrubando os postes com nossa super força... pois, nem mesmo aquelas construções de concreto e aço poderiam impedir que déssemos as mãos. Nossas mãos sempre se reuniam novamente, então, estávamos juntos mais uma vez para quebrar quantos postes estivessem em nosso caminho.

Sei que mesmo em meio às inúmeras risadas que dávamos juntos, para senhora, devido a criação rígida do vovô e da vovó, essas demonstrações públicas de afetos nem sempre eram fáceis. Esse seu esforço por mim, faz dessa história ainda mais significativa.

Vou me despedindo com esse singelo relato de uma parte da nossa relação que se construiu e se constrói ao longo de to-

dos esses anos. Juntos de mãos dadas e enfrentando obstáculos da vida. Por vezes, quando necessário, soltando brevemente as mãos, mas somente “para derrubar ou transpor as dificuldades” (os postes) para logo em seguida, darmos as mãos novamente e seguirmos a nossa estrada da vida.

Obrigado por seu conhecimento, inteligência emocional, superação e amor. A vida toda estarei sempre segurando a sua mão, quebrando todos os postes só porque sei que em seguida, por maior que seja o “poste”, estarei novamente segurando a sua mão. Te amo!

Atenciosamente,

Vaval

FORTALEZA, 05 DE SETEMBRO DE 2022.

Querida professora Socorro,

Esta é a primeira carta que te escrevo e confesso, não tenho o hábito de escrever cartas. Somado a minha falta de habilidade, a falta de tempo tem sido um inimigo diário... os inúmeros afazeres com trabalhos (sim, mais de um trabalho!), casa e filhos têm sugado meu tempo de tal forma, que os dias vão se passando sem que eu me dê conta. É como uma vez li em uma postagem no Instagram: “Mulher sobrecarregada não faz revolução. Não faz arte, não faz política, não experimenta o ócio que cria e reinventa. Produz muito, vive pouco. Conta nos dedos os minutos de silêncio enquanto grita, emudecida, a sua exaustão”. (Leila Malta – @lellamalta)

Mas hoje, parei tudo o que estava fazendo de trabalho e resolvi escrever esta carta e deixar documentado o quanto a vida foi generosa em proporcionar o nosso encontro. Documentar a nossa história é importante, nos permite eternizar nossas lembranças atravessadas por afetos e crescimento mútuo. Socorro, eu construí um afeto por você e por nossa história e em muitos momentos desta carta irei repetir esta palavra sem medo de ser redundante, ou cansativa. As nossas memórias documentadas nas lembranças atravessadas por nossos afetos são a base de construção desta carta que agora escrevo.

Te conheci por intermédio da Ana, entramos na mesma turma de mestrado em Educação Brasileira, na Universidade Federal do Ceará, lembra? Naquela época eu era uma arquiteta que tinha acabado de “cair de paraquedas” no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará. Não conhecia ninguém da educação, quase nenhum teó-

rico... talvez só Paulo Freire e o Tomaz Tadeu da Silva (que eu tinha acabado de ler para fazer a prova de seleção do mestrado).

Naquela época eu não tinha noção do que significava o nome Socorro Lucena para o campo da Educação, mais especificamente para a Formação de Professores, parece até brincadeira, mas era verdade... como diria o poeta Manoel de Barros “há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas”!

Para mim você era apenas a mãe da Ana Lourdes e isso me bastava, era o suficiente para convidar-te a fazer parte da minha vida, fazendo com que nossas histórias ficassem marcadas pelos afetos que, posteriormente, inevitavelmente, nos atravessariam.

Demorou teeeeeempo para entender porque os colegas de turma te chamavam de “minhas aspas” (huahuahuahuahua!), até que um dia tive coragem de perguntar para Ana o porquê disso. Somente então, tive noção da grandeza que o seu nome representa para a educação brasileira. Nossa aproximação foi despretenhiosa, sem currículo lattes e sem aspas, permeada por afetos, boas risadas e tarô (adorava quando colocava as cartas para mim!).

Foi você que me iniciou no campo da pesquisa, quando convidou-me a participar do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Educadores – GEPEFE, em 2009, experiência única que transformou minha relação com a sala de aula.

Nos dinâmicos encontros realizados, deparei-me com leituras instigantes que me motivaram a refletir sobre a minha prática docente na perspectiva da práxis pedagógica. Sempre acreditei na pesquisa e na docência como troca, não somente de saberes, mas também de sentimentos, de visões de mundo e de experiências. O GEPEFE me proporcionou isso. Muito obrigada!

Mas, a experiência mais gratificante que pude ter ao seu lado foi o meu estágio de Pós-Doutorado, onde tive a honra de te ter como supervisora. Eu queria voltar a produzir no campo da

Arquitetura, sem deixar a docência e a formação docente e dessa fusão saiu o título do meu plano de trabalho: Arquiteto-professor ou professor-arquiteto? Compreendendo os processos formativos dos professores dos cursos de arquitetura e urbanismo do Estado do Ceará. Você apostou não somente nesse trabalho, você apostou em mim! Porque é da sua natureza acreditar nas pessoas, apostar nas suas ideias, sonhos, projetos. Pessoas sempre estão à frente das coisas, dos qualis e da Plataforma Sucupira.

Esse trabalho rendeu um artigo, O arquiteto-professor: a opção pela docência dos arquitetos urbanistas do Estado Ceará, publicado na revista Educação da UFSM, Qualis B1, do qual me orgulho muito. No entanto, não foi somente isso que a nossa parceria rendeu nesse pós-doc, além das publicações, quero trazer à memória o seminário temático que foi realizado para os alunos e alunas de mestrado de doutorado do PPGE/UECE, intitulado “Charge, cartum e HQ, lembra?”

Era o meu sonho levar as histórias em quadrinhos para dentro da universidade, principalmente para o ensino superior. Sinceramente, nunca achei que alguém iria me dar a oportunidade de mostrar o potencial das HQs em um programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, e mais uma vez você acreditou em mim! Lá estava eu, no Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Estadual do Ceará realizando oficina de produção de quadrinhos com os estudantes. Tive a experiência de realizar trabalhos de desenhos, colagens, tirinhas, entre tantos que resultaram na publicação do fanzine Lattes. Um fanzine como trabalho final da disciplina de um curso de mestrado e doutorado. Achei revolucionário!

Por fim, e não menos importante, queria terminar esta carta falando o quanto me orgulho de ter tido a oportunidade de crescer ao seu lado, de ter desfrutado da sua amizade e geniali-

dade. Falando em genialidade, preciso deixar aqui registrado que você foi genial com o lance das cartas como elemento de formação de professores.

Eu particularmente acredito que ao enxergar a carta como elemento de formação de docente, você possibilitou uma prática pedagógica que pode ser facilmente aplicada da zona rural à metrópole, porque se utiliza desse elemento que é de fácil acesso a todos (a carta), logo, essencialmente inclusivo e decolonial.

Decolonial porque ao invés de olhar para os modelos estrangeiros, cheio “das palavras difíceis”, você teve a sensibilidade de olhar lá para o seu local de origem (citando mais uma vez Manoel de Barros “quem se aproxima das origens se renova”), o município de Aurora, localizado no interior do Estado do Ceará, onde a tecnologia digital deve ter demorado a chegar, e percebeu na carta – que pode ser escrita por qualquer pessoa, a mão e em até papel de pão! – um grande potencial de formação, e isso foi genial! Aliás, eu acredito que a genialidade está exatamente aí, na simplicidade e no cotidiano da vida. Você é simplesmente genial!

Tudo o que aqui escrevo é sobre amor, afeto e gratidão.
Um cheiro grande, minha comadre.

Cláudia Sales (Claudinha)

<https://www.revistabula.com/2680-os-10-melhores-poemas-de-manoel-de-barros/>

HORIZONTE, 15 DE SETEMBRO DE 2022.

Estimada professora Socorro Lucena

Escrevo este pequeno texto como gesto de afeto, estima, gratidão e respeito que tenho pela senhora desde os primeiros momentos em que o destino lhe colocou em meu caminho de formação profissional e pessoal. Espero que esteja bem e ao ler as palavras que seguem e possa perceber alguns dos sentimentos que nutro em relação a você.

Acredito que a família é um dos maiores alicerces na vida do ser humano. Ela é o sustentáculo, amalgama que tem o poder de cimentar nossas bases nesse mundo e motivar a buscarmos sempre o melhor para nós e os semelhantes à nossa volta. Sem uma família que verdadeiramente nos apoie, tudo o que almejamos parece mais distante e difícil de alcançar. Aliado a isso, o amor, mais nobre de todos os sentimentos, promove o fortalecimento dos laços familiares, permitindo a aproximação entre indivíduos, enaltecendo em cada ser o desejo de ajudar, partilhar e perseverar. Desde antes de a conhecer pessoalmente nas salas da Universidade Estadual do Ceará – UECE, percebia essas relações intrínsecas em sua vida. Você mesma me relatou que sem o apoio de vosso pai José Bernardo e de vossa querida mãe Maria de Lourdes não teria conseguido *rasgar espaços sociais com ousadia e desafio*¹ e se tornar referência em nível nacional como professora.

Tais aspectos são os grandes pilares que admiro em sua pessoa e que a tornam um ser humano singular: amor ao exercício

¹ LIMA, Maria Socorro Lucena. **A formação contínua do professor nos caminhos e descaminhos do desenvolvimento.** (Tese de doutorado). Faculdade de Educação – USP, 2001

profissional, dedicação ao próximo tanto no campo da docência e/ou pessoal, estudiosa, defensora aguerrida que a tornaram referência no Brasil no ramo da Didática. Essas diferenças te fazem se destacar dos demais pesquisadores e te tornam tão excepcional que são raros os estudantes universitários no campo da Educação que não leram um artigo de tua autoria ou não tem um de seus livros como exemplar de cabeceira, ou ainda, que não a tenham citado em alguma dissertação, tese, artigo científico ou livro.

Acredito piamente que por ser a primogênita do casal José e Maria, bem como a vida simples no interior cearense, a exemplo desse amigo que te escreve, contribuíram para moldar sua personalidade humilde e ao mesmo tempo ousada. Esses mesmos princípios te conduzem ao longe, sem negar tuas raízes. Como você mesma disse, *vim do sertão ao litoral*², mostrando que não sente nenhum constrangimento em mostrar suas origens ao mundo.

Nos momentos que Deus propiciou nos encontrarmos para tomar um café tive a satisfação de ouvi-la rememorar o passado interiorano com a mesma felicidade angelical de uma criança. Grata pelos momentos que passou ao lado dos amigos de infância, das brincadeiras com os irmãos e colegas de escola, dos causos com Jaime (seu irmão), pelos conselhos valorosos de vossos pais, em especial da dona Maria de Lourdes que sempre relembrava a história de você ser mulher e como primeira filha deveria ser exemplo para os demais irmãos.

Não poderia deixar de lado, nesse momento, os ensinamentos para a minha profissão e certamente para uma legião de professores que tem na figura da professora pesquisadora Maria

² LIMA, Maria Socorro Lucena **Entrevista concedida a Francisca Mayane Benvido dos Santos**. Fortaleza, 02 mar. 2018. Duração: 45 min.

Socorro Lucena Lima escopo para sua carreira. Nesse sentido, a vivência cotidiana com a realidade da escola e dos alunos pelos quais somos responsáveis nos conduziram a buscar caminhos de superação e procurar alternativas teóricas e práticas para a superação de desafios e dificuldades. Assim, a partir da filosofia educacional que defende, pude perceber que o professor estará contribuindo, transformando, sendo modificado na medida em que se permite mudar e conhecer a si mesmo como sujeito de evolução constante. Em outras palavras, pudemos nos ressignificar, à medida que contribuimos para o processo formativo de tantos outros que nos confiaram a vultuosa tarefa do magistério. Em suma, *ser professor envolve saber quem são as razões pelas quais faço o que faço e conscientizar-me do lugar que ocupo na sociedade*³, para com isso compreender que tudo faz parte de um projeto arquitetado por órgãos e organismos distantes do chão da escola.

Como já mencionado, permitiu o acaso que nos aproximássemos e nossos caminhos se entrelaçassem. Primeiramente, como estudante no curso de pós-graduação lato sensu de Ensino da Matemática, promovido pela UECE, tendo-a como orientadora no trabalho monográfico. *A posteriori*, como orientadora na prova didática para o cargo de professor efetivo na rede de ensino do Ceará. Recentemente a senhora contribuiu com meu processo formativo estando a frente do início das orientações de minha dissertação junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da UECE. Por todos esses momentos sou eternamente grato, pois não só contribuiu para meu crescimento acadêmico e profissional, mas também, pessoal e familiar.

³ ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Todavia, essas realizações das quais participei em minha vida não são maiores que o nível de apreço e amizade que tenho pela senhora. Compreendo que as realizações discentes e profissionais foram significantes, mas, não mais importantes que o carinho, afeto e estima que tenho para contigo, pois tais sentimentos permitem suportar as adversidades e intempéries que a vida nos coloca e nos faz ascender a desafios que nem imaginávamos poder superar. Assim, rogo a Deus para que nossa amizade continue firme, sempre nutrida de beleza, simpatia e de humildade, elementos esquecidos nas relações humanas na contemporaneidade.

Gostaria de enfatizar a premissa que sempre defende em suas falas de que o professor precisa ter uma visão das partes para poder construir o todo através do contexto em que cada situação se encontra. Com isso, ele precisa se politizar de forma crítica e consciente do seu papel ético perante a consciência de classe que se forma e transforma a cada mudança de pensamento dentro e fora da escola, onde lidar com o provisório, o erro e a ilusão torna-nos mais humanos e capacitados de quebrar os grilhões que nos prendem e moldam nossas formas de pensar uma educação política, igualitária e na unidade entre os próprios educadores. Esses pressupostos tornam o processo educativo mais humano e quebram com a lógica do sistema educativo que visa o lucro. Por todos esses ensinamentos, agradeço verdadeiramente.

Não me alongando muito no texto, gostaria de deixar um recado a você: a vida possibilitou que ajudasse tanto as pessoas, dedicando esforço pessoal e muito tempo a tais realizações e é chegado o momento de você olhar mais para si. Creio que é o instante de cuidar-se, não só da saúde, mas do espírito, da alma. Por isso, Comadre, viajar, conhecer novos lugares, despertar novas emoções e sentidos sempre nos ajudam a elevar-nos enquanto

pessoa, ressignificando nosso aprendizado e favorecendo o desenvolvimento pessoal.

Por fim, querida professora, amiga, comadre, exemplo na vida e na profissão Maria Socorro Lucena Lima, gostaria de expressar meus sinceros votos de gratidão pelos muitos momentos de felicidade, conhecimento, compartilhamento e escuta que fundamentalmente auxiliam no meu fazer docente e a me tornar uma pessoa melhor.

A você o meu muito obrigado!!!

Eisenhower Souza Costa

ARACOIABA/CE, 16 DE AGOSTO DE 2022.

Maria Socorro Lucena Lima, comadre querida,

Escrevo hoje para agradecer por tudo o que a senhora representa em minha vida ao longo dos últimos quinze anos! Sim, nossa primeira correspondência foi em 28 de maio de 2007 (um dia após o seu aniversário, mas àquela época eu não sabia disso!). Ousei escrever para o seu e-mail “azeriche” e no mesmo dia recebi a sua resposta.

Hoje eu agradeço, mas naquele dia, naquela carta, eu pedi! Pedi o seu olhar amoroso ao meu projeto de mestrado: *“Perdoe-me pela inconveniência. Já fiz algumas leituras suas e vou tentar a seleção de mestrado em educação da UFC. Desejo, que se possível, a senhora faça uma leitura de meu anteprojeto e teça comentários”*. Nossa primeira correspondência se efetivou com sua resposta: *“Estou viajando para Minas Gerais para participar de um evento. Olhei rapidamente e achei interessante. Estão bem colocados os objetivos, a grande questão e a problematização. Tem uma boa revisão teórica. Desejo êxito em sua seleção. Boa sorte”*.

Me senti abençoado com o seu “Boa sorte”, pois o resultado veio: fui aprovado! Essa aprovação foi a reafirmação do nosso encontro e o início de uma amizade que se tornou compadrio. Sua filha, Ana Lourdes, também foi aprovada e no primeiro dia de aula disse que a senhora queria conhecer o “rapaz que tinha enviado o e-mail com o projeto”. No dia seguinte estava eu almoçando em sua casa, conversando, sorrindo. Esses encontros se intensificaram e eu ganhei uma orientadora “clandestina”.

Lendo Sobonfu Somé¹ vi que você carrega o “abraço da comunidade”, pois “a comunidade é o espírito, a luz-guia da tribo;

1 SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. São Paulo: Odysseus, 2007.

é onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar umas das outras”. Você nos ensinou a importância do compadrio, como um pai, que cuida e que permite ser cuidado, que zela pelo bem-estar do outro.

Lembro que logo me convidou para participar de seu grupo de pesquisa na UECE, quando eu conheci a professora Marina Dias e muitos/as dos/as que até hoje convivo: Elisângela André, Manuela Grangeiro, Francione Charapa, Gorete Góis... a comunidade é grande. Eu era tão presente no PPGE UECE que muitos achavam que eu estudava lá. Me apresentou o distrito de Iborepi – Lavras da Mangabeira, em uma de suas orientações de pesquisa. Tive ainda o prazer de conhecer a casa de seus pais, no sítio e em Aurora.

Nosso encontro começou por correspondência na ocasião de sua ida a um evento e um ano depois estávamos indo juntos para o ENDIPE em Porto Alegre. Uma verdadeira comunidade, a senhora, eu, Cleide, Ivina, Ana Lourdes, Fauston, Goretti, Sineide e tantos/as outros/a! Assim, fomos trilhando uma caminhada de estudos e amizade.

Lembro-me que me recebeu em sua casa, em um domingo à tarde, e transformou o meu projeto em um verdadeiro papiro, no chão de sua sala de estar. Foi recortando as partes e colando onde achava mais conveniente. Conversei com o meu orientador, professor Luis Távora e ele disse: *“Siga a Socorro. Ela é especial”*. O que era clandestino foi se descortinando e você esteve presente em minha qualificação e defesa de mestrado.

Estávamos no ENDIPE de Belo Horizonte quando saiu o edital do doutorado, era uma vaga e a senhora disse que eu só precisava de uma... e deu certo! Continuei sob a orientação do professor Luis e suas orientações clandestinas (ou não!). Acon-

selhou-me a fazer Pedagogia e eu passei a ser colega de seu filho, Cicero Vagner.

Foi a orientadora da Cleide no mestrado e passou verdadeiramente a ser parte da família, pois a convivência foi ampliada e aproximada. Lembro que você não pode vir ao nosso casamento, mas mandou uma mensagem especial por Ana Lourdes. Dois meses depois a senhora veio a Aracoiaba para a abertura da Semana Pedagógica e encantou os/as colegas docentes com sua alegria e “beleza de ser um eterno aprendiz”. Dois anos depois, quando o João Pedro nasceu, veio a Aracoiaba abençoar o nosso pequeno. Dois anos depois estava conosco comemorando os quinze anos da Ivina! Quantas alegrias partilhadas, afinal “amigos e família proveem um recipiente, um lugar seguro no qual a pessoa possa buscar apoio”.

De lá para cá participamos de todos os ENDIPE e vários outros eventos, como o EPEN(N). Me acompanhou e me motivou aos concursos do IFCE e da UNILAB! Quem diria que um dia, além de tudo, seríamos colegas de trabalho?! “Sabe, é difícil uma única pessoa ter uma visão ampla. Com duas, pode-se ver um pouco mais longe. Mas se você tem um grupo de pessoas em sua volta, que de fato se preocupa com você e diz: ‘você está fazendo a coisa certa! Queremos a sua companhia! Mostre-nos seus dons!’, isso o ajuda a preencher seu propósito”. Você me ajudou a fazer a coisa certa e por isso sua companhia é tão importante.

Sim, já na UNILAB, tivemos a honra de tê-la como professora visitante. Quantos aprendizados? Tudo começava com a nossa carona solidária e sua chegada com a Sinara lá em casa. Geralmente, Elisângela já estava papeando com Cleide. Fazíamos tapioca recheada com ovos de galinha caipira e seguíamos viagem para Redenção, para as Auroras, ouvindo músicas e conversando sobre tudo (e todos!).

Sua presença foi marcante, em especial para os estudantes africanos, que a comparavam com a “diva dos pés descalços”, Cesária Évora, cantora cabo-verdiana. Sua leveza e sabedoria deixava as turmas em êxtase, pois já faz parte da cultura africana a atenção à oralidade, o respeito ao que as pessoas mais experientes falam e ensinam.

Nossos almoços regados a galinha caipira eram um capítulo à parte. Lembro que a cantina dos Palmares era um dos seus cantinhos preferidos, de lanche e de orientação. Em agosto de 2018, no dia dos pais, a senhora me deu um livro que *“talvez ajude com alguma lição não acadêmica, mas que nos aponte um jeito diferente de ver o mundo”* e um lindo cartão por considerar que eu *“tenha feito uma gentileza ‘tão especial’ que só meu pai faria”*. Muita sensibilidade e sabedoria da sua parte e muito honrado eu fiquei.

Lembro que há três anos, hoje é o aniversário da emancipação política de Aracoiaba e, nessa data, estávamos no auditório das Auroras, na Aula Magna do Mestrado em Associação em Ensino e Formação Docente (PPGEF UNILAB-IFCE). Tive a honra de ministrar ao seu lado, ao longo do primeiro semestre do curso, o Componente Curricular Ensino e Formação Docente. Foi mais uma experiência de muitos aprendizados, desde os momentos de planejamento às oito horas de aula ao lado de uma turma muito especial. Criamos uma outra comunidade!

Com o seu querer bem me motivou ao pós-doutorado na USP, fazendo a ponte com a professora Selma Garrido Pimenta para que recebesse a mim e a Elisângela. Foram muitas viagens a São Paulo, muitos cafés, estudos, desafios e alegrias partilhados naquela comunidade acadêmica. Depois tive a alegria de ingressar como professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UECE. Quem diria? Eu que sonhei ser aluno desse programa em 2005, 2006... A vida e suas boas voltas!

Aprendi com você a importância da comunidade, a ver a alegria nas coisas simples, a ser grato com o que tenho, a buscar o que quero com determinação, a estar perto de pessoas boas e leves, a respeitar o lugar do outro, que visita não passa da sala, que quem não tem herança ou um grande capital só tem o edital. Só ainda não aprendi a dançar, mas isso fica para outra carta...

Muito obrigado pelo que temos compartilhado!

Um abraço bem carinhoso,

Elcimar Simão Martins

CRATO, 16 DE SETEMBRO DE 2022.

Olá, Profa. Socorro! Tudo bem?

Quando soube da proposta deste livro, fiquei encantada! Que alegria poder escrever uma carta para uma professora que me ensinou tanto! **Profa. Socorro, Professora Socorro Lucena...** mesmo depois de tanto tempo, mesmo já estando há mais de 15 anos no exercício da docência, não consigo deixar de usar o “Professora” antes do seu nome, por que será? Acabei de refletir sobre isso e penso que, talvez, seja uma maneira simbólica de fazer com que esse vínculo (professora e aluna) não tenha fim.

Gosto de lembrar que fui sua aluna na graduação e que, também, fui sua 1ª bolsista de iniciação científica! Tenho muito, muito orgulho disso. Foi por pouco tempo, lembra? 6 meses! O suficiente para aprender tanta coisa! Do fichamento às inúmeras reflexões sobre Didática, Estágio, formação e práxis docente. O maior aprendizado que tive nesse período – e que levo até hoje – foi saber que é preciso lutar por grandes transformações sociais, sem esquecer o chão da sala de aula, sem pôr em segundo plano a minha formação docente.

Lembro, com um sorriso no rosto, da liberdade que eu tinha para escolher os meus livros, lembro até do meu primeiro “rascunho” de artigo, que acabou se tornando uma resenha curtinha do livro *O bom professor e sua prática*, de Maria Isabel da Cunha. Guardo, até hoje, essa produção textual com as suas correções e observações, sabia?

Nessa época em que fui sua bolsista, a Coordenação do Mestrado em Educação da UECE estava sob sua responsabilidade. Se não me engano, era a 1ª turma. Eu ficava estudando numa sala ao lado da Secretaria e me lembro bem que a sua agenda

ficava exposta num quadro branco e que tinha inúmeras reuniões, viagens, prazos para a entrega de artigos, relatórios...muita, muita coisa! Mas, veja que interessante, eu também me recordo da sua elegância e serenidade, da sua gargalhada com coisas do cotidiano, da sua disponibilidade para nos ouvir e da sua cabeça cheia de ideias e soluções para tantas demandas...foi sendo sua bolsista e observando, meio que sem querer, essa dinâmica toda de ser “professora universitária-coordenadora do mestrado-pesquisadora-autora” que eu fui ampliando significativamente o meu olhar sobre a nossa profissão.

Ah, também queria lhe dizer que o livro *Aprendiz da prática docente: a Didática no exercício do magistério, seu e da Profa. Josete Sales*, que li e fichei ainda na graduação, está sempre presente nas minhas aulas, especialmente, quando quero dialogar sobre a leitura na formação dos(as) professores(as). As turmas gostam muito de discutir essa temática e ficam extremamente orgulhosas quando, na hora de falar sobre a autora do artigo, destaco sua formação em Letras e Pedagogia pela nossa Universidade (URCA). Alegria e orgulho coletivo.

E por falar em leitura, também aprendi, através das suas falas e dos seus escritos, o quanto é fundamental ler os (as) autores (as) da literatura pedagógica, sem secundarizar a leitura de fruição. É preciso buscar a leveza e o prazer de ler, aliás, é preciso se permitir ler! “O que vocês estão lendo hoje?” Uma pergunta ou um convite à leitura? Os dois!

Epígrafe, segundo um dicionário da nossa língua materna, significa “palavra, expressão ou frase usada como título no princípio de livro ou no início de um capítulo para indicar a finalidade ou a inspiração da obra, o tema do assunto, ou declarar os sentimentos do autor[...]” (SACCONI, 2011, p.384). E, olha, eu gosto tanto de epígrafes! Adoro utilizá-las nos meus trabalhos

acadêmicos e, com absoluta certeza, foi a partir dos seus livros que passei a contemplá-las. E mais: a partir delas, fui atrás de conhecer várias obras lindas – na íntegra – de duas escritoras maravilhosas: Cecília Meireles e Clarice Lispector. Ah, e a sua influência se estende para o campo da música também, viu? A partir daquela música, que é a sua cara, “Viver e não ter a vergonha de ser feliz...”, fui conhecendo outras canções e, veja só, hoje eu também sou fã de carteirinha do Gonzaguinha! (risos!)

Profa. Socorro, anos depois, tive a honra de conhecer um “pedacinho” seu. Por uma feliz coincidência, eu e Ana Lourdes, sua filha, passamos na mesma época no Mestrado em Educação, da UFC. Em 2 anos, com direito a muitos seminários, cafés na cantina da Gina, viagens para congressos, amigo secreto no salão de festas do apartamento de vocês...um elo bonito e genuíno foi construído a partir de sua existência. A vida, de alguma forma, nos aproximava de novo através da minha “irmã” do Mestrado!

Falando em família, lembro do último encontro que tivemos aqui no Cariri, na URCA. Enquanto aguardávamos o início da sua palestra, conversávamos sobre “coisas triviais” da vida e eu falei sobre o meu sonho de ser mãe (estava tentando engravidar há alguns anos...), falamos de sua linda neta e de algumas coisas engraçadas sobre casamento e criação de filhos/ netos. Lembro que rimos muito, porque se tem uma outra coisa que aprendi contigo foi que professor (a), também, é gente! Parece algo óbvio, mas não, não é! A sua leveza, espontaneidade e humildade são lembretes essenciais para não enlouquecermos no meio acadêmico. Anunciam por aí, nas redes sociais, que “a vida não cabe no *lattes!*” Não sei de quem é autoria, mas concordo plenamente. E te agradeço por mais esse ensinamento.

Para terminar, lembrei agora que, mesmo diante de tantos afazeres exigidos pela docência universitária, você dançava!

Lembrei disso agora, professora, da dança!! E lembro do seu orgulho e alegria ao falar sobre isso. Assim, para finalizar, queria registrar aquela reflexão maravilhosa do Eduardo Galeano:

“Na parede de um botequim de Madri, um cartaz avisa:
Proibido cantar.

Na parede do aeroporto do Rio de Janeiro, um aviso informa: É proibido brincar com os carrinhos porta-bagagem.

Ou seja: Ainda existe gente que canta, ainda existe gente que brinca.”

Sinta o meu respeito, o meu carinho e a minha admiração.
Obrigada por tudo!

Quando vier ao Cariri, quero lhe apresentar as minhas geminhas, viu?

Um beijo grande da sua, sempre, 1ª bolsista!

Eliacy Saboya

Referências

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática.** 2 ed. São Paulo: Papyrus, 1992.

GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes;** tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2007.

LIMA, Maria Socorro Lucena; SALES, Josete de Oliveira Castelo Branco. **Aprendiz da prática docente:** a didática no exercício do magistério. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

SACCONI, Luiz Antonio. **Míni Sacconi:** o seu dicionário da língua portuguesa. 12 ed. São Paulo: Nova Geração, 2011.

HORIZONTE, 28 DE AGOSTO DE 2022.

Saudações, professora Socorro Lucena,

Esta carta está sendo escrita como forma de expressão de todo o carinho, admiração, respeito e amizade que vêm sendo tecidos ao longo desses quinze anos de parceria. Há tanta história a ser contada! Então, comecemos pelo começo!

Nos conhecemos pessoalmente em 2007. Você foi minha professora de metodologia do ensino superior em um curso de especialização que fiz pela Universidade Estadual do Ceará em parceria com o Centro de Desenvolvimento Humano. Desde a primeira aula, pude perceber a pessoa especial que o destino havia colocado em minha trajetória. Suas aulas, tão ricas em conteúdos e reflexões, eram igualmente valiosas em termos de expressão dos desafios vividos por uma mulher, filha da classe trabalhadora, com origem no interior do estado do Ceará, mãe de três filhos, que foi entrelaçando corajosamente as linhas que unem de maneira indissociável *formação, vida e trabalho* e tecendo seu desenvolvimento profissional.

Em cada aula, tão criativa e cuidadosamente organizada, me admirava de sua capacidade de trazer todos os temas para dialogarem com a realidade vivida pelos professores que atuam nos mais distintos espaços e de fazer com que nos conhecêssemos como sujeitos, portadores e produtores de conhecimentos. Você não tem ideia do teor emancipatório que suas aulas e seu exemplo foram, e continuam sendo, para mim. Naquele tempo, já nem sonhava mais em traçar nada novo na minha trajetória, “satisfeita” que estava com o que tinha alcançado: uma graduação, dois cursos de especialização, um concurso público, marido e filho. Contudo, sua história – da qual fazia parte a busca

por qualificação e os deslocamentos feitos de Juazeiro do Norte a Fortaleza para cursar seu mestrado, de Fortaleza a São Paulo para cursar seu doutorado e o trânsito entre a docência na educação básica e na educação superior, com toda sorte de desafios de ordem material –, foi me inspirando a dar continuidade aos meus estudos.

O movimento que acabei de escrever traduz um dos seus ensinamentos mais marcantes para mim e, certamente, para todas as pessoas que tiveram a alegria de te conhecer: **somos eternos aprendizes da vida...** Você nos chama sempre atenção para a capacidade que cada um de nós tem de continuar aprendendo, dando o devido valor às nossas próprias vivências, mas sempre questionando cada uma delas e estando atento a tudo o que as outras pessoas, sejam elas quem forem, têm a nos ensinar. Assim, você foi me incentivando a aprender mais, a ir além, buscar novos desafios. Me sugeriu que organizasse um **projeto de vida** que pudesse me ajudar a equilibrar o tempo, as diferentes responsabilidades com trabalho e família, para que pudesse materializar meus objetivos. Veja que coisa mais linda essa orientação que me deu: ao invés de focar exclusivamente no que queria conquistar – que no caso era o ingresso na pós-graduação – apontou que eu deveria considerar diferentes aspectos da minha existência: família, trabalho, formação, espiritualidade, amores, lazer e finanças. Com essa postura diante da vida, me ensinou a **olhar para mim mesma sem esquecer de minha inteireza**. Chamou atenção para a necessidade de fortalecimento do gosto pela leitura, arte, dança, associados à identidade, na qual se fazem presentes a cultura, a religiosidade, os valores e princípios que conferem singularidade a cada um de nós e um olhar atento para o contexto social, suas tensões e contradições. Isso não se dava somente pela fala, mas pelo exemplo, fato que me conduziu a outra importante

aprendizagem, que é a de questionar incessantemente: ***o que eu ensino, enquanto ensino?***

Com você, Socorro, aprendi a correr atrás daquilo que acredito e desejo. Me ensinou a nunca esquecer dos desafios vividos pela classe trabalhadora para acessar espaços historicamente ocupados por pessoas pertencentes a grupos privilegiados, como a pós-graduação stricto-sensu, por exemplo. Inspirada em ti, ingressei no Mestrado Acadêmico, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará, onde tive a honra de tê-la como orientadora. Foram os dois anos mais intensos de minha formação acadêmica, tanto pela possibilidade de construção de novos conhecimentos, como pela oportunidade de uma aproximação maior com você, por ocasião das viagens para Lavras da Mangabeira para a realização da pesquisa. Foi um movimento lindo, que me permitiu conhecer o município de Aurora, seu lugar de origem, as histórias de Dona Lourdes e seu José Bernardo; a Passagem de Pedras e a casa de seus pais que ficava pertinho do Rio Salgado; Iborepi e a Escola Dr. Danúsio Ferrer, além de aprender mais sobre ***o valor da voz dos professores*** que lá atuavam. Quantos ensinamentos potentes! Quanta alegria nos encontros com essas comunidades e com sua ancestralidade. Gratidão, Socorro!

Finalizando o mestrado, você me estimulou a dar sequência aos estudos. Assim, ingressei no Doutorado na Universidade Federal do Ceará, onde fui orientada pela professora Eliane Dayse, uma professora extraordinária, que partilhava também a admiração por ti. Ela contava sempre, aos risos, o desafio vivido por vocês duas que, movidas pelo desejo de entender as bases do conceito de professor reflexivo, decidiram desbravar a leitura do livro de Donald Schon (2000)¹,

¹ SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Trad. Roberto Cataldo Costa. São Paulo: Artmed, 2000.

escrito em língua inglesa. No doutorado, tive a alegria de tê-la por perto não só como membro da banca avaliadora, nos processos de qualificação e de defesa, mas como inspiração para trabalhar junto aos professores da Educação de Jovens e Adultos de Horizonte a minha pesquisa, vivendo mais uma vez a experiência metodológica da *pesquisa-ação crítico-colaborativa*².

Fechados os ciclos do mestrado e doutorado, desenhou-se outro importante horizonte: a possibilidade de ingresso na educação superior como professora. No ano de 2014, na reta final do doutorado, consegui aprovação no concurso para a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab. A área do concurso: Didática e Estágios Supervisionados. Era o universo conspirando para que tudo desse certo, e deu. Seus ensinamentos acadêmicos, associados à *oração da Língua Benta de Santo Antônio* e a compreensão de que *quem não tem grande herança, nem capital, só tem um edital*, foram fundamentais. Na Unilab, tive a alegria de tê-la como colega de trabalho, com sua aprovação no processo seletivo para professora visitante. Foram dois anos de muita alegria, nas viagens de Fortaleza a Redenção, junto ao professor Elcimar e à professora Sinara, em nossa carona terapêutica; nas experiências lindas, em suas aulas junto aos estudantes brasileiros e africanos, que te concederam amorosamente o título de *Socorrainha*; na construção do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente, do qual você foi a maior fonte de inspiração e uma das maiores apoiadoras. Foi lindo ver e viver junto contigo essa experiência. Seu exemplo também inspirou inúmeros estudantes da

² PIMENTA, Selma Garrido. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências na formação e na atuação docente. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set./dez. 2005.

Unilab, que seguem, hoje, trilhando os caminhos da qualificação acadêmica e profissional.

Não poderia deixar de registrar, também, todo o estímulo para que ingressasse no pós-doutorado e ter o privilégio, junto com Elcimar, de sermos supervisionados pela professora Selma Garrido Pimenta, cuja presença e ensinamentos marcam tão fortemente nossas vidas: a sua, a minha e de inúmeros educadores. As viagens pra São Paulo, com a mochila nas costas repleta de coragem, receios e muito desejo de aprender, me oportunizaram o contato com o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Educadores da Universidade de São Paulo (*Gepefe*), que fez parte de sua trajetória e que tem feito parte de minha vida até hoje. Não tenho como agradecer por sua gentileza, apoio, estímulos.

Para além dos ensinamentos de ordem acadêmica e das relações profissionais, tecemos uma linda amizade. Foram tantas coisas vividas que o espaço destinado à carta se torna pequeno. Destaco aqui, o dia de seu aniversário, como evento esperado todos os anos pelos que te querem bem. Quem te conhece de perto, sabe que o dia 27 de maio é dia de *renovação* (tradição religiosa de Juazeiro que você ensina a todos nós), dia de encontro de amigos para celebrar tua vida, agradecer por ela e pedir bençãos para o novo ciclo que se abre. Nesse encontro um grupo grande de amigos, comadres e compadres se reúne para rezar, cantar louvores, conversar, ouvir, contar histórias e, ao fim de tudo, ainda receber seus cartões como presente, que trazem sempre com uma mensagem carinhosa, para aquecer o coração. Desses encontros, fica sempre a certeza de que sua presença no mundo vai lançando boas sementes que têm frutificado em diferentes espaços, levando a outras pessoas e lugares os seus ensinamentos.

O que partilhei aqui é uma pequena mostra da *memória afetiva* tecida junto a você nesses quinze anos, como uma colcha de retalho que vai unindo pedaços de vida, sonhos, desafios, conquistas, ligadas por fios de bem querer. Uma produção linda, cheia de amor.

Grande abraço, com desejo de saúde e muita felicidade, sempre!

Sua Comadre,

Elisangela André da Silva Costa

FORTALEZA, 16 DE AGOSTO DE 2022.

Querida Professora Socorro,

Espero que tudo esteja bem... Sabemos que os dias e as noites estão cada vez mais difíceis, porém, o caminhar nos peritence e viver é o que nos alimenta, tal qual nos diz o nosso grande poeta paraibano, Chico César, “Caminho se conhece andando. Então vez em quando é bom se perder. Perdido fica perguntando. Vai só procurando. E acha sem saber. Perigo é se encontrar perdido. Deixar sem ter sido. Não olhar, não ver. Bom mesmo é ter sexto sentido. Sair distraído espalhar bem-querer”. Interessante, que ao relembrar os inúmeros momentos de aprendizagem que tive contigo, a música e a poesia sempre se fizeram presentes. E a vida, nas suas sutilezas, nos proporcionou alguns reencontros, em momentos de grande apreço para mim. E, no final, há sempre uma estrela no caminho a nos guiar.

Provavelmente, não lembras do nosso primeiro encontro lá na UECE. Eram idos ou seriam vindos de 1998, e logo no início do semestre letivo, por sinal o meu primeiro semestre na UECE, tive a oportunidade de assistir uma palestra contigo. Recordo-me do teu jeito sorrateiro e quase despercebido ante os olhares salitantes, inquisidores e aflitos dos calouros e demais pessoas que lotavam aquele espaço. Como gosto de observar, fiquei a analisar os gestos, os olhares e os afagos, que me remetiam a uma certa devoção quase matriarcal. Fez-me parecer, uma mãe, guerreira e de uma fortaleza imensurável, que ao reencontrar os seus vários filhos e filhas, lhes acalentavam e através do acalanto, trazia vida as diversas flores, algumas que começavam a brotar e outras que já iniciavam a produção de seus primeiros brotos, representando uma diversidade ímpar na composição daquele jardim.

Quase surpreso, comecei a lhe ouvir e de maneira inesperada com poesia nos aquietou. Não gostava muito de poesia e só lembrava de algumas poesias digeridas na escola, mas que diferente daquele momento, não tinham menor significado ou sentido. Ruminei por um longo tempo aquelas singelas palavras, que apesar de inicialmente não soarem bem aos ouvidos, fez-se em mim, poesia. Se meus 45 anos não me enganam, acho que era Cora Coralina.

Não sei se tu sabes, mas uma vez comecei a estudar alemão, mas na aula seguinte, já me esquecia das coisas que eu havia estudado anteriormente. Ausubel tinha razão quando falava sobre a importância de se construir aprendizagens significativas, que permitissem a realização de conexões. Sim, conexões, veremos o quão importante elas são.

Coincidentemente, no mês de agosto, que pra muitos, é o mês do desgosto, mês que nasce Cora Coralina, escrevo-lhe esta carta para relembrar os momentos vividos e que marcaram a minha história, e, principalmente, minha iniciante ação docente. E tal como um sonhador, em palavras tentarei lhe dizer, o quão importante seu caminhar topou com o meu, simplesmente, me fazendo andar... E desde aquele momento, tudo se fez poema. E como um poeta errante, que sem ser e saber, se fez docente, de maneira tão decente, que hoje tento escrever para lhe homenagear.

Ao pensar em um poema, Cora me veio a lembrança, principalmente por esse poema representar uma transformação sensorial, onde a minha e diversas outras vidas se transformaram em poesias e tu és extremamente responsável por isso... Gratidão! Cora diz assim: “Faz de tua vida mesquinha um poema. E viverás no coração dos jovens e na memória das gerações que hão de vir. Esta fonte é para uso de todos os sedentos. Toma a tua

parte. Vem a estas páginas e não entres seu uso aos que têm sede”.

Sedento por saber, por conhecer, anotei cada conselho que por você fora dado. Não era uma aula ou palestra comum, pelo contrário, era vida, vida em êxtase, representada por toda a sua luta, vivência e perseverança. Uma mulher vencedora que soube lutar para resistir a todas as intempéries que a vida insistiu a lhe trazer e como uma jangada que mesmo com o vento adverso e as ondas do mar, segue o seu rumo sem pestanejar. E na velocidade que a jangada adentrava o mar, você nos falava: onde vocês forem, levem um livro pra folhear e um pedaço de papel pra anotar...

Me formei, comecei a trabalhar e os teus ensinamentos sempre estiveram em mim. Todavia, com o trabalho, a universidade ficou cada vez mais distante. Pois tu sabes né, “quem não tem herança nem capital, corre atrás de um edital”. E ao me formar, corri atrás de pegar meu edital e desde então, estou na correria sempre por um edital melhor. E não é que numa dessas buscas por edital, nos reencontramos! Passados 20 anos, a UNILAB foi o espaço perfeito para esse reencontro, por dois motivos principais: 1. retornar a universidade após um hiato bem grande para cursar o Mestrado; 2. reviver memórias que outrora estavam adormecidas e que em 2019, justamente no mês de agosto, vieram novamente à tona.

Confesso que o sentimento que eu tive em 1998 não se compara ao que senti em 2019, pois como você nos disse naquela manhã ensolarada, a partir de agora nós deveríamos estar em estado permanente de pesquisa e como é de praxe na sua sabedoria, nos trouxe Chico Cesar novamente, que em sábias palavras nos diz: “Para viver em estado de poesia. Me entranharia nestes sertões de você. Para deixar a vida que eu vivia. De cigania antes

de te conhecer. De enganos livres que eu tinha porque queria. Por não saber que mais dia menos dia. Eu todo me encantaria pelo todo do teu ser”.

Tu não imaginas como esse segundo encontro foi importante. Eu, que acreditava já ter vivido tudo! Aquele momento fez aflorar em mim a possibilidade de algo mais, de aprender mais, de manter em mim esse estado constante de pesquisa, premissa que levo e levarei para sempre comigo e que me tem possibilitado manter a dinâmica da vida de maneira mais feliz e proveitosa, pois apesar dos caminhos que já caminhei, ainda buscarei percorrer milhares de milhas em busca dos meus sonhos e ideais. Para tanto, as conexões feitas me permitiram a criação de uma linhagem epistemológica cujos processos de ensino e aprendizagem são fundamentais para o meu processo formativo. Como você disse certa feita: “Uma teia. Que se enlaça. No tear do sentimento. Com o fio de bem querer...” (Socorro Lucena, 2001, p. 07)

Esse fio de bem-querer representa o sentimento que todos e todas que por você foram influenciadas nutrem por ti. Igual àquela Mandala que nos incentivou a construir e que até hoje ainda busco completá-la. Hoje, percebo que a incompletude da mandala representa a nossa essência humana, demasiadamente humana como nos diz Nietzsche e que nos permite direcionar nossas ações, adentrando em oceanos nunca navegados, todavia em segurança, pois a partir das conexões e os fios constituídos conseguimos nos manter no rumo em busca de novas relações sociais e a construção de uma possível emancipação humana, bem como, de nosso crescimento humano.

Sempre é bom conversar contigo, pois as aprendizagens fomentadas por ti ficarão para sempre e o apreço também. Despeço-me com um poema de Cora Coralina em vossa homenagem com apreço de muita estima e gratidão.

A vida tem duas faces: Positiva e negativa
O passado foi duro, mas deixou o seu legado.
Saber viver é a grande sabedoria. Que eu possa dignificar.
Minha condição de mulher,
Aceitar suas limitações
E me fazer pedra de segurança dos valores que vão desmoronando.
Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições, lutas e pedras, como lições de vida
e delas me sirvo.
Aprendi a viver.
Cora Coralina

De seu eterno aprendiz,

Emanuel Andrade Leite

Referências

DENÓFRIO, Darcy França. Cora dos goiases. In: **Cora Coralina** (Coleção Melhores Poemas). Seleção, apresentação crítica e biográfica de Darcy França Denófrío. 3. ed. rev e ampliada. São Paulo: Global, 2008.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **A formação contínua do professor nos caminhos e descaminhos do desenvolvimento profissional**. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. . Acesso em: 30 ago. 2022.

IPUEIRAS, 09 DE SETEMBRO DE 2022.

Estimada professora Socorro Lucena,

Escrevo-lhe com intuito de rememorar nossa trajetória pessoal, profissional, acadêmica, formativa e fraterna, em um viés reflexivo e crítico acerca da sua importância para a comunidade acadêmica e pelas marcas significativas e positivas que deixou em minha vida e na de tantas outras pessoas.

A autora Socorro Lucena já me era conhecida, mediante o contato com a sua vasta, densa e qualificada produção intelectual, em que a leitura agradável, leve, de fácil compreensão instigava-me a analisar e interpretar a sua história de vida, trajetória formativa, crenças e ideologias acerca da docência. Nesses termos, a criticidade atinente às suas obras me estimulava a perceber a importância da aprendizagem constante da profissão, bem como a necessidade do incremento do repertório de estratégias do professor, na premência do planejamento e desenvolvimento de aulas mais qualificadas, pautadas pela equidade entre conhecimentos específicos e didático-pedagógicos.

O contato efetivo com a professora Socorro se deu em 2014, quando ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE), tendo o privilégio de ser seu aluno, no segundo semestre do ano citado, na disciplina Fundamentos Pedagógicos do Trabalho e da Formação Docente, que integrava a matriz curricular do curso de Mestrado do referido programa.

A sua aula era um momento ímpar, pautado por discussões e debates que permeavam a importância de o professor se apropriar, de forma complexa, dos conhecimentos específicos acerca da sua área de atuação, mas que era necessário atrelá-los a

aspectos didáticos-pedagógicos, de forma que os estudantes pudessem compreendê-los de forma efetiva, na premência de que o ensino fosse um elemento reverberante na aprendizagem.

Tais ações me provocavam, em uma via reflexiva e potencializadora de conhecimentos, visto que a minha formação na área das exatas privilegiou mais as questões específicas, em detrimento da equidade com outros elementos que são relevantes para o exercício docente.

O momento formativo oportunizava aos mestrandos a participação efetiva na aquisição/desenvolvimento/aperfeiçoamento de seus conhecimentos, considerando a predição como uma atividade oportuna para o trabalho com os conteúdos atinentes a disciplina, em que percebíamos a importância do diálogo entre docente e discente como ação promotora e instigadora da aprendizagem.

Nesse limiar, fomos nos aproximando, dialogando sobre nossas trajetórias de vida e profissão, vindos do interior, enfrentando as dificuldades na cidade grande, saudades de nossos pais, da terra natal, do nosso chão. Nostalgia total!

Professora Socorro, a senhora me abordou no ponto de ônibus, nas proximidades da UECE, para me dar uma carona até a rodoviária de Fortaleza, uma vez que você residia próxima deste local e lá era onde eu pegava transporte para me deslocar até o interior, em que habitava e lecionava. Nesse período, eu havia sido aprovado no concurso para professor da rede estadual de ensino cearense e conciliava as atividades do mestrado com a de professor da educação básica, em que a labuta perpassava as idas e vindas quase que diárias do interior para a capital.

Durante o segundo semestre de 2014, quando fui seu aluno no mestrado, compartilhamos muitas histórias e aprendi bastante com a senhora, período em que me concedeu muitos

direcionamentos acerca do trabalho dissertativo, me indicando subsídios bibliográficos que me ajudaram em tal empreitada, bem como a concessão de boa parte das suas obras, que estão guardadas, de forma especial, nos arquivos pessoais.

O semestre acabou, mas ficaram as lembranças, as amizades e conhecimentos adquiridos, mediante o trabalho direcionado as necessidades e anseios dos mestrandos. No início de 2016, defendi minha dissertação, de forma que suas obras e ensinamentos me subsidiaram na trajetória investigativa, propiciando-me viver, de forma mais tranquila, esse período de extrema complexidade em minha vida.

Em 2017, me preparei para a seleção de Doutorado do PPGE/UECE, um processo concorrido, em decorrência da qualidade do programa e do corpo docente do mesmo, e tive o privilégio de ser aprovado, e mais ainda de ser orientado por Socorro Lucena.

Com o início das aulas do doutorado, em 2018, passei a residir em Fortaleza, nas proximidades da UECE, de forma que quando a senhora se encontrava na universidade me ligava, daí vinha um misto de preocupação e ansiedade, hipotetizando que seriam cobranças atinentes à vida acadêmica. Puro engano! Os encontros eram momentos afetivos, de boas conversas e direcionamentos! Depois, íamos almoçar em algum lugar da UECE, de forma que a senhora sempre pagava a conta e eu ficava extremamente envergonhado.

Nesse trajeto, tive momentos de muita angústia, pautado pelas cobranças pessoais em relação às demandas da vida acadêmica, mas a senhora, a partir da sua longa experiência na Educação e com suas palavras leves e carregadas de afeto me tranquilizava, me orientando a ir visitar a dona Maré (ver o mar) sempre que me sentisse agoniado. Passei a adotar tal ação em

minha vida e, assim, pude perceber a importância da equidade entre a vida pessoal, social e acadêmica, atentando para a saúde física, mental e emocional, que impactam na forma como encaramos a realidade.

A senhora me ensinou a importância da organização pessoal, sendo necessário anotar os compromissos, objetivando o planejamento das ações a serem executadas na vida cotidiana. Nesse ínterim, a senhora presenteava todos os seus orientandos com uma agenda, além de realizar no início de cada ano uma solenidade de bênçãos das mesmas.

Outra marca sua, professora Socorro, é o projeto de vida, em que a senhora aconselhava seus orientandos ao arcabouço e delineamento de planos e metas ao longo da vida, objetivando saber aonde estávamos e onde queríamos chegar, que trilhássemos a vida acadêmica de forma a adquirir conhecimentos, mas que também era preciso viver, se dedicar a questão pessoal, orientando a ler livros, passear, fazer coisas diferentes, se distrair.

Com o advento da pandemia, passamos a nos encontrar virtualmente e tais momentos eram marcados por diálogo, afetos e esperanças de que superaríamos esse tempo tenebroso.

Um detalhe marcante, professora Socorro é que as vezes eu ia na sua casa deixar algum material para sua apreciação, que eu produzira, acerca da proposta de Tese. Eu tinha medo da senhora reclamar, então sempre combinava com sua nora, Regiane, para deixar o material com ela. Acontece que eu sempre eu lhe encontrava, saindo ou chegando de algum lugar e não era nada combinado.

Ficará para sempre marcado o seu jeito singelo de fazer pesquisa científica, mediante a experiência que vivenciei. Estava eu com muitas dúvidas, daí marcamos um encontro na sua casa, em que a senhora colou umas seis folhas de papel ofício, o que

me deixou intrigado. Conforme eu ia falando, por intermédio da minha percepção crítica e dos seus questionamentos, a senhora fazia um desenho, um mapa conceitual criativo e esclarecedor acerca de aspectos atinentes a introdução, desenvolvimento e conclusão da tese. Foi algo incrível, achei fantástico. Saiba que o guardo comigo de lembrança e como ensinamento também.

Concluí o doutorado, um misto de alívio, pelo fato de ter alcançado o objetivo proposto, e de tristeza, por ter encerrado um ciclo, o qual não teria mais aquele contato efetivo com a senhora. Conforme a senhora mesma explicitava, na vida ciclos se encerram para que outros possam iniciar-se. Nossa amizade continua, adquiri muitos hábitos provenientes do nosso contato e convivência. Serei eternamente grato por tudo. E que continuemos eternos aprendizes da vida e da profissão docente.

Seu eterno aluno e discípulo,

Francisco Jeovane do Nascimento

SÃO LUIS-MA, 05 DE SETEMBRO DE 2022.

Querida Professora Socorro Lucena,

Escrever esta carta é rememorar meu encontro com você através da minha prática pedagógica no Ensino Superior, na disciplina de Estágio Supervisionado em 2007. Em uma turma de Educação Infantil, me encontro com minhas alunas e o livro “A hora da prática”, que no primeiro capítulo nos trouxe reflexões de como seria a nossa caminhada no Estágio e o olhar sobre este caminho ficou claro com a leitura do livro, pois ele tinha leveza na leitura, e que leitura!!! Um misto de música e reflexão para compreender um tema tão complexo que revigora a identidade profissional docente, pensei: como é gostoso fazer uma leitura assim, sem ser carregada de um arcabouço científico rígido.

Nos capítulos do livro tem poesia e é profundo e reflexivo como qualquer outra obra científica, o que me fez desejar escrever desta forma, foi então que eu lhe quis levar na minha jornada docente, você se tornou minha referência teórica no Estágio, e foi assim o nosso primeiro encontro. Todo encontro de Estágio, Socorro Lucena estava lá conosco, abrilhantando o nosso caminho, conversando e nos ensinando.

Este escrito me lembra um livro de Clarice Lispector, que em um trecho intitulado “O primeiro livro de cada uma de minhas vidas”, a autora diz sobre um livro: “não o li de uma vez: li aos poucos, algumas páginas de cada vez para não gastar. Acho que foi o livro que me deu mais alegria naquela vida” (LISPECTOR, 2004, p.20)¹. No meu caso, o seu livro *A hora da prática*, eu fiz o contrário de Clarice, eu o li de uma vez e reli várias vezes e

¹ LISPECTOR, Clarice. *Aprendendo a viver*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

até hoje releio, para buscar inspiração, pois ele não é um livro de uma vida, mas da vida, porque nos instiga a compreender o que de fato é o Estágio Supervisionado.

Pois é professora Socorro, o nosso encontro começou assim, sem nos vermos pessoalmente, mas a sua presença na minha prática era constante e essa constância se tornou muito forte quando fui afetada com mais veemência na turma de mestrado em 2012, na Universidade Estadual do Ceará, quando você entrou na turma juntamente com a professora Marina Cavalcante para ministrar a disciplina de Didática. Eu pasmei, pois não acreditava que estava diante daquela que tanto me inspirava na docência, contive a emoção e vivi uma Didática diferente, com poesia, músicas, sorrisos e reflexões, que me fez querer ser uma professora cada vez melhor. Meus pensamentos já superavam o “eu quero escrever assim” para o “eu quero ser uma professora assim”.

Nesse caminho eu conheci outro livro seu “Estágio e Aprendizagem da Profissão Docente”, com poesia, sugestão de leitura e de filmes para aprofundar o tema de cada capítulo. Me encontrei no capítulo 3, em que a pesquisa estava presente no Estágio, eu como professora de Pesquisa Educacional e de Estágio Supervisionado, aprendi com você que essa associação é muito importante e necessária na formação docente, pois como nos ensina Paulo Freire, “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino (2008, p.29)². E você nos ensina a indagar, a questionar e a conhecer, como você sempre diz, temos que ser sempre “um eterno aprendiz”.

Então, quando tentei o Doutorado desejei ser sua orientanda e consegui, ufa! Pensei: agora pertinho dela, aprenderei o

² FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

máximo que puder, e aprendi muito, aprendi não só os saberes e conhecimentos da academia, aprendi a ter um novo olhar sobre a vida, um olhar com mais leveza, com mais tranquilidade, pois eu mesma me pressionava sobre muitas coisas, mas você com seu jeito manso e tranquilo, dizia: “para que a pressa, Francy? Vá devagar, tudo vai dar certo! Por isso, esta carta é para dizer que você é uma ensinante da vida e não só vida profissional, você nos ensina a ser gente que afeta o outro e a nós mesmos.

Seu legado de autora, professora e orientadora estará sempre presente em todos os que lhe conhecem, um legado de cuidado e zelo para com a pessoa e não apenas com o orientando/a, porque você enxerga que antes de sermos estudantes, somos pessoas com muitas dificuldades e necessidades. Esse é, portanto, um “quê” especial da Socorro Lucena, professora-orientadora, aquela que acolhe e até manda parar um pouco da rotina de estudante-orientando/a, e nos instiga a ir a uma praia ou a um cinema, ou até visitar uma amiga.

Este olhar para o outro de uma escuta sensível é um grande ensinamento que você nos dá, essa sensibilidade que está tão difícil nos dias atuais pelo corre-corre dos afazeres diários, mas você nos faz parar, refletir e agir como você age, como muitas vezes aconteceu de me chamar para tomar um café só para conversar coisas da vida, de olhar os belíssimos cartões artesanais feito por você com gravetos, folhas secas, recortes diversos e escolher dentre os apresentados, um para guardar com carinho. Esses momentos vividos superavam os assuntos da academia. Estávamos ultrapassando os muros cercados entre orientadora e orientanda, éramos gente conversando sobre as coisas, sobre a vida. Ah! Professora espero que saibas o quanto nos ensina sobre a vida.

Encontrar você na minha vida pessoal e profissional foi e continuará sendo um presente porque traz um entendimento de

relacionamento interpessoal singelo e belo, por isso suas obras são carregadas de poesia e música, pois em seus atos isto está presente e nos contagia.

A Didática e o Estágio não o são sem a aparição da Maria Socorro Lucena Lima, pois há novos saberes a serem aprendidos quando você está presente, o saber viver a docência como um eterno aprendiz, o saber-fazer com leveza e poesia, o saber sobre um projeto de vida, o saber do comprometimento com a escrita, pois escrever é difícil mesmo, é o que penso, como diria Clarice, em um trecho do mesmo livro citado nesta carta “[...] infelizmente não sei redigir, não consigo relatar uma ideia, não sei ‘vestir uma ideia com palavras’” (LISPECTOR, 2004, p.126, grifo da autora), mesmo pensando como Clarice, você dizia para mim: Faça um diário, escreva alguma reflexão sobre o seu dia, ou até sobre um salmo da Bíblia. Então, querida professora, são esses detalhes que fazem a diferença de quem você é como professora, orientadora e amiga.

Nesta carta, preciso lhe dizer o quanto você afeta as pessoas que lhe conhecem, e esse afetar é transformador e demarca a nossa história de vida. Muito obrigada por me afetar tanto, e me fazer afetar outros através dos seus ensinamentos.

Gratidão, sempre!!

Um grande abraço de uma eterna aprendiz que aprendeu com você, a amar mais a docência e desenvolvê-la com mais leveza, pois tudo que eu quero é “viver e não ter a vergonha de ser feliz. Cantar.. e cantar e cantar... A beleza de ser um eterno aprendiz” (Gonzaguinha)

Francy Rabelo

NATAL-RN, 31 DE AGOSTO DE 2022

Querida professora Socorro Lucena,

Desde o momento que recebi o convite para escrever uma carta endereçada à senhora começaram a passar os flashes dos sábios momentos de quando tive a grata satisfação de ter sido seu aluno. Não sabia por onde iniciar ou encadear a “tessitura” das cenas do filme que a escrita desta carta tem me possibilitado; um filme daqueles que tem como personagem principal uma mulher forte e sensível à ação docente e discente, que tem dedicado muitos anos da sua vida profissional a construir pontes¹ na vida de todos, como eu, que tiveram a satisfação de ouvir seus exemplos e ensinamentos.

Não sabia se iniciava tratando da sua didática, se assim posso dizer, fazendo uso de linguagem simples carregada de sabedorias onde pude perceber que para estar ali não precisava falar difícil com um rebuscamento inatingível muitas vezes utilizado por aqueles que não querem ser entendidos. Não sabia se iniciava pelo choque de realidade dado pela senhora ao dizer que fazer um mestrado além da realização pessoal também se tratava de uma realização profissional e de valorização. Tampouco se iniciava dizendo como nos levou a perceber que fazer um mestrado se tratava de um projeto que devia ser abraçado e partilhado por todos aqueles ao nosso redor.

E a mandala professora? Quanta beleza e delicadeza em organizar um “projeto de vida” de forma lúdica, objeto este que alguns rebuscadores da língua portuguesa escrevem livros e li-

¹ “As pontes servem para dar continuidade ao caminho, às vezes podem ser o único meio de sair de um lado para chegar ao outro. As pontes não são o destino final, são apenas a travessia. [...]” (OLIVEIRA, 2015, s/p)

vros para não dizer metade do que a senhora nos ensinou em minutos. Ah, não posso deixar de mencionar a valorização e o reconhecimento, dado pela senhora, ao trabalho do celebre Chico Cesar (2008) ao declamar e cantarmos “Deus me proteja de mim e da maldade de gente boa. [...]” música que a primeira turma do PPGEF da UNILAB/IFCE não precisou assistir o Big Brother² para ter acesso a tamanha sabedoria daquele que canta e daquela que apresentava tão linda obra.

Não esqueço, professora, quando de forma simples e leve a senhora nos apresentou o “ACC” – Apresentar, Citar e Comentar – lembra? Pelo menos para mim foi algo incrível pois eu não sabia se efetivamente havia uma sequência para fazer uma citação no texto; ou ainda quando a senhora de forma prática nos ensinou como fazer uma “Ementa” de uma disciplina sem destacar que cada um destes elementos aqui rememorados era trazido com a fundamentação teórica necessária. Questões práticas e necessárias àquele que busca cruzar as pontes da vida.

No meu cotidiano profissional, nos momentos de formação e debates sobre formação docente, além de trazer as várias referências textuais não canso, com orgulho, de dizer que tive o prazer de ter sido seu aluno e o quanto foi gratificante “beber na fonte”; aprender com aquela que é uma das principais referências na área da formação docente do nosso país.

Antes de terminar esta carta, querida professora, gostaria de usar este espaço para lhe perguntar uma coisa... sabe aquela carta escrita para a senhora pela professora Terezinha Rios³, aquela que a senhora leu na turma, intitulada “As dimensões da

² Programa de um grupo de comunicação brasileiro onde uma participante cantou a mesma música, dando reconhecimento ao cantor e à música em todo o Brasil.

³ Graduada em filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestre e doutora em educação pela Universidade de São Paulo – USP.

competência do educador (carta a uma amiga professora)”, a senhora já respondeu? Tenho esta pergunta até hoje guardada pois morro de curiosidade em saber qual foi sua resposta. Lembre-se que ela pediu que a senhora respondesse imediatamente.

Tenho a satisfação de possuir o livro em que a carta foi publicada e endereçada à senhora. Confesso que depois dessa obra ter sido me reapresentada, bem como o trabalho desenvolvido pelos queridos professores Elcimar⁴ e Elisangela⁵, os quais a senhora bem conhece, me apaixonei por essa “sua pedagogia” esta forma simples e bela de dizer, como bem afirma Rios (2009).

A identificação com as cartas foi tamanha professora, que dentro da temática que pesquiso, avaliação da aprendizagem, publiquei em 2021 em parceria com o professor Fredy González⁶ um texto intitulado “Epístola a quatro mãos de duas trajetórias na avaliação da aprendizagem”. Texto único que reproduz o envio e a resposta entre o professor e eu, sobre as memórias da avaliação da aprendizagem.

Tenho certeza que sem o encantamento e a forma leve de dizer e ensinar o quanto é belo o fazer docente trazido nas reflexões proporcionadas pela senhora, eu não teria a visão que tenho hoje sobre a formação docente e, a partir disto, também me reinventar.

É por estes e tantos outros ensinamentos, querida professora Socorro, que só tenho a agradecer a sua gentileza, a humildade em ter contribuído para a minha passagem na ponte, a qual pode ser que ainda precise de mais alguns anos para cruzar, mas

⁴ Elcimar Simão Martins é Pós-doutor em educação pela USP, Mestre e Doutor pela UFC. Professor adjunto da UNILAB.

⁵ Elisangela André da Silva Costa é Pós-doutora em educação pela USP, Mestre em Educação pela Uece e Doutora em educação pela UFC. Professora adjunta da UNILAB.

⁶ Professor credenciado ao PPGEd da UFRN, na linha de pesquisa educação, construção das ciências e práticas educativas.

saiba que suas contribuições foram de suma importância e não apenas para a vida profissional como também para a pessoal. Por tudo isso, obrigado!

Um forte abraço!
Do seu aluno

Geraldo Vicente

REFERÊNCIAS

CHICO CESAR. Deus me proteja. Francisco, **forró y frevo**. 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E79ZV7rLe-eA&list=PLIjteCcXYLQZBnqdRxmKc3Y4ie-qfz1i1&index=7>. Acesso em: 30 de ago. de 2022.

OLIVEIRA, Tainara. **As pontes como vice-conceito**. Disponível em: <https://www.filosofiaclinicaflorianopolis.com/as-pontes-como-vice-conceito/#:~:text=As%20pontes%20servem%20para%20dar,final%2C%20s%C3%A3o%20apenas%20a%20travessia..> Acesso em: 30 de ago. 2022.

RIOS, Terezinha Azeredo. As dimensões da competência do educador (carta a uma amiga professora). In: PAROLIN, Isabel Cristina Hierro. Org. **Sou professor!:** a formação do professor formador. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

SILVA, Geraldo Vicente da; GONZÁLEZ, Fredy Enrique. Epístola à quatro mãos de duas trajetórias na avaliação da aprendizagem. In: GONZÁLEZ, Fredy Enrique. Org. **A festa dos bonecos:** identidades docentes em movimento. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

FORTALEZA, 31 DE AGOSTO DE 2022

Saudações freireanas, prof. Socorro!

Professora Socorro, escrever essas linhas para dirigir-me a sua pessoa não é tarefa fácil. Comecei a ouvir falar de seu nome mesmo antes de conhecê-la. É, professora, a senhora tem muitos admiradores e sua história de vida serve de inspiração para muitas pessoas. Mas, foi na Unilab que tivemos o primeiro encontro. Mais especificamente na disciplina de Ensino e Formação Docente ministrada pela senhora e o prof. Elcimar.

Naquela tarde do dia 16 de agosto de 2019 começava para mim o retorno ao meio acadêmico. Depois de quase 20 anos em sala de aula, resolvi investir na minha formação como docente. Professora Socorro, você não imagina como suas falas tocam no íntimo do coração de quem as ouve.

A aula, da disciplina partilhada entre a senhora e o prof. Elcimar (seu compadre¹) começou com a senhora como sempre descontraída, mas de pulso firme, falando-nos que na sua vida existiam pessoas a quem tinha como “comadres” e “compadres”, lembro-me que nos falou: “não são muitos”. Essa alcunha era atribuída àqueles por quem tinha muita admiração e estima. Lembra, professora? Aquela tarde foi de muitas risadas.

Mas, retornando ao nosso primeiro encontro na Unilab, iniciar-se-ia uma trajetória de muitos saberes e aprendizagens. Professora, sua forma de dirigir-se aos seus alunos faz toda diferença. Desde o início da aula quando se dirige a cada um/uma e pergunta: Como você está? Quais são as suas expectativas para

¹ Termo que depois me foi explicado na aula da disciplina de Teorias e Abordagens investigativas sobre formação, didática e trabalho docente no curso de Doutorado Acadêmico da UECE (Universidade Estadual do Ceará).

o curso, para a disciplina? Saiba professora, essas atitudes nos aproximam das pessoas e é muito bom saber que mesmo na academia temos professores que nos olham ‘olho no olho’, que se preocupam com o nosso bem-estar, que se importam conosco.

É professora, lamento por não a ter conhecido antes, mas creio que na nossa vida tudo tem um propósito de Deus. Em relação à nossa rotina, você nos presenteava com suas dicas preciosas, dentre elas, o ACC (Anunciar, citar e comentar). Como tem nos ajudado! Falava da importância de nos valorizar como profissionais, de que não somos coitadinhos, mas somos professores e precisamos ter ciência da nossa identidade docente. E do nosso cantinho de estudo, hein? Comprem nem que seja uma mesa na feira, precisamos ter o nosso local de estudo. Uma dica tão simples, mas de uma importância imensurável.

Professora Socorro, tenha certeza de que seu legado como docente nos faz perceber que não basta ser doutor, ter conteúdo, ter metodologia, ou ainda ter experiência docente, mas, antes de tudo, é preciso colocar-se a serviço das pessoas, ter empatia, ter prazer em mediar conhecimentos, em partilhar experiências.

Nesse viés, remontamos à Freire (2013) quando nos aponta que:

Às vezes, mal se imagina o que se pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto de um professor. O que pode um gesto, aparentemente insignificante, valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo (FREIRE, 2013, p. 46).

Logo, professora Socorro, o docente não desempenha só o papel de mediar conhecimento, mas o de ampliar horizontes, um papel formativo que talvez não se tenha nos livros físicos, porém tem no olhar para o outro, no gesto, no afago, na escuta.

Esses predicados estão intrínsecos a sua formação, tanto como docente, quanto como ser humano.

Portanto, professora Socorro, as suas histórias de vida deixam perceptíveis aspectos inerentes à sua formação, esta que permeia todo a sua trajetória como educadora, mas que se reverbera em seu convívio familiar, escolar e social. Saiba que aprendemos muito com os seus exemplos de vida, e que as riquezas das suas experiências contribuíram em muito para a nossa formação como docente.

Finalizo assim com a composição musical de Vinícius de Moraes “Eu agradeço”.

Eu agradeço
Eu agradeço a você
Muito obrigado por toda a beleza que você nos deu
Sua presença, eu reconheço
Foi a melhor recompensa
Que a vida nos ofereceu
Foi muito lindo
Você ter vindo
Sempre ajudando, sorrindo, dizendo
Que não tem de quê
Eu agradeço, eu agradeço
Você ter me virado do avesso
E ensinado a viver
Eu reconheço que não tem preço
Gente que gosta de gente assim feito você

Atenciosamente,

Giovanni José Rocha Sombra

Referência

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Ed. 45. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

ESTRANHANDO AS COISAS COMUNS NO ATO DOCENTE

Fortaleza, 29 de agosto de 2022.

*Como sei pouco, e sou pouco,
faço o pouco que me cabe
me dando inteiro.
Sabendo que não vou ver
O homem que quero ser*
Thiago de Mello (1926-2022)

Prezada Profa. Dra. Maria do Socorro Lucena Lima

Tive professores em minha vida escolar que passaram por minha vida. Em relação à minha professora do Jardim da Infância, lembro de uma foto que tirei com ela, por ocasião da formatura de ‘Doutor’ do ABC. Outra memória que tenho é a de uma professora de História do Ensino Fundamental que ministrava provas-surpresa para ‘checar’ quem estava estudando a matéria. Memórias escolares que ainda povoam a minha mente.

Entretanto, como disse Bondía Larossa (2002), “a experiência não é o que toca, mas o que me toca”. Neste sentido, do ponto de vista da escolarização, tive professores que passaram por minha vida, outros me permitiram atravessamentos que marcaram a minha carreira docente com saberes, sabores e afetos que contribuíram para o profissional que sou hoje. Posso dizer que você é uma das professoras que, por ocasião de minha mudança geográfica da *Terra da Garoa* para a *Cidade da Luz*, ajudou-me a encontrar o meu lugar no mundo, quando me apresentou a possibilidade da docência como práxis humana e social. Gostaria de apresentar estes atravessamentos e afetamentos a partir do seu trabalho docente

sob três aspectos: a vida, a formação e o trabalho docente.

Começo a falar da formação como espaço de (re)construção de vivências, sentimentos, visões de mundo e conhecimentos. Quando cursava, em 2009, a especialização em Formação de Formadores, organizado pelo Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará (CED/UECE), na primeira disciplina, ‘Desenvolvimento profissional docente’ ministrada por você, pude perceber sua linda trajetória docente desde a educação básica no Cariri até chegar ao Ensino Superior no Curso de Pedagogia da UECE. Aprendi que *sendo e sabendo pouco, faço o pouco* dando-me por inteiro através da minha contribuição para o mundo: a docência!

Ouvir sobre a sua história, sobre a luta para que você se formar no Curso de Letras na Universidade Regional do Cariri, sobre o seu exercício profissional enquanto professora e gestora escolar e do estímulo que recebeu de um amigo que lhe disse que você tinha ‘jeito’ para a docência universitária, fez-me (re) pensar o meu caminho e vislumbrar às possibilidades do desenvolvimento profissional. Os textos lidos, os debates e a maneira como você ensinou àquela turma, apontaram para mim a sensibilidade poética do ato docente materializada na perspectiva da totalidade da mandala como proposta didática em sala de aula.

No desenvolvimento da aula, havia uma temática central que ia se particularizando ponto a ponto, na perspectiva da totalidade do assunto trabalhado. Isso me faz lembrar hoje do *princípio hologramático* em que as partes estão no todo da mesma forma que todo está nas partes (MORIN, 2005). Entretanto, a soma das partes não é a mesma coisa que o todo. Em síntese, a Didática da mandala permitiu a organização da aula a partir da dialética que se estabeleceu entre a parte e o todo no horizonte da complexidade.

Além disso, aprendi com você a necessidade da *educação do olhar*. Como professor, descobri a possibilidade de *ver as coisas estranhas nas coisas comuns*. Nesse sentido, como docente sou convocado a desenvolver na sala de aula a prática do espanto aristotélico diante da contemplação do saber do/no mundo. Refletir planejando, planejar refletindo. Ensinar observando, observar ensinando. Sendo assim, faz sentido a educação do olhar no contexto da prática pedagógica, exercitando a reflexão sobre o ato docente, fazendo da Didática, não apenas a teoria do ensino, mas também a teoria da formação permanente (FRANCO, 2010; VIEIRA, 2020). Ensinar é também (re)aprender a ser professor pela reflexão contínua do que é ensinado.

Atrelada a essa experiência da reflexão sobre a prática docente, em 2012 tive a oportunidade de participar junto a você do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação do Educador (GEPEFE), núcleo da UECE. Fui convidado pela Profa. Dra. Maria Marina Dias Cavalcante, sua companheira de luta e de departamento, para participar do grupo por conta de minhas produções científicas (CAVALCANTE; VIEIRA, 2013). Além disso, Marina foi orientadora do meu trabalho monográfico de especialização em Formação de Formadores à luz da epistemologia de Paulo Freire (VIEIRA, 2010a), cuja síntese foi publicada na Revista Educare do Colégio Militar de Fortaleza (VIEIRA, 2010b). Foi nesse contexto da especialização que comecei aprender a escrever a ciência pedagógica. *Coisas estranhas a partir de coisas comuns*. Gratidão pela aprendizagem!

Os encontros do GEPEFE sempre aconteciam às sextas feiras pela manhã na UECE. A dinâmica de estudo se dava pelo envio de textos da área de educação/formação de professores aos participantes através de *e-mail* para a leitura prévia, fazendo do encontro do grupo de pesquisa o momento para o debate dialó-

gico e para a elaboração de sínteses, tendo em vista à produção científica em periódicos qualificados e eventos da área.

Foi nessa ocasião que me aproximei mais de você e daquilo que escrevia na área da formação de professores. Lembro-me de um encontro em que tu falaste sobre a *hora da criação* durante o seu dia. Isso impactou a minha vida. Entendi que esses momentos criativos possibilitam a experiência da catarse através da leitura, da escrita e da expressão humana através da estética da arte. Ficou evidente para mim a necessidade de todos os dias escrever pelo menos um parágrafo acerca daquilo que ‘me passa’ enquanto experiência no e com o mundo. Em síntese, como professor no contexto da formação permanente preciso fazer coisas que gosto no bojo da expressão estética, a fim de *não ter a vergonha de ser feliz. Cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz*, citando Gonzaguinha, uma das referências poéticas da reflexão sobre a formação contínua do professor em sua Tese de doutorado em Educação (LIMA, 2001).

Nessa vivência do GEPEFE fui estimulado por você e por Marina a fazer a seleção do Curso de Mestrado em Educação no final de 2012. A partir das leituras do grupo, fui constituindo um *corpus* teórico que atrelado às obras sugeridas no edital, consegui lograr êxito de passar em primeiro lugar na Linha A: *Formação, didática e trabalho docente*, particularizada no núcleo de pesquisa: *Didática, saberes e práticas pedagógicas*. Assim, de 2013 a 2015, desenvolvi o meu trabalho de dissertação orientado pelo Prof. Dr. Jacques Therrien, em torno da discussão dos saberes da docência universitária em Paulo Freire, a partir da experiência de coordenadores de área do Programa de Iniciação à docência da UECE (VIEIRA, 2015).

Após a conclusão do Mestrado, já estava ‘picado pelo vírus’ da pesquisa. Não pensei duas vezes. Passei o ano de 2015

estudando as obras da seleção e elaborando o projeto de doutorado na mesma vertente da dissertação, mas trazendo a discussão original dos saberes da docência universitária com base na *ontologia do Ser Mais*, na *racionalidade epistêmico-dialógica* e na *metodologia da práxis pedagógica*, tendo contexto da pesquisa a Pós-graduação *stricto sensu* em educação (VIEIRA, 2020).

Durante o curso de doutorado, tive aula com você na disciplina *Seminário de Prática de Pesquisa III – trabalho de campo*, em que reafirmaste a sua tese ao dizer que no contexto do desenvolvimento profissional, o trabalho docente é práxis. Nem a teoria sem prática que é academicismo vazio, nem a prática sem teoria, perfazendo o ativismo cego (FREIRE, 1986). Ao contrário, na tensão aberta entre ambas (VOLOSKI, 2013), o exercício dialético da ação-reflexão-ação fundamenta e ressignifica o ato docente. Isso ficou marcado para mim!

Por fim, agradeço a você por todas as experiências vividas. Você me mostrou a grandeza da docência através das leituras sugeridas e das suas palavras corporificadas pelo exemplo. Tudo que passou e que me passou, permitiu-me, sabendo e sendo pouco, fazer o pouco dando-me integralmente à formação de professores a partir da pesquisa em educação. Na mandala da vida em suas múltiplas determinações e facetas, junto com você, levanto a bandeira da luta pelo desenvolvimento profissional, considerando que o trabalho docente é práxis. Do Cariri para Fortaleza. Da educação básica à Pós-graduação. Do tempo histórico à eternidade, a sua sensibilidade na docência me ensinou a ser um *eterno aprendiz* esperançoso da/na práxis pedagógica.

Com carinho e afeto,

Prof. Dr. Hamilton Perninck Vieira

Referências

BONDÍA, J.L. Notas sobre a experiência e o saber de experiências. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, RJ, n. 19, p. 20-28, jan./abr., 2002.

VIEIRA, H.P.; CAVALCANTE, M.M.D. A crise do magistério público brasileiro no século XXI: repercussões na identidade do professor da educação básica. **Revista Práxis Educacional**. Vitória da Conquista, BA, v. 9, n. 15 p. 79-102, jul./dez., 2013.

FRANCO, M.A.S. Didática e Pedagogia: da teoria do ensino à teoria da formação. In: FRANCO, M.A.S.; PIMENTA, S.G. (orgs.) **Didática: embates contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 75-100.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981

LIMA, M.S.L. **A formação contínua do professor nos caminhos e descaminhos do desenvolvimento profissional**. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Ed. revista e modificada pelo autor. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

VIEIRA, H.P. A (re)significação da docência universitária brasileira na graduação em Paulo Freire. **Revista Educare**. Fortaleza, n. 2, jun., p. 62-70. 2010b.

VIEIRA, H.P. **A (re) significação da docência universitária brasileira na graduação em Paulo Freire**: realidade, complexidade e possibilidades, 2010a, 183p. Monografia (Especialização em Formação de Formadores), Centro de Educação, Universidade Estadual de Ceará, Fortaleza, 2010a.

VIEIRA, H.P. **Saberes da docência universitária e práxis pedagógica de coordenadores de área do PIBID-UECE**: um olhar a partir de Paulo Freire. 2015. 260f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

VIEIRA, H. P. **Saberes da docência universitária e Ciclo Gnosiológico em Paulo Freire**: tessituras a partir da Pós-graduação em Educação. 2020. 385 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2020.

VOLOSKI, G.L. **Dos lugares da filosofia da educação**: reforma educacional, praticismo, formação. 2013. 163 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

QUERIDA SOCORRO LUCENA,

paz e bem.

Mexendo nos meus guardados, encontrei vários cartões feitos a mão por você. Amiga, que recordação linda!!! Peguei-me a perguntar se durante esses anos em que foste me presenteando, eu havia agradecido suficiente e devidamente. Seus cartões são obras de arte, únicos e de uma boniteza que revela o ser humano diferenciado que és. Socorro, gratidão!

Encontrei um cartão que tem como mote o “comadrio”, onde revelas, com aquela sabedoria de quem sabe o valor de uma grande amizade, que esse é um vocábulo que dedicamos àquelas pessoas com quem partilhamos amizade. Chamamos de comadre as amigas do coração, as presenças afetuosas e irmanadas que encontramos na longa caminhada da vida, pessoas em quem confiamos e com as quais nos identificamos. Lembro de ter ficado emocionada, com os olhos marejados, quando recebi esse seu cartão, minha comadre professora.

Ubuntu!!! Esse foi outro cartão que me destes, desenhado a mão numa folha amarela com bordados delicados e uma folha branca impressa anexada com uma mensagem belíssima. Lição aprendida, minha querida comadre. Recordo que remonta ao início dos anos de 1990 meu primeiro contato com essa palavra africana, que tem origem na língua Zulu, e esse ensinamento veio por tuas mãos. Obrigada, querida Socorro, por essa bela e potente lição: “humanidade para os outros” ou, dito de outro modo, “sou o que sou pelo que nós somos”, pela nossa capacidade de ser juntos, de ser elo, de ser ponte. Uma palavra cujo significado, real e intenso, nos diz que “uma pessoa é uma pessoa através (por meio) de outras pessoas”. Um sentido coletivo, resultante

de uma cultura humanística, voltada para valores como o acolhimento, respeito, consideração, solidariedade, cooperação e generosidade.

Enfim, *Ubuntu* reconhece nossa condição humana de ser social, de sujeito que se faz “com” e “no” outro. Ao pensar sobre esse significado, rememoro seu jeito acolhedor, humano e integrador, sempre atenta à diversidade e à especificidade de cada pessoa ao seu redor, nelas estimulando o seu melhor, acreditando em seu potencial e capacidade. *Ubuntu*, querida Socorro! Reconheço-me em ti. És uma mulher sertaneja forte, de alegria vibrante, de coração terno e imenso, além de uma profissional docente encantadora, que embevecia a todos e todas que tiveram a oportunidade de conviver com seu jeito de “aprendiz” da vida. És um exemplo!!!

Quantos cartões recebi de ti, Socorro, ao longo de nosso encontro pelos caminhos da vida e da docência, profissão que abraçamos e pela qual lutamos com as armas que tínhamos e acreditávamos (e ainda continuamos acreditando!). Cartões guardados e emoldurados na galeria de minha memória. Cartões de afeto, cartões de aniversário, cartões de apoio e aconselhamento, cartões de congratulações por alguma conquista pessoal e profissional. Uma caixa cheia de cartões e, em todos, a sua marca amorosa, sua poética brejeira de quem olha a vida mirando-a “do sertão para o litoral”.

Lembro, também, dos “cartões-poemas”, assim por mim apelidados, pois costumavas me presentear com versos de autores que gostavas e, de algum modo, traduziam tua visão de mundo, da vida e do professorar. Destaco, dentre os muitos cartões que me destes, Comadre Socorro, aqueles que, além de acompanhados de poemas que ensinam, sempre trouxeram anotações feitas a mão, com tua letra inconfundível – manuscrita, bem

desenhada e levemente deitada. Letra de uma professora de Didática cuja trajetória se fez, fundamentalmente, com os pés, as mãos e o coração fincados na escola e no chão da sala e da vida cotidiana de tantas outras professoras. São exemplares desse teu *saber-fazer* pedagógico os versos de Thiago de Mello – “Para os que virão”, do qual reproduzo a primeira estrofe por me dizer muito de ti, querida Socorro:

“Como sei pouco, e sou pouco
Faço o pouco que me cabe
Me dando por inteiro. Sabendo que não vou ver
O homem que eu quero ser.”

Este poema me destes como lembrança da ANPED, datado 27 de setembro de 1999. E o que dizer dos versos da canção “Eterno Aprendiz”, de Gozaguinha? Esta é uma composição, gravada noutro cartão-poema que me destes (em 2000), que retrata muito do pensar pedagógico que buscaste vivenciar em tua trajetória de educadora, o qual reconhece “a beleza de ser um eterno aprendiz”. Nesses e noutros tantos e valiosos cartões que recebi de ti, enxerguei a pessoa e a profissional vibrante, alegre e apaixonada pela vida; me encantei pela pesquisadora e professora de Didática e da formação de professores.

E o que dizer dos cartões produzidos para o ENDIPE 2014? Que aventura aquela que vivemos juntas e com tantas outras pessoas que, ao organizarem conosco o 17º Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), compuseram a história do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Um evento científico que situou a UECE no mapa acadêmico da pós-graduação em Educação do país; um encontro celebrativo dos dez anos de

vida do nosso PPGE, à época animado pelas primeiras turmas do Curso de Doutorado. Com certeza aquele XVII ENDIPE fez história como evento científico sobre “questões pedagógicas que interpelam a Didática enquanto campo de conhecimento” e como “espaço de formação de formadores” (LIMA; FARIAS, 2020, p. 160)¹.

Ainda encontro, mesmo anos depois da experiência formadora da organização de um evento científico do porte do ENDIPE na UECE, estudantes, professores e pesquisadores de norte a sul do Brasil que, ao rememorarem o “Endipe de Fortaleza”, registram o encantamento por sua sensibilidade artística, jeito leve e alegre de dizer “seja bem-vindo, ao Ceará”! Cartões personalizados e que traduziram a acolhida nordestina da terra da luz arrimada pelos versos de Raquel de Queiroz – “pode entrar, a casa é sua”. Arrasaste, comadre Socorro!!!

Comadre, suas pegadas na vida tornaram-se referência para muitos. Ensinaste com paixão e generosidade, inclusive tua arte. Lembro com emoção do estímulo e cuidado com minha filha, à época adolescente e descobrindo a beleza do fazer estético, mas tudo feito muito intuitivamente. Prontamente a convidaste para um dia de oficina em sua casa. Como ela gostou daquele dia de afeto e aprendizado! Partilha que fez toda a diferença na qualidade das mandalas e cartões artesanais por ela criados desde então. Fizeste escola na profissão e na arte, comadre Socorro!

Peço desculpas pelas recordações saudosistas, mas há tempo venho revisitando memórias afetivas marcantes em mi-

¹ LIMA, Maria do Socorro Lucena; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. A Didática e a Prática de Ensino: questões contemporâneas em debate. In: CANDAU, Vera Maria; CRUZ, Giseli Barreto da; FERNANDES, Claudia (Orgs.). **Didática e fazeres-saberes pedagógicos: diálogos, insurgências e políticas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020, p. 158-176).

nha vida e, nesse exercício, encontro tua presença certa, segura, generosa e calorosa. Se saudades não faltam, por certo são memórias que revelam o muito que vivemos e aprendemos juntas. Obrigada, querida comadre de vida e de profissão.

Aqui me despeço, daquele jeito bem ao teu modo de ser: com um abraço apertado e rodopiado, ladeado por boas gargalhadas que manifestam, do nosso jeito simples e sincero de ser, a alegria do (re)encontro.

Sua comadre e sempre admiradora,

Isabel Sabino.

Carnaval de 2023.

Das terras da Caponga, Ceará.

FORTALEZA, 31 DE AGOSTO DE 2022

Querida Professora Socorro Lucena
Saudações!

É com muita satisfação que hoje me dediquei a escrever esta carta, à qual chamo, **Carta de Gratidão**, por ter conhecido você, professora Socorro, profissional de grande estima, merecedora de aplausos, reconhecida pelas mais diversas pessoas que, assim como eu, tiveram a oportunidade de, na condição de aprendentes, beber desta fonte de sabedoria.

E aqui, começo a reviver, um pouco, momentos marcantes da minha história. Lembro do meu primeiro contato com você. Era a abertura do Semestre 2, ano de 2020, do PPGEF UNILAB-IFCE; nossos caminhos se cruzaram ali, naquela Live foi apresentado o livro “A pesquisa como princípio formativo na pós-graduação: da reflexão sobre as práticas à construção do conhecimento”, organizado pelo Prof. Dr. Elcimar Simões Martins e Profa. Dra. Maria Socorro Lucena Lima. Lembro-me que sua fala me trouxe profundas reflexões e inquietações, como, por exemplo: a necessidade de termos um projeto de vida, sendo uma professora em processo de formação. Ali, posso dizer, foi o ponto de partida para começar meu interesse por pesquisa. Busquei consonância de seu diálogo com o do educador Paulo Freire (2007, p. 29): “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro [...]”.¹ Outra fala sua bem marcante foi quando apresentou a proposta “ACC-Anunciar-Citar-Comentar” e, à medida que ouvia sua pa-

¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* - 35ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura). Impresso 2007.

lestra, minha mente fervilhava de ideias, vislumbrando possibilidades de estudo.

Saí dessa Live com vontade de alçar voos rumo ao Mestrado e então meu interesse foi direcionado para participar do processo seletivo do Programa de Pós-graduação de Educação da Universidade Estadual do Ceará, na área formação de professores, à qual sempre me dediquei. Sabe, Professora, aquele era para mim um momento mágico, sabe?! Aquele sonho que temos e que lutamos muito para concretizar?! Confesso que não foi fácil subir esse degrau. Foram anos de estudos, de muita dedicação e porque não dizer, de muita luta! Você sabe, professora, que conciliar trabalho, estudo, família é uma tarefa árdua. Mas havia conseguido chegar ao meu tão almejado sonho – fazer minha inscrição no Mestrado! Além disso, estava altamente motivada, acreditando que obteria a vitória. Este foi o ano de 2021, no qual consegui ser aprovada e ingressar no Mestrado; minha professora orientadora, por sinal, sua comadre, é Elisângela André, educadora atuante, coerente e amiga; tive meu projeto de pesquisa qualificado no primeiro semestre do ano em curso e, agora, estou iniciando a pesquisa de campo.

Pense, Professora, o quanto estou feliz! Sei que você consegue imaginar como é esse sentimento, pois também já passou por essa experiência. Neste momento, fico aqui divagando... como não será maravilhoso ser aprovada no Doutorado! E aí, a gente começa colocar o pensamento para além deste momento político, social, econômico, educacional, sanitário, de negação da ciência, enfim, cenário de tanta dificuldade e incerteza pelo que está por vir no campo político do nosso País, que é capaz de sonhar e renovar a esperança de que dias melhores virão, se Deus quiser.

Mas, então, Professora Socorro, aproveito para registrar que minha história não é tão diferente da realidade de muitas

peças que escolhem trilhar o caminho do estudo, da busca por conhecimento. Estava afastada há mais de 10 anos da universidade; meus pais nunca tiveram a oportunidade de estudar e compunham a estatística de milhões de brasileiros, jovens e adultos tidos como “analfabetos”, apesar da sabedoria e cultura que têm. Sou a única da família com nível Superior.

Iniciei minha vida profissional aos 16 anos como estagiária em uma creche; concomitantemente cursava Ensino Médio/Pedagógico. Ao concluí-lo, fui contratada como Professora e passei a trabalhar os três expedientes; casei, tive dois filhos e com tantos afazeres sobrava pouco tempo para estudar, quase nenhum tempo! Mas consegui ingressar na UECE, no curso de Pedagogia, o qual concluí no ano de 1993. Na sequência, consegui fazer três cursos de especialização: o primeiro em Planejamento Educacional, o segundo em Educação de Jovens e Adultos e o terceiro MBA em Gestão. Esses cursos melhoraram minha atuação profissional.

No ano de 2021, já no 2º semestre, estava no auge da minha vida acadêmica, cursando o Mestrado em Educação e tive a oportunidade de, na disciplina Fundamentos Pedagógicos, ministrada pela Professora Dra. Mariana Cavalcante, encontrar você que também lecionava na referida disciplina. Confesso que nem acreditei, pois sua fala naquele dia da abertura do Semestre 2 do ano de 2020, fato que já mencionei nesta carta, me impulsionou a prosseguir caminhando. Quero registrar que foi um semestre de muito estudo e de muita aprendizagem. Suas aulas foram importantes para a escrita do meu projeto de qualificação; seu modo expressivo deu um tom de leveza às aulas; seu desejo de dançar e participar de festas me levou a refletir que não somos máquinas e sim pessoas que estudam, pesquisam, trabalham, mas também precisam de momentos de lazer. Na verdade, cada

encontro nosso, mesmo que virtual, culminava com a reflexão-ação-reflexão refletida, num processo dialético, conforme bem falou Freire (1978, p. 65): “A prática de pensar a prática é a melhor maneira de aprender a pensar certo.”² E um momento ímpar e significativo foi quando lhe conheci pessoalmente; foi no dia 14 de julho de 2022, na UECE; quando a homenageamos e conhecemos mais ainda sua história pessoal e profissional, trajetória regada por desafios, aprendizagens e contribuições à educação.

Em alguns trabalhos que realizei na disciplina que fiz com você, utilizei como referência sua Tese de Doutorado. Que Tese linda e profunda! Ao mesmo tempo envolvida de sentimentos, de arte, encaixando bem a letra da música: O que é? O que é? do compositor e cantor Gonzaguinha. Aproveito aqui para alguns destaques de sua pesquisa: “A prática docente, compreendida como práxis, pode possibilitar a posição do professor como agente transformador (educador/trabalhador).[...]” (LIMA, 2001, p.144)³; “A dinâmica de formação contínua pressupõe um movimento dialético, de criação constante do conhecimento, do novo, a partir da superação (negação e incorporação) do já conhecido. [...]” (LIMA, 2001, p. 157-158).⁴

Então, Professora, em nossas conversas e nas suas produções, existem palavras e expressões que saltam aos nossos olhos: professor reflexivo, ser histórico, formação contínua e humana do professor, didática como práxis reflexivas. Sua defesa de uma

² FREIRE, Paulo. A alfabetização de adultos: é ela um quefazer neutro? Educação & Sociedade, nº 1. São Paulo: Cortez, 1978.

³ LIMA, Maria Socorro Lucena. **A formação contínua do professor nos caminhos e descaminhos do desenvolvimento profissional**. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

⁴ LIMA, Maria Socorro Lucena. **A formação contínua do professor nos caminhos e descaminhos do desenvolvimento profissional**. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

educação de qualidade e o compromisso com a formação crítico-reflexiva dos educadores me inspira a ser uma pesquisadora comprometida com uma educação amorosa, humana e dialógica.

Desejo que continue contribuindo para a formação de professores, seus ensinamentos precisam continuar através da rede de educadores. Finalizo esta **Carta Gratidão**, reverberando que todos nós temos um professor guardado em um cantinho do peito. Acredito que ninguém escolhe ser professor; alguns de nós nascemos com essa nobre missão. “O educador se eterniza em cada ser que educa.”⁵

Esta foi a maneira que encontrei para homenagear você, minha querida professora.

Um abraço bem apertado, Professora Socorro.

Jeane Dantas

⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

FORTALEZA, 15 DE SETEMBRO DE 2022

Querida Socorro,

Esta carta expressa meu profundo agradecimento a você.

Faz muitos anos que a conheço. Nossa aproximação começou quando fui transferido da Faculdade de Educação de Itaipoca (FACEDI), um dos *campi* da Universidade Estadual do Ceará (UECE) no interior, para o recém-criado Centro de Educação (CED), localizado em Fortaleza, no início dos anos 2000. Naquela época, você já era uma referência no campo da Didática em nosso Estado, reconhecimento que se espalhou para o Brasil e o exterior.

Tive a honra de compor, sob sua coordenação, a comissão de elaboração do projeto do então Curso de Mestrado em Educação (CMAE) da UECE, naquele período, início do atual Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), considerado de excelência nacional pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Durante esse tempo de convivência no Centro de Educação, principalmente nas atividades relacionadas à pós-graduação *stricto sensu*, fui admirando-a cada vez mais, em função de seu compromisso com a formação de professores para a educação básica e superior, em nível de graduação, especialização, mestrado e doutorado, e com o desenvolvimento do estudo e da pesquisa no campo da Didática.

No entanto, foi durante minha estada na Coordenação do PPGE/UECE, quando o Programa já contava com o Doutorado, que nossa amizade se fortaleceu. Com base em nossas conversas e gargalhadas diante de jocosidades compartilhadas, além de estar mais atento a como se relacionava com as pessoas, consegui

descortinar para mim, a partir de então, o ser humano maravilhoso que você é, sempre buscando ajudar aquelas/es que cruzam seu caminho.

Não me esqueço de uma frase que você gosta de usar para caracterizar muitas de suas ações desenvolvidas no campo da docência, em que seu compromisso com o processo formativo das pessoas foi muito maior do que qualquer remuneração recebida (quando não era uma ação totalmente voluntária). Para esse seu comportamento desprezado do retorno material, mas extremamente comprometido com a formação humana, você dizia: “é minha caridade pedagógica”.

Talvez quem escuta essa expressão “caridade pedagógica” sem conhecer você, não consiga interpretar a essência do que isso significa. Segundo Abbagnano (2007)¹, caridade é um termo originário do latim “caritas”. Para o autor, “[...] consiste na realização do preceito cristão fundamental: ‘Ama a teu próximo como a ti mesmo’” (p. 118). Suas atitudes e suas palavras, Socorro, vão além do campo pedagógico, elas atravessam a vida das pessoas e as ajudam a se levantar de suas quedas, de suas dores, a encontrar novos horizontes, refazer as pazes com o sorriso e a alegria, a redescobrir novos motivos para viver. Tomando novamente emprestado o pensamento de Abbagnano (2007), sua “caridade” é, de fato, na acepção comum dessa palavra, “[...] a atitude de quem quer o bem do outro e se comporta generosamente para com ele” (p. 118).

Acredito que esta carta será lida por diferentes pessoas, que estarão vivendo distintas situações em suas trajetórias pessoais e profissionais. Por isso, quero compartilhar, minha ami-

¹ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ga, algo que, para mim, faz parte dessa sua capacidade de ajudar as pessoas, transformá-las quando elas mais precisam. Talvez o que você e eu vivemos sirva para outras pessoas em condição semelhante.

Após a partida de minha muito amada e única filha para o Plano Espiritual, você me procurou e conversamos longamente. Naquele momento, a dor e a saudade me consumiam. Você compartilhou comigo algo que viveu quando da partida de seu pai. Na época, segundo seu relato, uma senhora lhe indicou sempre agradecê-lo por tudo que viveram, toda vez que lembrasse dele, a fim de ir transformando a dor da partida em um sentimento de agradecimento pela vida desfrutada juntos.

Identifiquei em suas palavras um caminho amoroso que deveria trilhar. Prontamente comecei a agradecer minha filha, como ainda continuo a fazer, pelos 16 anos que ela viveu neste Plano Terreno e me transformou em um ser humano melhor, ao me fazer descobrir o amor incondicional. Essa estratégia não é um remédio instantâneo, mas tem me ajudado muito a ir superando a dor da partida e permitindo encher o coração com a gratidão e a esperança do reencontro.

Outras ações também são necessárias para fortalecer quem está vivendo essa despedida. Afinal, cada pessoa vive a partida de uma/um filha/o, mãe, pai, irmã/o, amiga/o de forma particular. Precisar de mais ou menos assistência, seja da família e amigas/os, seja de profissionais especializadas/os nesses momentos, seja buscando uma religião ou crença. Mas quis enfatizar para você, minha amiga, como suas palavras têm sido importantes para eu me reencontrar nesta vida.

Por isso, comecei esta carta dizendo que ela expressa meu profundo agradecimento a você. Acredito que cada ser humano é um semeador. Tudo que semeia ao longo de sua vida, mesmo

que demore, floresce, dá frutos, multiplica-se e retorna para si. Todos nós, habitantes desta Terra, precisamos decidir, portanto, o que queremos semear.

Você, Socorro, escolheu semear amor, solidariedade, formação humana, sem descuidar de competentes ensinamentos acadêmicos. Espero que esta carta reafirme o quão importante e necessária você é para todos nós, seus amigos e amigas.

Muito obrigado por quem você é!

Grande e afetuoso abraço,

João Batista Carvalho Nunes

FORTALEZA, 31 DE AGOSTO DE 2022

Profa Socorro Lucena,

Aqui é o seu coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE), José Airton de Freitas Pontes Junior. Sim, escrevo o nome completo porque a Sra. se espantou com um nome tão grande e brincou: “deve ser alguém importante”. Ri demais disso. Depois dessa vez, a Sra. sempre me chamava de Zé Airton e eu adorava ouvir isso com o seu jeito e sotaque.

Iniciei minha caminhada na gestão pública em março de 2019, como vice-coordenador do PPGE/UECE, junto ao professor João Batista cuja experiência como gestor, em parceria com a profa. Isabel Sabino, era significativamente longa. Naquela época, a Sra. foi muito simpática e atenciosa comigo, sempre tendo paciência para ensinar um pouco sobre a vida acadêmica. Como eu estava começando na gestão pública, eram muitos desafios para aprender a lidar.

A Sra., profa. Socorro, eu só conhecia pelas produções acadêmicas, dentre as quais se destaca “Estágio e docência”, publicado pela Cortez Editora, cuja autoria é partilhada com a profa. Selma Garrido Pimenta. Não sei se sabe, mas esse livro é uma obra de ampla circulação, contando com mais de 5 mil citações e que já se encontra na sua 8ª edição, revisada e ampliada, incorporando novos desafios presentes na formação de professores, como as tecnologias digitais da informação e comunicação. A obra já se tornou um clássico citado em dissertações e teses, bem como artigos na área de formação de professores, área de concentração do PPGE/UECE.

Eu também sabia que um pouco da trajetória acadêmica da Sra., profa. Socorro, pelo seu forte engajamento na formação de professores e pesquisadores na Universidade Estadual do Ceará (UECE) e na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Então, quando marcamos nossa primeira reunião apenas a Sra. e eu para uma comissão em que trabalhamos juntos, fui ansioso por esse momento. A Sra. de início foi logo descontraindo e perguntou o que fiz e de onde vim. Relatei que fiz mestrado e doutorado na Universidade Federal do Ceará (UFC) na área de avaliação educacional e que fui orientando do prof. Nicolino Trompieri Filho. Na hora a Sra. disse, com seu charmoso sotaque, que gostava muito “de Nicolino”, mesmo tendo caminhos de pesquisas diferentes e que nos poucos contatos que tiveram em oportunidades de trabalho foram momentos muito agradáveis e de respeito mútuo.

Nessa primeira reunião, sabendo de sua trajetória de sucesso como pesquisadora na área de Formação de Professores e com tantos trabalhos de pesquisa em andamento, perguntei o que a motivava a continuar fazendo tanta coisa pela UECE (em especial ao PPGE) e pela Unilab (suas articulações com o mestrado de lá e com Elcimar e Elisangela principalmente). A Sra. comentou muito sobre os desafios da orientação de mestrandos e doutorados, mas que lhe dava muito prazer em formar pessoas, visto que essa ação foi muito da sua história. A Sra., profa. Socorro, também nesse mesmo encontro me apresentou a expressão Caridade Pedagógica que tenho levado como uma reflexão recorrente em minhas ações. Na hora que falou eu perguntei “Caridade Pedagógica?” e a Sra. riu como uma criança danada e disse “é a forma que tenho que retribuir para a vida o que a vida tanto me deu”.

Naquele momento eu pude perceber uma forma semelhante de se relacionar com o Pós-Graduação que vi também o prof. Nicolino. A Sra. me mostrou o quão importante é o papel de pesquisadores de tão grande experiência, como a Sra., que ainda tem a paciência de ensinar aos mais jovens ávidos por ouvir vocês, como eu.

A homenagem que o Centro de Educação (CED) e o PPGE/UECE realizaram para a Sra., no dia 14 de julho de 2022, nomeando o corredor de entrada do PPGE como Galeria da Fama como a Sra. costumeiramente chamava, é mais um exemplo de como é querida por tanta gente. E toda vez que chegam convidados, novos discentes e visitantes, faço questão de apresentar a placa e dizer quem é Socorro Lucena para além das credenciais acadêmicas já conhecidas e algumas aqui citadas.

Bem, não tivemos tanto tempo de trabalho juntos, mas o pouco que convivemos me dá muita alegria em saber e falar sobre essa trajetória. Prof. Socorro, que seu exemplo docente e de pesquisadora possa continuar me inspirando, bem como a Caridade Pedagógica seja mais incorporada em um mundo acadêmico tão competitivo. Como professor, estou a disposição para o que precisar. Como eterno aprendiz, muito obrigado por tudo!

Grande beijo!

José Airton de Freitas Pontes Junior

PIRIPIRI - PIAUÍ, 31 DE AGOSTO DE 2022

Amada professora Socorro Lucena,

O momento em que escrevo esta carta carrega o mais sincero desejo de que se encontre bem e cheia de vida, como sempre a temos contemplado. A escrita de hoje, que se propõe amorosa, é para tentar expressar o respeito, admiração e grande inspiração que és para mim. Anelo conseguir esboçar nestas poucas linhas, que dentre as vivências no doutorado da UECE, uma das mais gratificantes experiências estão realcionadas as oportunidades de ouvi-la atentamente e poder alcançar lindas lições e aprendizagens que emandam de sua vasta experiência e sabedoria, ainda que em momentos bem específicos. Juntamente com as amigas Francly Rabelo e Edith Ferreira, “tietamos” a senhora demais!!! Logo, expressar nesta carta todo afeto e admiração que tenho pela pessoa e profissional linda que és, fica um pouco complicado, porém, bastante oportuno, importante e que me honra e alegra meu coração!

Durante esta escrita, rememorei um poema de Fernando Pessoa, quando afirma que “[...] há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo e esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia e se não ousarmos fazê-la teremos ficado para sempre à margem de nós mesmos.” A senhora por meio de sua trajetória de vida familiar e profissional, como referência de mulher, mãe e profissional, realizou grandes escolhas e ousou em muitas travessias, pois o seu caminho e o seu caminhar, precisos e preciosos, revelam a boniteza, que o Lattes é incapaz de apresentar e traduzir: tocou vidas e formou seres humanos. Certamente, sua itinerância revela que, por não poucas

vezes, abandonastes as roupas usadas que já possuíam a forma de seu corpo e rompestes enveredando por outros/novos caminhos.

É importante lhe dizer nesta hora, que a senhora tens provocado um movimento interior em nós, a partir de um grande mover exterior, num construto humanizador, educativo e de muitas aprendizagens. Não posso deixar de destacar que suas participações nas bancas de mestrado e doutorado, nas quais tive a rica oportunidade de assistir representaram para mim momentos ímpar.

Pessoas incríveis, marcam nossas vidas. E assim é a cada Encontro, Seminário, Simpósio, Congresso ou aula em que a senhora está dialogando conosco e nos ensinando, ou melhor: orientando para a vida!!! Me lembro demais de suas sábias orientações nos corredores da UECE: “terminem o doutorado, mas terminem bem! Parem as vezes e viagem, ouçam uma boa música, façam outras leituras, assistam a um bom filme, pois a saúde e a família é tudo em nós e para nós. Se amem também! Saiba que essas palavras foram nutrindo minha caminhada pela pós-graduação. Pois, como a senhora bem afirma, “[...] no horizonte da utopia, entendido como vir-a-ser, está a formação contínua como um diálogo com a vida do professor, a serviço da emancipação humana e como mediadora da função crítica, na luta por uma sociedade mais justa” (LIMA, 2001) .

Espero que na leitura desta carta amorosa e inspiradora, possas sentir expressões da mais sincera afetividade que tenho pela senhora. Inclusive me veio em mente algo que me faz lembrar demais de suas falas e que representa uma grande característica da senhora: **a amorosidade**. Por isso, ressalto aquilo que me veio a mente neste exato momento, e consta nas sagradas escrituras no texto de 1 Coríntios 13:1-3;13: “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como

o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria. E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria. [...] Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o **AMOR**”.

Exatamente isto, é muito marcante na minha vida e memória em relação a sua linda pessoa, pois assim é a senhora: uma amada professora cuja práxis é fundamentada no amor, logo, o carrega também como o fundamento para os diálogos que sempre estabeleceste, e isso vai delineando, expressando e explicitando o seu sempre comprometimento com o mundo e a humanidade das pessoas. Sabes porque a identifico assim? Por que quem ama a Educação como a senhora, se mostra esse ser humano corajoso, destemido, compromissado com os homens e mulheres, com a causa, num verdadeiro processo de libertação de mentes e vidas.

Ah, professora Socorro Lucena, se conseguisses calcular e projetar a sua mente para compreender a dimensão e o alcance de seus ensinamentos, de seu exemplo, de suas referências!!! Se fosse possível realizar este cálculo a senhora faria uma linda equação e a conta fecharia bem direitinho... Sabes porquê?? De todos(as) que conheço e tiveram a incrível oportunidade de conhecê-la, ser seus alunos(as), partilhar de sua História de Vida, podem reafirmar tamanho impacto. Mas, mesmo assim, lhe afirmo, com segurança, que não é possível mensurar, porém, fácil de ser sentido e percebido.

Desejo de todo o meu coração que minha carta consiga carregar um pouco desta porção, que expressa pelos caminhos

da memória e das emoções, sobre a sua importância para a minha vida pessoal, acadêmica e profissional. És essa pessoa de afetos, de saberes e sabores, energizada, que onde chega transborda vida!

Sabia que trabalho com as cartas pedagógicas? Que por sua influência também durante o Estágio Supervisionado, e nos cursos de formação de professores(as), tenho procurado perpetuar o que a senhora e a professora Pimenta nos ensinam, numa perspectiva bem freiriana? Pois o que aprendi isso ensinarei: a serem agentes intelectuais transformadores, que vão se constituindo pela docência e possuem potencial para constituírem caminhos com as necessárias tessituras e conexões, a partir da formação humana, no seu tempo histórico (LIMA, 2001).

Quero muito deixar registrado nesta carta um pouco do que ficará eternizado em minha razão, sentimentos e emoções sobre os seus ensinamentos e o quanto a senhora é importante para mim e todos(as) nós. Jamais esquecerei, e sou grata de todo o meu coração, por sua voz ecoando em mim sobre a práxis na Educação, que como produtora de cultura humanizada, possibilita aos indivíduos se recriar e transformar-se a si mesmo. É isso que tenho procurado levar para a formação inicial e continuada de professores(as), o que me fizeste perceber, aprender, conceber, acreditar e defender.

Quero muito que ao chegar nas linhas finais desta carta, possas perceber e receber o meu coração repleto de gratidão, amada professora Lucena. Que os meus sentimentos aqui expressos tenham um “poder” de tocar suas emoções, pois cada linha delineada vem trazendo mais do que códigos linguísticos, apresenta-lhes o meu maior tesouro: coração grato! A senhora é aquela educadora e formadora, que amamos, pois é a sinceridade em pessoa, assim como uma conscientizadora, que acredita que

a Educação e a mudança são possíveis, aquela que pude perceber engajada social e politicamente, que é uma inspiração, sempre desenvolvendo a capacidade de refletir e agir. Essa é a senhora para mim!

Com caloroso afeto

Joselma Ferreira Lima e Silva

Referências

LIMA, Maria Socorro Lucena. **A formação contínua do professor nos caminhos e descaminhos do desenvolvimento profissional**. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

FORTALEZA, 04 DE SETEMBRO DE 2022

Querida Socorro, como é bom lhe escrever!

Hoje é um dia de domingo, estou com minha família reunida na casa de praia, na tentativa de fugir um pouco das inúmeras atividades acadêmicas que parecem se somar a cada dia, atormentando-me como se houvesse um rolo compressor sempre em movimento bem atrás de mim, pronto para me atropelar a qualquer momento. E, paradoxalmente, é essa avalanche de atividades que parecem dar sentido a minha vida porque enchem-me de força e de vitalidade, dando-me tantos prazeres.

Um desses júbilos foi justamente conhecer você, uma mulher que, como eu, conciliava as atividades de pesquisa, de docência, de orientação, de mãe, de dona de casa, dentre tantas outras. Nós duas sabemos que se conhece muitas pessoas pelos corredores da vida, da profissionalização e da atuação docente, no entanto, algumas delas, deixam marcas positivas, sendo lembradas sempre com muito carinho e ternura, pela participação especial que tiveram em nossas vidas. Sem dúvidas, afirmo que uma dessas pessoas é você, Socorro.

A identificação foi imediata, não apenas pelos exercícios das funções que a sociedade atribui à mulher quase como uma inércia irrefutável, mas pelo modo como cada uma delas era desenvolvida, sempre com muito zelo, dedicação e amor. A alegria e a leveza somadas à responsabilidade e à sensibilidade com que as atividades do dia a dia eram realizadas, encantavam-me. Era a maturidade de uma mulher amorosa expressa em cada palavra, em cada gesto e em cada sorriso, conseguindo presentear-me com formação, em nível pessoal e profissional, de maneira terna e, ao mesmo tempo, fulcral.

A admiração e o respeito fizeram-se uma crescente, e os sentimentos de carinho e de amizade vieram sem que eu percebesse. Em pouco tempo, eu já estava embriagada com seus encantos múltiplos. Eu precisava conhecer melhor a vida dessa educadora de referência nacional, que sempre com muita simplicidade, apoiava e ajudava a todos a sua volta. Foi quando emergiu a ideia de desenvolver um estudo acadêmico do tipo biográfico, não apenas para registrar as suas memórias de formação educacional e de atuação profissional, mas para dar a ver a história de vida de uma das educadoras mais brilhantes com a qual tive o prazer de conviver no imbricamento indissociável com o contexto sócio-histórico no qual estava inserida.

Ora! Era uma maneira de “acertar dois coelhos com uma única cajadada”, pois, ao mesmo tempo em que orientei Mayane Benvindo, aluna que aceitou biografá-la em sua dissertação de mestrado, pude conhecer e me apaixonar ainda mais pelas histórias das mulheres, em especial, das educadoras que, como você, contribuíram para a melhoria da vida e da realização profissional de tantos profissionais da educação. O fruto foi a produção de um livro lindo em 2021, denominado *Maria Socorro Lucena Lima: educadora cearense referência na formação de professores*. Inclusive, peço que convide a todos à leitura dessa obra que se encontra disponível gratuitamente publicada no site da EdUECE, afinal, ela vai trazer uma riqueza de detalhes sobre sua biografia que nenhuma carta redigida neste livro poderia dar conta.

Ainda é preciso lançar lume à qualidade da sua produção intelectual e, especialmente, aos projetos de vida construídos por tantos alunos juntamente com você, que foram concretizando-se e trazendo tanta felicidade e realização. Mas foi possível conhecer as raízes da sua simplicidade e amorosidade, o caule largo e firme do seu legado, as folhas e flores resultantes de sua dedi-

cação e alguns frutos muito saborosos que você entregou para melhorar a vida em sociedade e o mundo que nos cerca.

Agora, estou aqui, no meu tempo de lazer, desenvolvendo com tanto prazer uma escrita, em forma de carta, tão distante da linguagem acadêmica, exaustivamente realizada nos últimos tempos, pois ela vê-se permeada por adjetivos, por juízo de valor, por uma linguagem coloquial... E para quê? Para tentar retribuir um pouquinho de todo o afeto que você exalou, intencionalmente ou não, a todos os que tiveram o prazer de conviver com você em algum momento de sua vida.

Obrigada por assentir que, à sua existência, fosse possível atribuir tanto amor. Gratidão também por me permitir ser contemplada pela sua generosidade e beleza.

Abraços de saudade, que mesmo na presença, não cessa a vontade da sua convivência.

Da sua admiradora,

Lia Machado Fiuza Fialho.

Referência

SANTOS, F. M. B.; FIALHO, L. M. F.; SALES, J. A. M. Maria Socorro Lucena Lima:educadora cearense referência na formação de professores. 1. ed. Fortaleza: EdUECE, 2021. v. 1. 184p. Disponível em: http://www.uece.br/eduece/wp-content/uploads/sites/88/2021/12/E-BOOK_SOCORRO-LUCENA_26-OUT-2021.pdf

CRATEÚS-CE, 28 DE AGOSTO DE 2022

Prezada Professora Maria Socorro Lucena Lima,

Venho por meio deste raro meio de epístola, externar em poucas dezenas de linhas, a transposição dos melhores sentimentos de gratidão e reconhecimento pelas suas diversas contribuições necessárias para a Educação. Não entenda como bajula ou reafirmação notória de sua personalidade, pois no seu currículo já não cabe, mas como admiração pelo ser que “você” é. A considero, no imaginário, como uma amiga conselheira, que com imagem e oratória me provoca uma influência humanizadora, além de demonstrar responsabilidade em servir e multiplicar conhecimento para todos nos diversos espaços socioeducacionais.

Raríssima dentre as Marias, apesar de não termos ainda, a oportunidade de trocar saberes e experiência presencialmente, ao deleite de uma xícara de café, sinto-me livre e na permissão de relatar três dos diversos momentos memoráveis, em que a professora se manifestou como inspiração frente aos delírios ocasionados pelas exaustivas cobranças acadêmicas; a busca de seus “sussurros” – não se considere uma voz de uma dimensão paralela – que oportunizaram escritos emblemáticos para produções científicas iniciais, bem como o fortalecimento profissional e a formação da identidade enquanto docente.

Para tanto, me apresento como um professor-aluno, embora esteja em construção contínua na carreira de magistério. Já se foram longas caminhadas de uma década, não levando em consideração apenas os dias, mas as experiências e as práticas pedagógicas que se transfiguram. Para o primeiro relato, trago em suma o período de Graduação. Após ingressar na Universidade Estadual do Ceará (UECE), em especial no *campus* Faculdade

de Educação de Crateús (FAEC), ao curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, vislumbrava uma profissão de ambientalista, almejava ser o descobridor dos sete mares em nadar com os seres aquáticos, um romântico pesquisador da vida natural. Porém, no ano de 2008, ao final do Ensino Médio, não fui oportunizado com orientações de preparações, sobre o significado e as responsabilidades que os cursos de licenciaturas proporcionam na transformação de pessoas.

O fato é que foram nos dois primeiros semestres na Faculdade, os momentos decisivos, sobretudo com as teorias das disciplinas específicas de preparação para a carreira de magistério. Pois, muito se escutava nos corredores, durante os intervalos das aulas, que seria através do estágio supervisionado o momento em que os licenciandos perceberiam sua vocação ou não para a lecionar. Entretanto, esperar pelos últimos semestres, significava torturar e prolongar as indecisões que carregava naquele período. Mas, eis que surgiu a oportunidade de concorrer a uma bolsa de iniciação a docência, com o subprojeto de Biologia junto ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PI-BID), onde fui um dos bolsistas contemplados e pioneiro do programa de fomento na faculdade. Recordo, que durante o processo de preparação para imersão e atuação nas escolas, realizamos algumas leituras, uma delas foi seu artigo: “*O estágio nos cursos de licenciatura e a metáfora da árvore*”, que deveras suas reflexões contribuíram para quebra de alguns paradigmas e serviram de instrumentos para as práticas e ações traçadas naquela jornada de fazer pedagógico e da práxis na atividade docente inicial – encontrei mais uma representatividade na área da Educação.

Como bolsista do PIBID, mesmo confundido como estagiário e além da ajuda financeira, o ponto de partida para me reconhecer na profissão foi possível. É inegável que a frustração

e em alguns momentos devido o desprestígio e desvalorização do professor no país, me fizeram recuar e “esmorecer”. Apesar disso, assim como a senhora, sou filho de trabalhadores. Foi do Sertão de Crateús, interior Cearense, que surgiu este nobre aprendiz que sempre acreditou na Educação como uma trilha de emancipação humana, uma vez que estudar e o aprimorar do intelectual estão entre as prioridades. Nesta lembrança em êxtase, seguiremos ao segundo relato de inspiração que proponho.

É chegado o momento de me expor ao exercício e ação de professorar. Permaneço na escola onde foi dada a largada, junto ao quadro de profissionais, por hora me dedicando no fortalecimento do protagonismo juvenil e de formação crítica e humana de jovens do ensino médio integrado ao profissionalizante. Nessa continuidade, me reportando à sua existência, tenho procurado em seus escritos científicos, as citações, sobretudo as que dizem respeito a como lidar com alguns colegas de profissão que fazem de conta que lecionam e não entregam os conhecimentos mínimos aos educandos. Eu sei que o sistema é falho, e que cada dia uma luta com didática. Entendo, que este movimento vai ao encontro da formação dos saberes de experiência, elencado por sua mentora, Selma Garrido Pimenta (1999). Segundo ela, “os professores produzem no seu cotidiano docente, num processo permanente de reflexão sobre sua prática mediatizada pela prática de outrem”, sendo através das ações dos colegas, que construímos e se faz alinhamentos sobre a nossa própria prática.

Amiga Lucena, em um dos devaneios recentes, já estive deitado em um “divã” e no momento de ouvir seus conselhos durante uma épica sessão de terapia, ao que parecia ser uma escuta pedagógica, era possível relatar sobre as angústias que se encontram em meus projetos de vida e cotidiano escolar. De fato, os aspectos socioemocionais no cenário atual estão aflorados, para

além do fazer docente, há ainda a responsabilidade de lidar com o nosso obscuro em paralelo aos dos discentes, onde muitas vezes as fragilidades com que nos deparamos causam fúria, em decorrência das injustiças sociais que viraram rotina. Infelizmente, não me ensinaram na graduação as técnicas mais certas da psiquiatria. Porém, identifico-me na reflexão de Paulo Freire (1996), “me movo como educador, porque, primeiro me movo como gente”. Pois, busco mediar os conflitos com as experiências e maturidade daquilo que seja racional e humano, que na maioria das vezes conto com a ajuda da “força divina”, sobretudo para saber mediar os conflitos e no discernimento em conduzir com maestria o desejado equilíbrio – haja Mandala construída em tempos sombrios. Porém, não esquecemos do projeto de vida e chegamos na última memória.

Recentemente, com a conquista de ingressar ao Curso de Mestrado, do Programa de Pós-graduação em Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/IFCE), na área de Ensino e Formação docente, tenho buscado o aperfeiçoamento e o preenchimento de lacunas das práticas pedagógicas que necessitam ser ressignificadas de outrora. Sem mais rodeios, descrevo um dos momentos proporcionado pelo mestrado, ao recordar do dia de sua aparição e participação durante uma aula via “meet”. Ocorreu através de videoconferência, mas a sensação que tive em vê-la e ouvir suas palavras com sinceridade, foram instigantes e necessárias, principalmente para atenuar o isolamento que todos estavam atravessando. Professora, saiba que o tempo de uma hora naquele dia passou rápido, mas tenha certeza de que suas breves palavras e experiências de trajetória contadas serviram para gerar esperança e combustível para as forças que estavam esgotadas. Confesso que ainda não conseguir criar a rotina de

acordar às cinco da manhã para escrever, porém tenho organizado o tempo para produzir narrativas científicas medianas e descansar a alma com leituras menos vazias.

Contudo, agradeço-te pela leitura até aqui! E reitero minha estima de respeito pela sua existência. Peço desculpa pela melancolia em algumas frases, uma vez que em muitos sentimentos fica quase impossível anular o infortúnio. Por fim, encerro esta mensagem com a respiração de conforto e com o prazer em ter descrito nas entrelinhas os sentimentos que se resumem em gratidão. Firmo o compromisso em continuar diariamente no aperfeiçoamento de meu talento e jamais fraquejar. Que o santíssimo divino Espírito Santo lhe conceda sabedoria, sempre!

Abraços, do seu aprendiz e admirador.

Maciel Bomfim do Nascimento

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

CARTA A SOCORRO LUCENA: MESTRA DE TANTAS LIÇÕES

Quixadá, 14 de julho de 2022.

Querida comadre Socorro,

Resolvi escrever essa carta direcionada a você, mas que não pertence apenas a nós duas, pois, aqui, trago relato de uma longa história que, certamente, teve pelos caminhos, muitos amigos e amigas, encontros e desencontros, mas nada que comprometa a sua grandiosidade enquanto educadora, amiga, mãe, mulher, guerreira de tantas lutas vividas, dentro e fora da academia. Começo ressaltando que foi especialmente na vida acadêmica que você foi construindo um grande legado, contribuindo com a mudança na vida de tantos educadores e educadoras que foram contigo aprendendo “um novo jeito de caminhar”.

Vou aqui falando de mim, porque falando de mim necessariamente falo de você. Início pelo meio do caminho de nossas histórias quando você me apresentou uma música de Flávio José, que usamos em diversos momentos em sala de aula, e que dançamos outras tantas vezes nos salões de dança, que me fez entender os altos e baixos da vida. Ela diz:

Se avexe não. Amanhã pode acontecer tudo, inclusive nada
Se avexe não. Que a lagarta rasteja até o dia em que cria asas
Se avexe não. Que a burrinha da felicidade nunca se atrasa
Se avexe não. Amanhã ela para na porta da sua casa
Se avexe não. Toda caminhada começa no primeiro passo
A natureza não tem pressa, segue seu compasso
Inexoravelmente chega lá

Se avexe não. Observe quem vai subindo a ladeira
Seja princesa ou seja lavadeira. Pra ir mais alto, vai ter que suar
(Natureza das coisas – Flávio José)

Hoje ouvi novamente essa música, comadre, e resolvi escrever essa carta, lembrando desses momentos de partilha, entre carões (leveei alguns), alegrias e determinação, você dizia uns trechos dessa música, ao me ligar: “mulher te acalma, que as coisas vão se ajeitando, “se avexe não”, vai passar”, mas também, lembro das vezes que disse: “cuida criatura “toda caminhada começa no primeiro passo... pra ir mais alto vai ter que suar”” (das vezes que me descuidei da minha vida para cuidar dos outros). E como essa, tiveram muitas outras músicas e poesias que foram verdadeiras lições de vida para mim, todas apresentadas por você, contextualizando com cada momento de vida, de desafios e de trabalhos.

Mas nossa história começa no Esquema I, em 1999/2000, um importante programa de formação pedagógica para bacharéis, ofertado pela UECE e que abriu caminhos e possibilidades aos bacharéis para que pudessem lecionar. Você voltando do Doutorado e eu chegando naquele curso completamente desgostosa com a advocacia. Fui conhecer um novo caminho, porém, ainda sem muita expectativa. Aos poucos fui me encontrando na docência. Tive a sorte de ter grandes mestres, a começar pela minha mãe, grande educadora que tanto contribuiu com a educação desse país, entre tantos outros mestres, e fui aprendendo um tanto de coisas. Mas, foi em suas aulas, com o seu jeito de ser professora, com a didática, o conhecimento, a metodologia e a avaliação brincando em suas mãos, que me apaixonei pela docência.

Fomos juntas para o programa de Formação de policiais militares e depois com policiais civis, o Magister e o Progestão,

programas gigantes que aconteceram em parceria com a UECE e as Secretarias de Segurança Pública e de Educação do Estado. Na organização, planejamento, acompanhamento e docência, quanta riqueza em aprendizagens!

Na Pós-Graduação em Educação Biocêntrica, você foi novamente minha professora em Didática do Ensino Superior, seguindo como minha orientadora, fazendo-me entender a importância de alinhar a nossa formação com a nossa atuação profissional. Dali saíram três publicações, além da monografia. Organizamos e escrevemos em meio a perdas inestimáveis que você teve naquele momento, do seu pai e meses depois da sua mãe. Fiquei com você dia e noite em sua casa, cuidando, ouvindo, consolando e produzindo. E isso aconteceu em vários momentos de nossas vidas, às vezes meus momentos, às vezes seus, e nessa troca cuidávamos uma da outra numa irmandade singular de crescimento; para mim, sempre momentos de grandes lições.

Foi então que comecei a entender a sua necessidade de ir sempre trabalhando com retalhos, da vida, das leituras, dos aprendizados, dos tecidos, das folhas, da arte, enfim. Entendi o quão grande é saber compreender os retalhos que vão nos construindo.

Depois veio o Mestrado, mais uma vez seguindo suas orientações, tomei a decisão de me desligar de vez do Direito para me dedicar à docência integralmente. No Mestrado, o projeto de pesquisa foi se transformando quando você me chamou para começar uma grande pesquisa que duraria quatro anos. Você queria fazer alguma coisa pela sua região e fomos estudar o município que tinha mais comprometimento com o IDEB. E foi em Lavras da Mangabeira, no distrito do Iborepi que começamos esse desafio. A minha pesquisa de Mestrado foi a primeira de quatro pesquisas posteriores, com mais três orientandas nos anos seguintes.

Mesmo depois de ter vivido inúmeras outras experiências, aquela foi sem dúvida a maior e melhor experiência de docência e pesquisa que eu já tive. Nada que fiz depois, mesmo com você, alcança a profundidade do que iniciamos com aquele grupo de professores. Fomos trabalhando a partir das necessidades do grupo, nos ensaios de uma pesquisa colaborativa e participativa, lemos autores que falavam dessa metodologia, desde Selma Pimenta até nossa querida Cecília Lacerda, que tanto me ajudou naquele momento de pesquisa.

Oferecemos uma formação para eles e ao mesmo tempo fomos realizando as pesquisas, sempre mediados por inúmeros elementos pedagógicos, tais como: música, filme, mandala, colcha de retalhos, fantoche, diários de escrita, rodas de conversa, rodas de leitura, biodança e tantas outras coisas. A arte permeou aqueles encontros e não poderia ser diferente.

Confiava plenamente em você quando dizia: “vamos, Manu, que tu dá conta, mulher”, eu ia sem medo. As idas e vindas, as longas viagens de ônibus, onde fazíamos filtro dos sonhos ou cartões com artes manuais ou leituras da fundamentação da pesquisa. Às vezes direto para Lavras, outras vezes com paradas em Aurora ou Juazeiro. E foi assim que fui descortinando a potência de um campo de pesquisa, fui vendo o quanto é importante estarmos abertos e abertas ao que esse campo nos mostra sem pré-julgamento ou juízo de valor engessado. Quantos aprendizados! Foi simplesmente incrível.

Vivi inúmeras coisas na docência desde 2002, no curso de Formação de policiais e, a partir de 2005, quando também levada por você, assumi a primeira disciplina no ensino superior, ainda com medo, sem saber se daria conta e você dizia: “Bora, Manu, acredite em mim, eu sei o que eu estou fazendo”. E eu acreditei... Lá se vão 20 anos de docência. Fui conhecer outros locais, outros

trabalhos, desde coordenação, supervisão, orientação de TCCs na própria UECE, na UAB, na UVA, UNI7, UniChristus, FVJ (todas Instituições do Ensino Superior) até que em 2012 voltei para a vida acadêmica para tentar o Doutorado.

Tive o privilégio de ingressar na primeira turma do PPGE, uma turma formada só por mulheres, que carinhosamente apelidamos de “a casa das doze mulheres”. Uma turma mediada pelo afeto, carinho, respeito e amizade. Mais uma vez, trilhando os caminhos de orientação com você, e mais uma vez acreditando que a pesquisa se faz ao pesquisar. Dessa vez foi você que segurou na minha mão quando, no meio da travessia do Doutorado, perdi meu pai, e você cantou de novo um trecho da música: “comadre, ‘se avexe não, amanhã pode acontecer tudo inclusive nada’, viva o seu luto, conte comigo; já já a gente faz as pazes com a tese”.

Fiquei alguns meses sem conseguir retornar à tese. Um belo dia, você me chama para um café e me dá de presente uma bonequinha e me conta a história de uma amiga querida nossa que para concluir a tese, se deu de presente uma bonequinha e a nomeou de Tesinha. Assim ganhei a minha Tesinha (que tenho até hoje) para conseguir me aproximar da Tese e concluir mais essa etapa. E você ali comigo, como esteve comigo em tantos momentos difíceis da minha vida, assim como eu estive contigo em tantos momentos da sua vida. Nas idas e vindas ao Cariri, idas e vindas a São Paulo, estudos, aulas, escritas, seu Pós-Doutorado com estágio em Portugal, as revisões textuais. Nossas perdas afetivas, e você me disse: “Mulher, a vida é assim mesmo, apertada e afrouxa, casa e descasa e está tudo certo, vida que segue, vamos dançar forró que dá tudo certo”. E me chamava para produzir algo, ou para dançar, ou para te acompanhar em alguma viagem, para sair do foco da tristeza. Ajudamo-nos mutuamente na docência, na pesquisa e na vida.

Eu não consigo nem dizer o tamanho da importância que você tem na minha vida comadre. Você me viu em muitas fases e facetas, em muitas conquistas e derrotas, em muitas alegrias e tristezas, como eu também te vi em vários momentos e estivemos lado a lado provando a experiência do ser comadre, meio irmã, meio mãe, meio filha.

Sou imensamente grata por sua existência não só na minha vida, mas na vida de muitas outras pessoas. Na sua trajetória você foi dando a mão a tanta gente, compartilhando os seus saberes porque você verdadeiramente acredita e vive “o ensinar o que se sabe”, mas não só em sala de aula, e sim na vida. As lições ultrapassam as paredes da sala de aula. As folhas secas que apanha do chão, os filtros dos sonhos que constrói, as mandalas que faz, as colchas de muitos retalhos que você foi emendando na vida das pessoas. E aí você diz: vamos comadre, precisamos fazer uma “caridade pedagógica”. E ia ensinar até aqueles que não eram seus orientandos. Essa tecitura é genuinamente sua, comadre, só você, com sua simplicidade e sapiência sabe conduzir esses encontros de modo ímpar.

Gratidão, comadre, por sua amizade. Uma amizade de uma vida inteira, 20 anos não são 20 dias. Fui privilegiada em ter você como orientadora desde a licenciatura até o Doutorado, com pesquisas completamente diferentes e ao mesmo tempo tão próximas, fiéis a uma linhagem teórica que dialoga com outras vertentes, mas não sai do seu eixo condutor.

Você tem muitos agregados, aprendizes, seguidores, como disse uma pessoa em um evento que estava emocionada em conhecer “minhas aspas”, referindo-se a você tantas vezes citada por ela, você brincando respondeu: “você tem muito bom gosto”. E outra vez que também com um amigo muito querido que não era seu orientando e nem era da UECE, chegou com algumas in-

dagações e você respondeu que ia ser a orientadora clandestina. E é assim, com esse seu jeito Lucena de ser que você contribuiu e contribui com a transformação de vida de tantas e tantos andari-lhos e andarilhas do saber.

Como disse, ao falar de mim, falo de você e de toda sua grandeza e boniteza como dizia Paulo Freire. Chegando ao final dessa carta, trago aqui um trecho do livro recém-publicado da biografia de Luiz Oswaldo que teve a apresentação feita por Nita Freire. Ela diz, se reportando ao Luiz, que Paulo Freire falava da existência de dois tipos de pessoas, os que vêm ao mundo para enfeá-lo e os que vêm ao mundo para embelezá-lo. Os primeiros vivem de cara feia... os outros que,

têm a fisionomia alegre, risonha; gostam de conversar e de dialogar, (acrescento e de dançar), sobretudo sobre o que engrandece a alma e a inteligência humana. Ao chegarem em qualquer lugar causam rumor, pois todos querem entrar em seu grupo. Sendo um professor ou professora, os estudantes adoram suas aulas e sentem segurança no que diz, pois pode ser exortação a algo importante, à vida ou um “não sei, vou estudar o assunto e depois voltamos o diálogo”. Nos corredores das faculdades todos o ou a saúdam, alegremente. É desses seres que tiram da vida a sua existência e ensinam aos outros como fazer isso pelo simples exemplo. (TRINDADE, 2022, p. 11).

Simplemente, é você comadre. Você, sem dúvida, faz parte do grupo de pessoas que embelezam o mundo.

A você, desejo sempre dias felizes, A você devo uma parte da minha caminhada, do meu fortalecimento e constituição da minha identidade docente. A você desejo que a “burrinha da felicidade nunca se atrase”. Desejo muita saúde nesta nova fase, que você possa ir colhendo as sementes que fez na vida e no coração de tanta gente.

Gratidão, minha comadre, pelas trocas, partilhas, parcerias, orientações, lições, amizade e irmandade.

Um carinhoso abraço cheio de saudade,

Manu

Referência

TRINDADE, Maizé. **Luiz Oswaldo: artesão de Palavras.** (obra biográfica). 2022.

FORTALEZA - CEARÁ, 13 DE SETEMBRO DE 2022.

Cara Professora Socorro Lucena,

Em meados de setembro do ano 2022, escrevo-lhe, para contar o que tenho vivido em sala de aula nos últimos meses. O sentimento de muitos professores é de resistência frente aos últimos acontecimentos neste delicado momento de mais uma campanha eleitoral para o pleito majoritário. Querida educadora, minha ex-orientadora, a vida do profissional docente não está nada fácil. As conquistas mínimas advindas de intensas lutas parecem naufragadas nos últimos anos do governo Jair Messias Bolsonaro. As consequências desta escolha política nos trouxeram turbulentas estagnações e até retrocessos à sociedade brasileira como muito bem a senhora tem acompanhado.

Estou ciente da sua ausência do ambiente institucional, devido sua aposentadoria, conquista justíssima, diante de seu legado à educação pública junto à Universidade Estadual do Ceará (UECE), aos colegas de trabalho e aos incontáveis estudantes que passaram pela sua irretocável carreira profissional. Destaco a UECE, por lá ter passado maior tempo, mas não posso omitir sua honrosa contribuição na criação dos Mestrados do Cariri e da região do Maciço de Baturité.

Lembro-me como se fosse hoje, a satisfação de encontrá-la semanalmente quando a senhora atuou como professora visitante da Unilab no finalzinho da década passada. Com a aurora do dia, juntava-se aos professores Elcimar Martins, Elisangela André e Sinara Mota, rumo a Redenção/Acarape para mais um dia de aula. Que tempos bons! Saudades docentes!

Sempre muito amada! Extremamente reverenciada pelos discentes, brasileiros e africanos. Uma verdadeira diva, diziam

eles! Lembro-me especialmente dos africanos, da convivência agradável e atenciosa com o cabo-verdiano Austelino Tavares no doutorado do PPGE UECE. A essa altura sua “linhagem epistemológica” na UECE e na Unilab, entre docentes e discentes, crescia cada vez mais. Que tempo bom de lembrar! Como partícipe da história, a senhora viveu cotidianamente, muitas histórias felizes a celebrar!

Trago-lhe nesta carta, memórias agradáveis a fim de nutrir a resistência diária frente às mudanças inesperadas na profissão docente. Por isso, o saudosismo de quando dedicávamos tempo ao fazer docente, às práticas pedagógicas, às expressões mais ditas, ao que não foi dito, às reflexões, às publicações, ao planejamento de viagens para os eventos acadêmicos, enfim, havia tempo às preocupações formativas. Hoje, o imediatismo, a guerra ideológica, a precarização do trabalho e o mundo das *fake news*, estão a nos consumir.

Os desafios da profissão estão ainda mais complexos. Pioraram as condições de trabalho, estamos com os salários congelados e o *déficit* de aprendizagem agravou-se com a pandemia. O lamento da comunidade educativa é intenso! Enfrentamos a descrença da ciência, o corte de investimentos, a disputa por bolsas, a falta de merenda, os problemas de transporte ou a falta dele, e até mesmo a ausência de funcionários terceirizados. Difícil de aceitar, mas é isso mesmo! Lembro-me, de minha ávida crítica à terceirização, em defesa do concurso público pelos direitos trabalhistas, quando pautávamos mais autonomia e o fortalecimento das universidades públicas.

Imagine só o que estamos a enfrentar: a defesa à terceirização. Tenho acompanhado a demissão em massa dos terceirizados, por falta de pagamento. Sem o concurso ou outra saída quem perde é a comunidade escolar: a merenda deixa de ser

preparada (também escassa, cinco anos sem reajuste), os jardins maus cuidados, o carro oficial sem ter quem conduza e os espaços físicos precários de limpeza. A falta de recursos para a manutenção do ensino alcança também a aquisição de materiais. Enfim, a falta de investimento tem contribuído para o fechamento de universidades com a perplexidade de um Brasil submetido à onda conservadora. Lamento profundamente, como trabalhadora docente o sucateamento da rede pública de ensino!

Por isso, me despeço com o esperar de Paulo Freire! Com a possibilidade de retorno das políticas distributivas que parecem se levantar com a boa nova das pesquisas eleitorais! Despeço-me esperançosa de que neste pleito o avanço da ultradireita seja interrompido e as ideias fascistas sepultadas. Estou esperançosa para que o ensino público volte a ser prioridade neste país, em detrimento da naturalização da corrupção pelos incontáveis orçamentos secretos!

Como destacava à época, Ariano Suassuna, governos autoritários geram escalada autoritária. O autoritarismo traz a descrença política, a desconfiança do judiciário, a polarização e o descrédito nas instituições públicas, pela falsa ideia da liberdade. Abaixo a volatilidade política dos governos autoritários! Que neste pleito sejam eliminados os salvadores da pátria no papel de apregoadores da fé! A vida é muito breve! Viva a Cidadania! Viva a Democracia!

Um afetuoso abraço,

Cleide de Elcimar

PICOS-PI, 18 DE SETEMBRO DE 2022.

Querida Socorro,
Espero que você esteja bem e feliz!

Disse o poeta Álvaro de Campos (heterônimo de Fernando Pessoa), que “Todas as cartas de amor são ridículas”, o que diria o mesmo poeta sobre cartas de amizade, alegria e gratidão? Essa é a indagação que pousei em meu ombro assim que me pus diante da tela deste companheiro cinza, de teclados abatidos, meu velho computador. Diante dele, nessa manhã de domingo, tenho um só desejo: registrar em uma carta-memória o abençoado encontro com sua pessoa, seus ensinamentos, seu humor e sabedoria. Vi você pela primeira vez no ano 2004, na sala de aula, na terrinha Crateús, na Pós-Graduação Lato sensu, denominada Formação de Formadores, um estudo que marcou de forma indelével a minha pessoa e a minha docência. Você ministrou a disciplina de Didática do Ensino Superior, e a cada novo encontro me fez pensar detidamente sobre o compromisso docente, sobre ética. Em uma das suas falas, você nos dizia: “falta de ética é permitir que os alunos saiam sem novos saberes, sem crescimento intelectual de nossas aulas, nossas disciplinas, isso é a maior falta de ética de um professor”.

Nessa fala percebi a relevância do planejamento docente, do compromisso, do rigor científico, das exigências para o fazer docente propalados por Paulo Freire, ou pelo querido professor Dermeval Saviani, quando defende que é preciso munir a classe trabalhadora de conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade.

Durante a referida disciplina, a partir do seu trabalho e de como ele nos era apresentado, me senti mais próxima da minha

professoralidade, graças ao seu modo simples e rigoroso de nos fazer pensar sobre o real, a partir da realidade, ainda quando se utiliza sabiamente de metáforas poéticas. Aliás, devo confessar que foi em contato com sua intelectualidade que aprendi, delicadamente, que eu não precisava me separar do meu eu poético para divulgar o que é científico, a poesia só aproxima, só engrandece e soma.

Outro encontro valoroso entre a gente ocorreu na seleção do Mestrado em Educação na UECE, algo registrado em um lindo cartão confeccionado por você, contendo a generosa mensagem: “você chegou com sua saia branca e um sorriso largo, defendeu suas ideias com segurança e alegria, conquistou seu espaço”. *Lá estava eu entre o sertão e o litoral, aprendendo mais nessa instituição tão potente, com professores tão queridos, dentre eles, você. Ali tive acesso a outros momentos para além do acadêmico e pude me nutrir de sua sabedoria sobre diversas temáticas, dialogamos sobre dança, literatura, pintura, casamento, amizade.*

De todas as vezes que estive em sua casa, me senti profundamente acolhida, havia sempre um sorriso, uma palavra, uma reflexão. Da última vez que estivemos juntas, te falei da obra de Snyders, da alegria na escola, a alegria de ser nutrido culturalmente, sua atenção foi plena sobre a temática. Ao mesmo tempo em que falava sobre minhas leituras, pensava: que sorte a minha de poder compartilhar o que aprendo com alguém que me ensina tanto. Foi quando lembrei dos versos do poeta Gonzaga Jr. *tão propagados por você nos encontros formativos, versos que falam sobre a pureza das crianças, em viver, aprender sem medo de ser feliz e que anunciam que a vida devia ser melhor e será, porque aprendemos todo dia e ela, a vida, é bonita, é bonita e é bonita, somos eternos aprendizes mesmo.*

Querida amiga, declaro ainda que contigo aprendi muito mais que Didática e importantes teorias sobre formação docente, em cada encontro na UECE, na sua aconchegante casa, ou mesmo aqui em Picos, quando atendeu nosso convite e nos brindou com suas falas sábias e impulsionadoras no campo formativo docente. Aprendi que minha criatividade poética não precisa se apartar do meu fazer científico, que a academia não pode aniquilar minha alegria em ser docente e pesquisadora. Essa aprendizagem obtive inicialmente com você, com a maturidade intelectual alcançada nos dias de hoje sei que arte e ciência não se opõem e que a alegria pode e deve se fazer presente no cotidiano de quem escolheu a docência, a Ciência Pedagogia como caminho profissional.

Na sua práxis educativa, seu testemunho vivo, vi e vejo a confirmação do que diz Snyders (1974, p.220):

Para ensinar latim a João, todos sabem hoje que é indispensável conhecer o latim e o João. Mas mais ainda: é preciso saber por que é que se deseja que João aprenda latim, como é que a aprendizagem do latim o irá ajudar a situar-se no mundo de hoje. Numa palavra, quais são os fins visados pela educação.

Em ti, querida mestra, educação é vida plena, dignidade em movimento ativo e benéfico, uma possibilidade potente de deixar boas marcas no mundo, com o rigor da ciência, com a política que se compromete com a vida, com criatividade e alegrias culturais possíveis nas travessias de nossas múltiplas experiências.

Por fim, afirmo que não há nada de ridículo em declarar afeto, admiração, respeito e gratidão... tudo isso é amor e o amor deve ser cantado ao vento, aos que ouvem agora e aos que sabe-

ção, mais tarde, da boniteza de seu legado, de sua história, de sua grandeza Lucena.

Sinta meu abraço, grato, amoroso e fraterno.

*Maria da Conceição Rodrigues Martins,
Nêga*

Referência

SNYDERS, Georges. **Pedagogia Progressista**. Coimbra: Almedina, 1974.

FORTALEZA - CEARÁ, 15 DE SETEMBRO DE 2022.

Prezada e amada mestra do meu coração,
Saudações!

Com grande alegria que te escrevo essas linhas cheias das emoções contadas por fatos históricos vivenciados no decorrer de nosso convívio, do qual tenho o privilégio de permanecer através de laços afetivos que nos unem.

Discorrer sobre esses fatos, permite buscar na linha de tempo histórias marcadas e refletidas que me encheram de conhecimento, abrindo portas, janelas e portões para o percurso que hoje faço, sempre movida por teus sábios conhecimentos. Dessa forma, ao abrir o meu coração revejo nossa trajetória que se inicia através de um grande desafio, quando fui desafiada a cursar o esquema I no ano 2000. Trata-se de um curso de graduação, que confere o título de licenciado pleno em disciplinas específicas do ensino médio.

Adentrei nesse curso como quem vai fazer a primeira graduação. Tantas novidades, desde a psicologia às práticas de ensino. No entanto, o que mais me chamou a atenção foi a maneira como minha eterna mestra ministrava a aula, ela construía o pensamento como ninguém, acreditando na prática docente e tomando como exemplo nosso teórico Paulo Freire.

Na riqueza deste cenário nasce o curso Magister, um programa que teve como finalidade formar professores dos mais longínquos lugares do Ceará, oferecendo oportunidade de obter uma graduação. Inserida neste cenário fui selecionada como professora de estágio para o referido curso em Aracoiaba onde todos os finais de semana estávamos trabalhando em sala de aula o conteúdo do livro A hora da prática, de sua autoria.

Mestra querida, te confesso um segredo. Procurei te imitar, planejando as aulas com textos escritos por você e que refletiam seus escritos como “Nosso jeito de caminhar pelo estágio Supervisionado”. Foi nele que nos ensinou a perceber que mediar se faz partir do aluno.

O incentivo à leitura nunca nos faltou em suas lições diárias que nos ensinava ao longo do período preparatório do curso Magister. Nos ensinastes a pesquisar e a compreender no seu texto a práxis docente como é construída a ação refletida, transformando-nos assim em agente de mudanças. São ensinamentos vivos que permanecem em minha memória, minha amada mestra Socorro. Foi você que nos ajudou a refletir sobre a prática docente, e que, segundo Pimenta (1994), é práxis representada pela relação teoria e prática indissociáveis na atividade do professor. Lembrar a história da minha amada mestra Socorro Lucena é também citar no decorrer dessa carta a sua grande parceira Selma Garrido Pimenta a qual me ensinastes a pesquisar para aprofundar o conhecimento sobre o professor reflexivo.

Analisando estes fatos fui me doando à sala de aula, orientada pelos ensinamentos da minha mestra, fui me tornando professora. Foi assim que aprendi com você a expressar o sentimento de um professor pesquisador, aquele que aprende com ética e competência o saber fazer e fazer bem.

Ainda neste cenário do fazer bem e bem feito o saber docente, relato a prosa que minha amada mestra me contou nas nossas viagens do Magister para Aracoiaba e Baturité. Em uma aula de estágio supervisionado ao me encontrar com ela me falou: “Sabes o que disseram alunas na sala de aula hoje?”. Eu disse: “o que foi?”, fiquei até com medo de ser alguma coisa contra mim mais ao mesmo tempo pensei nada fiz, será que errei? Ela me olhou de lado e disse: “Maria de Fátima” – como me chama –

“você é danada, pois as meninas falaram que ministras aula igual a mim!”. Aí eu lhe respondi: “você deveria ter falado que eu tinha aprendido com você, mas você é muito ética e deixou que elas mesmas descobrissem (risos).”

Marcando nossa caminhada, retomo o que diz o poeta “Caminheiro, não existe caminho o caminho se faz ao caminhar”. Nesta estrada da vida optei para aprofundar mais e mais ao teu lado os meus conhecimentos, querida mestra. Fiz o curso de formação de professores – especialização, você e minha irmã Mariana presentes. Me encantava as tuas aulas, estudava e procurava fazer sempre as leituras as quais me ajudavam no meu crescimento como professora. Em minha pesquisa da monografia: “A prática docente no curso de formação de professores: possibilidades e limites do Estágio Supervisionado” pude demonstrar os aprendizados adquiridos, pois fui aprovada.

Foram muitos os bons momentos de nossa convivência – momentos de estudo e reflexões profundas e que me marcaram em minha vida profissional e pessoal. Com essa bagagem que tu me proporcionavas fui expandindo os meus conhecimentos postando o meu currículo para Universidade Vale do Acaraú – UVA – ocasião em que ocorriam muitos aprendizados e podia exercitar como me ensinaste a ser professora, mestra amada.

Em cenários mais à frente realizei meu grande sonho de fazer o meu mestrado em políticas públicas. Minha pesquisa foi na área de educação. Aqui, embora não tenha sido possível você ser minha orientadora, mestra Socorro Lucena, você aceitou fazer parte da minha banca de apresentação da dissertação em 2010.

Foram tantos os sonhos sonhados juntos, foram tantas prosas suas que me encantavam, foram tantas leituras refletidas as quais até os dias de hoje me acompanham em cada palavra

pesquisada nos livros de Libâneo, Selma Garrido, Terezinha Rios, Nóvoa, Saviani.

Agradeço a Deus por ter você como minha verdadeira mestra, que acompanhou a minha história de vida, ajudou a abrir caminhos embora ainda tenha o desejo de te ver contando suas prosas, alegrando uma sala de aula, fazendo fechamento com danças e músicas que somente você sabe fazer no exercício da docência. Nestas ocasiões, você nos dizia: “a educação é como uma dança, dá dois passos à frente e um para trás e assim vamos furando o cerco até lá chegar marcando o ponto de partida e ponto de chegada”.

Aqui faço a minha despedida com o coração cheio de saudade da minha professora, mestra, doutora, cheia de garra e sabedoria, a minha guerreira.

Grata a ti por tudo.

Maria de Fátima Cavalcante Gomes

FORTALEZA - CEARÁ, 13 DE SETEMBRO DE 2022

Maravilhosa, Profa. Socorro Lucena,

Ao receber o e-mail sobre a obra que será constituída pela escrita das cartas endereçadas a profa. Socorro Lucena, fiquei bastante feliz e considerei uma ideia genial. Parabéns aos queridos professores e organizadores do livro Elisangela e Elcimar.

Iniciando o percurso de escrita da carta deparei-me com um desafio imenso diante da nossa caminhada, ora pelo fato de você fazer parte da minha vida pessoal e em outras circunstâncias da minha formação e, principalmente da profissão docente. E, depois de analisar, constatei que esses caminhos se imbricam e, ao reler as orientações, aliviei meu coração pelo fato de poder apresentar personalidade, expressar afeto, gratidão, respeito e possibilitar revelar nossa amizade e cumplicidade.

Antes de escrever alguns trechos da nossa caminhada, iniciada no mestrado, passando pela vida profissional e que se consolida até hoje pela amizade, vou esclarecer que usarei o termo “reencontro” por acreditar que todas as pessoas que ingressam em nossa vida têm um propósito, ou melhor, uma missão. Nosso reencontro aconteceu no decorrer do curso de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE), quando cursei a disciplina Metodologia do Ensino Superior no segundo semestre do ano de 2012, ministrada por você (Socorro) e pela profa. Marina Dias Cavalcante.

Fiquei encantada com o planejamento da referida disciplina, na primeira aula vocês apresentaram o programa e realizaram o acordo didático com a turma. De modo enfático, você disse que a Didática está sempre presente na vida de um professor, e que a Didática tinha levado você a muitos lugares. Sua

defesa da Didática foi brilhante e ao mesmo tempo chamava a turma para reconhecer a importância da Didática na docência, na ocasião, no ensino superior. Na disciplina de Metodologia do Ensino Superior 02 (dois) momentos foram marcantes, um foi a elaboração do portfólio, como instrumento de avaliação e o outro a simulação de uma aula para o concurso de uma instituição de ensino superior. Foi minha primeira experiência na elaboração de portfólio, aprendi bastante e constatei que a escrita dos registros em cada aula auxilia na aprendizagem e promove reflexões. Na simulação da aula fiquei bastante nervosa, afinal era uma aula destinada ao ensino superior e estava sendo avaliada por você, ao final fui elogiada e o alívio tomou conta de mim. No semestre seguinte fui convidada por você e pela profa. Marina para apresentar minha experiência na escrita do portfólio para outra turma de mestrado.

Em 2013 fui contribuir com a coordenação do curso de Pedagogia da UECE em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e tive a oportunidade de trabalhar com você, além de escrever os módulos de algumas disciplinas do curso, também ministrava aulas viajando para as cidades do interior cearense, sempre pedindo para ministrar aulas nos polos situados na região do Cariri, para rever seu povo como você dizia. Existiam algumas burocracias que precisavam ser cumpridas e você falava coisas engraçadas sobre as formalidades e sorriamos bastante.

Outro momento da nossa caminhada foi sua ajuda, ou melhor, amparo realizado por você, quando participei da seleção para professora substituta da UECE também no ano de 2013 para a subárea de Didática e Prática de Ensino; o ponto sorteado para a prova didática foi Prática de Ensino, estava angustiada por não saber por onde começar o planejamento da aula, liguei para você que imediatamente pediu que fosse para sua casa para or-

ganizarmos a aula. Sua orientação foi indescritível, com caneta e papel foi organizando os momentos da aula e pegando seus livros para respaldar o que deveria falar. São estratégias de ensino criadas por você que trazem características próprias da pessoa e intelectual que é. Nossa amizade foi sendo fortalecida cada vez mais. Minha eterna gratidão!

No primeiro semestre do ano de 2014 ocorreu o concurso para professor do IFCE, fui bastante incentivada por você a fazer o concurso e ao ser aprovada para a prova didática, prontamente você fez questão de agendar dois momentos para sistematizarmos a aula. Nos reunimos aos domingos nos finais de tarde em sua casa e fomos organizando a partir de um desenho feito por você. Na ocasião e, por ser um concurso para professor efetivo, sua orientação foi que escrevesse um texto sobre o tema e entregasse para a banca no dia da aula, juntamente com o plano. Acredito que esse foi um diferencial na minha aula. Ao ser divulgado o resultado comemoramos bastante, sua felicidade com as conquistas de seus amigos/as é explícita e contagiante. Sua caridade pedagógica se estende. Sempre quando alguém pede ajuda lembro que sempre diz que fazer caridade pedagógica é importante e para “quem não tem herança ou um grande capital só resta um edital”.

Quando iniciei a docência no IFCE você mencionou a importância de trabalhar com os estudantes das licenciaturas com o escrito e o vivido, ou seja, realizar atividades nas escolas e solicitar os registros. Quando trabalhei no campus Canindé e atualmente no campus Maranguape nos Estágios Supervisionados tenho você sempre comigo, recorro os seus livros e artigos para evidenciar a relevância dos estágios na formação dos licenciados. Lembro da defesa que faz dos estágios, mencionado as inúmeras dificuldades dos professores de estágio, seja da instituição que

forma seja a da Educação Básica. Ao reler seus escritos e ao falar sobre suas obras em sala, fico emocionada e lisonjeada por fazer parte da minha trajetória nas diversas dimensões.

Como escrevi nos agradecimentos da tese a aproveito a oportunidade para evidenciar novamente, sou grata ao Universo e à Profa. Dra. Maria Socorro Lucena Lima, que carinhosamente chamo de Maravilhosa, pela amizade, diálogos, passeios, aventuras e sorrisos que acalmaram/acalmam meu coração e ajudam a seguir na caminhada pessoal e profissional.

Abraço afetuoso,

Maria de Lourdes da Silva Neta

FORTALEZA-CEARÁ, 15 DE SETEMBRO DE 2022

Saudosa Professora Maria Socorro Lucena Lima,

De acordo com o dicionário Aulete, “saudoso” significa saudade, que é lembrado com saudade. Este sentimento envolve amor e carinho e quando sentimos por alguém é porque esse alguém nos trouxe alguns momentos de alegria, satisfação, admiração, realização e até mesmo de felicidade. Então, são elementos que trazem à tona um conjunto de afetos que transbordam e fazem bem ao ego e à alma do ser humano. Essa singela carta tenta expressar alguns desses afetos, dentre eles, podemos destacar a saudade que hoje invade nossos corações em saber que a brilhante professora e pesquisadora Socorro Lucena fecha um ciclo de muita intensidade, luta, reflexão e partilha das muitas histórias que ao longo de sua trajetória formativa e profissional trilhada, com seu jeito simples e meigo soube contar, inspirando e atravessando vidas e, pode acreditar, deixando marcas significativas que só a própria vida e o tempo podem dizer e desvelar.

Seus escritos nos transmitem a singeleza do quão você é e a Didática que tanto pesquisou e debateu reflete na didática de sua vida em seu modo de ser e estar no mundo. Em suas palavras, dentre tantos estudos, acentua que “a docência, a profissão, a formação e o desenvolvimento profissional não se fazem separadamente, fazem parte da vida e do trabalho” e ainda faz a relação destacando no cerne que a “Didática abriga tais processos para que o professor seja um sujeito que constrói conhecimentos” e ainda enfatiza o poder que o docente tem em suas mãos “Fazendo a diferença nas vidas de tantos estudantes, profissionais da educação que bebem de sua sabedoria seja no estágio de sua pro-

fissão ou em pesquisas que aguçam e promovem o saber” (LIMA, 2012, p. 99).

Seus pensamentos retratam muito bem a sua pessoa enquanto docente, ao mesmo tempo em que embasam e fortalecem os que escolhem seguir a carreira docente. Há uma força que é transmitida através de seu exemplo de conduta, de simplicidade, isso mesmo, de simplicidade, pois quem te conhece sabe de seu modo de tratar os que estão ao teu redor, ao mesmo tempo transmite a fortaleza de sua sabedoria e o encanto de seu compromisso com o cenário educacional.

O fazer-se docente exala o amor como um perfume suave, tênue, ao mesmo passo, forte e marcante, esse é seu jeito de agir. Comparo-o ao barco à vela, que se deixa conduzir pelo vento, no mesmo instante em que manobra através dele a fim de chegar onde deseja. Essas comparações vieram à minha mente quando penso em suas atitudes como pesquisadora e professora. Sei que posso compará-la também a um furacão, no sentido de haver um turbilhão de ideias e inovações em pesquisas. Assim, és incomparável, pelo seu modo de fazer, de como fazer e o que fazer, isso é o que faz, na verdade, a diferença. Parece até repetitivo, mas é singular e real. Escrever uma carta em sua homenagem é necessário, tentar deixar alguns registros de descrição, para quem te conhece, com certeza concordará comigo, para quem não teve essa oportunidade, procurará te conhecer através de seus escritos.

Grandes foram e são seus inspiradores através das suas escolhas e preferências de leituras. Atualmente és uma de minhas preferências, pois antes mesmo de adentrar ao curso de Doutorado em Educação da Universidade Estadual do Ceará e fazer parte da linha de pesquisa: Formação, Didática e Trabalho Docente e do Núcleo Didática, Saberes Docentes e Práticas Pedagógicas, que a senhora tanto se dedicou, já me deleitava com leituras de

algumas de suas produções, sem esquecer do primeiro contato no decorrer de minha graduação em Pedagogia.

Ao ingressar no curso do Doutorado, tive a oportunidade de cursar a disciplina Teorias e Abordagens Investigativas sobre Formação, Didática e Trabalho Docente com professores da linha de pesquisa, dentre eles, você, que com ternura e compromisso em meio a pandemia tão bem orquestrou suas vivências e aprofundamentos teóricos da disciplina. No âmago constante de suas pesquisas, se faz necessário tê-la como autora no cerne de leitura, independente de qual linha ou interesse de pesquisa esteja, suas contribuições são imprescindíveis à formação profissional docente.

Algumas vivências foram inesquecíveis e ao imergir em minhas lembranças, trago nelas sua participação no Simpósio do Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE) em Salvador. O salão simplesmente lotado e você na busca de disseminar conhecimento, de sentir o calor humano e com a postura de professora, quebrou o protocolo, saiu da mesa e veio à frente para proferir a palestra. Em sua partilha, em um dos trechos, enfatizou: “meu pai era trabalhador rural e, portanto, não tinha herança para deixar, então o que me resta é um grande edital” e no trocadilho de palavras ficou: “meu pai é um trabalhador rural e o que me resta é um grande edital”.

Esse registro de vida, em uma nova palestra, com grande alegria foi proferido novamente na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Percebi a valorização de suas raízes, o que me encorajou a estar onde eu desejar, visto que também sou filha de um trabalhador rural. Então, identificar-se com suas origens e saber do seu caminho, trilhado com esforço e dedicação, nos impulsiona e nos leva a acreditar que também é possível para os demais que lutam, dese-

jam e sonham. As experiências de suas trajetórias de vida, certamente, colaboram na formação dos professores com a reflexão de si, em um “movimento de apropriação das próprias trajetórias de vida, trabalho e formação, os professores vão se tornando autores das suas histórias e da sua profissão” (COSTA; LIMA, 2020, p. 9).

Adentrar nesse universo pessoal e tê-la como exemplo é contribuir com um processo formativo mais humano e emancipatório. Com essa sua visão de mundo, de compreensão, que visa fortalecer e empoderar os docentes através de suas falas e registros de pesquisas tecidas em diferentes espaços, ecoam e ecoarão em diferentes vozes e replicarão em diversas abordagens nas gerações vindouras, mas só quem conviveu e vivenciou experiências significativas ao seu lado, podem expressar, quão dedicada, simples e amorosa são características fundantes que compõem o seu ser.

Concluo, com a audácia de parafrasear Camões em sua homenagem: “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades” e ainda, “Muda-se o ser, muda-se a confiança”; assim “Todo o mundo é composto de mudança”, o mais notável é que “Tomando sempre novas qualidades”. Assim, foi sua trajetória pessoal, formativa e profissional.

Parabéns e um até breve!

Maria do Socorro Lopes da Silva

Referências

COSTA, Elisângela André da Silva; LIMA, Maria Socorro Lucena. Aprendizagem do diálogo nas tecituras entre vida, formação e trabalho docente. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, MG, v. 11, n. 00, p. e 020010, 2020. DOI: 10.22294/eduper/ppge/ufv.

v11i.9035. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacao-emperspectiva/article/view/9035>. Acesso em: 7 set. 2022.

LIMA, Maria Socorro Lucena. Qual o lugar da Didática no trabalho do professor. **Revista Eletrônica Esquiseduca**, 3(5), 88–101. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/154>. Acesso em: 30 de ago. 2022.

FORTALEZA, 08 DE SETEMBRO DE 2022

À professora, amiga, comadre Maria Socorro Lucena Lima,

A origem do seu nome

O nome Maria Socorro é composto por dois nomes comuns: Maria (Bíblico, de gênero feminino, mãe de nosso Salvador Jesus) e Socorro, do espanhol, aquela que gosta de ajudar as pessoas, a que nos socorre. Esse nome também é atribuído à santa Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Socorro, sempre soube o que queria da vida e também como alcançaria todos os seus sonhos/projetos. Tem grande habilidade para envolver as pessoas que podem ajudá-la a tocar e realizar seus projetos, não se importa em ter que usar seus dotes teatrais quando necessário.

Trabalhadora e prestativa, alguém que desde a infância já sabia o valor das coisas, cuida de tudo com muito zelo. Buscou oportunidades que a fizeram atingir independência profissional e financeira, por isso, passa a visão de uma pessoa realizada. Sempre pronta para oferecer ajuda mesmo sendo alguém muito ocupada, nunca se nega a ajudar quem a procura.

O encontro com Socorro: revisitando o passado

No ano 2000, comecei a trabalhar na Universidade Estadual do Ceará – UECE, desenvolvendo o trabalho de secretária no Mestrado em Educação como bolsista da FUNCAP.

Nesse ano, tive a grandiosíssima oportunidade de conhecer Socorro, a professora, a mulher guerreira, decidida, culta, a comadre e a que se tornou a minha melhor incentivadora e amiga. Com o passar dos dias, Socorro, detentora de um conhecimento fenomenal, orientou-me cursar a especialização em Formação de

Formadores, momento que as portas começaram a se abrir para mim no mundo acadêmico, pois você estava ao meu lado e tinha todo prazer em ajudar para que pudesse me capacitar para entrar no mercado de trabalho. Então, com sua indicação, participei do Programa de Formação Docente em Nível Superior (Magister). O Programa citado teve como objetivo a formação de professores para atuarem no Ensino Fundamental anos finais (5^a. a 8^a. séries) e no Ensino Médio, na época chamado de segundo grau. Nesse período, você me incentivou, despertando em mim o propósito, que estava pronta para ministrar aula no ensino superior. Neste ínterim convidou-me para trabalhar no Magister. A coordenação do curso rejeitou o meu currículo, pois não tinha terminado minha pós-graduação; foi quando Socorro falou: “vou colocar meu currículo e quero ver se o Banco Mundial não aceita”. Diante do relato, fui aceita com o currículo da melhor professora da UECE, já quase doutora, com livros publicados, palestra na Educação do Ceará, uma mulher apaixonada pela educação e com um conhecimento rico na área de Pedagogia, que forma profissionais para atuar na educação do Ensino Superior.

A minha vida acadêmica junto com a Socorro, foi e é até hoje muito importante, a sua simplicidade como transmitia tudo com uma segurança, o conhecimento que ela tem nos dava coragem para atuar como professora na educação superior. Viajamos pelo município de Aracoiaba no Ceará, muito pobre, andávamos muito, atravessávamos rio e andávamos de jumento, tudo era um aprendizado, uma verdadeira aventura. Aprendi muito com ajuda da professora Socorro, sempre falava: “vamos, que vai dar certo”. Depois, professora Socorro foi coordenadora do curso de Pedagogia na Universidade Vale do Acaraú junto com Patrícia. Lecionei no curso de Pedagogia a seu convite. Hoje, graças a ela que me orientou, me ensinou com tanta garra e dedicação, que

sou professora formadora no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará, na modalidade a distância, desde 2010.

Curso da Polícia Militar: uma rica experiência

Em 2007, a Universidade Estadual do Ceará – UECE ganhou a licitação para dar formação aos policiais militares (Ronda do quarteirão). Socorro, como coordenadora, teve que ir para São Paulo para terminar o seu pós-doutorado. Neste momento, ela me desafiou: “Franci (era a forma carinhosa que me tratava) vou ter que ir para São Paulo, vai ficar no meu lugar como coordenadora do curso da Polícia”, e logo tremi e pensei: “valha meu Deus, eu não tenho experiência e nem a sua competência para ficar sozinha aqui”. Ela imediatamente disse: “você tem competência e qualquer coisa oriento pelo telefone”, então diante de tanta confiança em mim depositada, tive coragem de ficar à frente deste projeto inédito no Ceará.

Foi muito desafiador, mas criei coragem e fiquei na orientação, o mais engraçado era que todos do curso acreditaram em mim e eu calada fui fazendo o que ela orientava. Foi um desafio enorme, mas aprendi muito com o que Socorro passava com sua experiência, conhecida em todo Estado como uma professora de nome forte e muito preparada. O curso foi caminhando, graças a Deus ela me orientava em tudo como deveria caminhar o curso.

O diretor do curso tinha uma enorme admiração pela Socorro e falava que o curso ia ser muito bom com uma pessoa incrível atuando na Educação, tão inteligente e tão simples. A academia toda da polícia militar tinha a professora Socorro como a melhor coordenadora que o curso poderia ter. Uma mulher, doutora, com uma vasta experiência em coordenar o curso, ele falava que era privilegiado em tê-la como professora na direção dele. No final do curso, Socorro foi homenageada com medalhas e até eu ganhei uma medalha também.

No ano de 2009, mais um desafio, o curso de Educação a distância na UECE, ela me convidou novamente para fazer parte da lista de professores, mais um desafio que nos ensinou como seria a metodologia de um curso na modalidade em EAD.

Criamos um laço de amizade muito forte, até nos fins de semana. Saímos para dançar, você levava seu dançarino todos os finais de semana, a sua beleza irradiava tanto que parecia que tinha quinze anos ao bailar.

Socorro, você tem uma alma de criança, fé no Padim Padre Cícero e não deixa passar a reza da entronização do Coração de Jesus todos os anos no dia do seu aniversário.

Tenho muita gratidão em fazer parte das amigas, comadres, irmãs e de conviver com você, mulher incrível e cheia de garra, sempre disposta a nos orientar, a aconselhar. Amiga, sou muito grata por tudo que me ensinou e desejo que Deus esteja sempre iluminando seus caminhos como você iluminou a todos que estão por perto.

Deixarei de presente para você um trecho de uma música que fala sobre amizade. Amiga, seremos sempre amigas... Conte comigo, no que precisar.

A amizade

*Quero chorar o seu choro
Quero sorrir seu sorriso
Valeu por você existir, amigo
Quero chorar o seu choro
Quero sorrir seu sorriso
Valeu por você existir, amigo
Quero chorar o seu choro
Quero sorrir seu sorriso*

Valeu por você existir, amigo
Lala laiá, la laiá la, lala laiá, la laiá la
Valeu por você existir, amigo
Amiga, hoje a minha inspiração
Se ligou em você
Em forma de samba mandou lhe dizer
Tão outro argumento
Qual nesse momento
Me faz penetrar
Por toda nossa amizade
Esclarecendo a verdade
Sem medo de agir
Em nossa intimidade
Você vai me ouvir
Amiga, hoje a minha inspiração
Se ligou em você
Em forma de samba mandou lhe dizer
Tão outro argumento
Qual nesse momento
Me faz penetrar
Por toda nossa amizade
Esclarecendo a verdade
Sem medo de agir
Em nossa intimidade
Você vai me ouvir
Foi bem cedo na vida que eu procurei
Encontrar novos rumos num mundo melhor
Com você fique certo que jamais falhei
Pois ganhei muita força tornando maior
A amizade
Nem mesmo a força do tempo irá destruir

*Somos verdade
Nem mesmo este samba de amor pode nos resumir
quero chorar o teu choro
Quero sorrir seu sorriso
Valeu por você existir, amiga
Quero chorar o seu choro
Quero sorrir teu sorriso
Valeu por você existir, amiga
Foi bem cedo na vida que eu procurei
Encontrar novos rumos num mundo melhor
Com você fique certo que jamais falhei
Pois ganhei muita força tornando maior
A amizade
Nem mesmo a força do tempo irá destruir
Somos verdade
Nem mesmo este samba de amor pode nos resumir
quero chorar o teu choro
Quero sorrir seu sorriso
Valeu por você existir, amigo
Quero chorar o seu choro
Quero sorrir teu sorriso
Valeu por você existir, amigo
Lala laiá, la laiá la, lala laiá, la laiá la
Valeu por você existir, amiga*

Compositores: Cleber Bastos / Falcão Djalma / Marco
Antônio Dantas de Lima
Um abraço carinhoso da sua comadre,

Franci

FORTALEZA, 02 DE SETEMBRO DE 2022

Minha querida Maria Socorro Lucena Lima,

O encontro com um ser humano que canta e dança entre o escrito e o vivido

Escrevo esta carta para contar as significativas palavras ditas e escritas, bem como a trajetória, as memórias e os momentos vividos com Socorro Lucena. Beber nessa fonte inesgotável de competência é lembrar, é relembrar é sonhar e é cantar momentos incríveis da minha vida, em que, por um lado, eu me deliciava com todas as aprendizagens vivenciadas ao lado da Socorro e, pelo outro, sentia o medo e o impacto de como sua orientanda, não corresponder às expectativas por estar passando por momentos difíceis de doença na minha família, especialmente minha mãe. O diálogo com Socorro me fortaleceu para viver essas dificuldades.

Tenho convicção que este encontro inesquecível me transformou, pois, sua fala é uma verdadeira poesia, seus ensinamentos, por meio da leitura de inúmeros livros publicados, me encheram de alegria. Ah e os aprendizados me deleitavam a cada história contada por você, seja sobre formação, estágio, formação humana e tantas temáticas importantes para a vida e para Educação Básica. Reitero que a leitura de seus livros é como se estivesse dançando a música da escrita, a música da vivência, a música da aprendizagem. Ah, minha flor mais perfumada, são tantas histórias de vida que aprendi com você que não caberia em uma carta.

Um encontro memorável

Minha primeira experiência afetiva e profissional com essa mulher “*fantástica*” foi na cidade de Juazeiro do Norte, situ-

ada no Cariri cearense, por ocasião do Programa Raízes e Asas no período de (1993-1997) da Secretaria da Educação Básica (SEDUC), em convênio com o Unicef.

Passaram-se alguns anos e somente em 2009, por influência de colegas de trabalho, me submeti à seleção para o curso de mestrado em Educação / Formação de Professores na Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Para minha alegria descobri que Socorro era uma das orientadoras da área de concentração que me submetia, então imediatamente escrevi um e-mail dizendo que queria aprender com ela e Socorro imediatamente me respondeu em uma linha: “venha na minha sala da UECE dia tal, tal hora”. Para minha tristeza, nesse dia estaria viajando para dar aula na Universidade Vale do Acaraú (UVA); criei coragem e respondi ao e-mail dizendo que nesse dia estaria indisponível, pois iria viajar para dar aula e ela respondeu: então “venha no primeiro dia útil após as aulas”.

A partir daí, começamos a construir nossa história, na qual tive o privilégio de ingressar no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação do Educador (GEPEFE), em que conheci e aprendi com Socorro e todas e todos integrantes do grupo. Aqui venho lembrar de uma das falas da Socorro em referência ao seu livro: *Estágio e Aprendizagem da Profissão Docente* (2012): “... espero que ele seja um pretexto para a gente continuar conversando e aprendendo, nesse estágio, que é a vida.” Assim a autora nos acena sobre o que é a vida e sobre a amplitude e abrangência da potencialidade formativa do estágio.

É importante ressaltar que escolhi subtemas para esta carta, com vistas a rememorar a escrita da minha dissertação em que os afetos e o romantismo foram recheados com o tom e com as lentes da Socorro Lucena. Aos sujeitos da pesquisa foram su-

geridos nomes de flores e suas falas foram chamadas de Vozes do Jardim.

O ingresso no mestrado: a pesquisa e as vozes do jardim

Tantas aprendizagens vivenciadas, desde o ingresso no Mestrado, as disciplinas, os encontros, o GEPEFE. Com Socorro, aprendi a escrever um texto leve, repleto de nuances de competência, de romantismo. Chamo atenção para a frase vozes do jardim, extraída da Dissertação de Mestrado.

Socorro querida, as memórias afetivas que vivi durante o período de 2010/2012 foram de aprendizagens e afetos, quando você orientou pela utilização de uma investigação que complementaria um ciclo da pesquisa guarda-chuva intitulada “Trabalho docente: articulando a formação contínua e o desenvolvimento profissional de professores e coordenadores da rede pública de ensino” no município de Lavras da Mangabeira no interior do Ceará.

Para complementar minha alegria e satisfação, a nossa profissionalidade acadêmica se uniu por uma completa amizade de um ser humano íntegro e sensível, todas as idas e vindas durante nossas viagens mensais no período de quatro meses. Minha amiga, orientadora e grande profissional esteve comigo e os laços de afeto permitiram que essa grande profissional pensasse sempre carinhosamente também nos seus orientandos. Socorro, nunca vou esquecer de você se preocupando com minha situação financeira, pois não tinha bolsa de estudos, me reservou o direito de me hospedar na residência de um tio seu, refletindo como tanto era o seu cuidado. A metodologia sugerida por você foi o Grupo Focal, outro evento importante que nos deparamos foi a capacidade de lidar com o “novo” nos diversos momentos formativos, às vezes de conflitos comigo e conciliados com uma

sabedoria indescritível da autora, professora que tive a sorte e a honra de conviver. A cada encontro de Grupo Focal, que se tornou uma Pesquisa/Formação era uma festa de novos conhecimentos para aquelas alegres e competentes professoras de Lavras da Mangabeira, por ter acesso a uma formação, ministrada e mediada pela Professora Dra. Socorro Lucena, como as Vozes do Jardim diziam: “Aprender os ensinamentos da Socorro é a Acontecência: entre o dito e o feito na sala de aula na coordenação Pedagógica, ou seja o dito, o vivido e o feito na vida profissional e fora dela”, tanto era que as professoras exaltavam a relevância, a sensibilidade e a criatividade da Socorro que nos orientou e nos permitiu tantas aprendizagens significativas.

Foram tantos momentos incríveis durante o mestrado, mas nossa amizade não parou por aí, pois continuei aprendendo fora da academia, já que Socorro procurava me inserir nos eventos que participava, nas palestras que apresentava, bem como no convívio com ilustres profissionais de cunho nacional e internacional.

Aqui encerro minhas memórias traduzidas em uma carta para a professora Socorro Lucena, em que expresso toda minha gratidão por todas as aprendizagens vividas no período acadêmico do Mestrado, e afirmo que foi mais que uma Orientadora, nos tornamos amigas e hoje nos tornamos “Comadres”, que significa amizade, irmandade, sintonia. Que sorte a minha ter resolvido um dia ingressar na pós-graduação e escolher você para entrelaçar meu caminho. Ah, como gosto de você, Comadre! Só quero mesmo que você saiba que é muito importante para mim, sou muito grata, pois sempre encontro em seus olhos uma mulher bondosa, serena, competente, e por que não dizer o complemento da música do saudoso Cartola: “que no seu caminhar, no seu fazer é de uma rosa que exala perfumes em toda sua caminhada...”

Um abraço fraterno,

Maria Gorete de Gois

Referências

GOIS, Maria Gorete de. **O trabalho do coordenador pedagógico na escola em tempos de mudança**. Universidade Estadual do Ceará, UECE, 2012.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Aprendizagem da Profissão Docente**. Brasília: Liber Livro, 2012.

Anexos

Imagem 1 – Encontros e Descontrações



Fonte: Gois

Imagem 2 – A Pesquisa e acolhida e Lavras



Fonte: André



Fonte: Gois



Fonte: Lima

Imagem 3 – Os sujeitos da pesquisa



Fonte: Gois



Fonte: Martins

Imagem 4 – Pesquisa Guarda-chuva e Colaboradores Lavras da Mangabeira



Fonte: Martins

FORTALEZA, 14 DE JULHO DE 2022

Estimada Socorro,

Escrever uma carta pedagógica a você, não é nada difícil. Em razão dessa certeza topei o desafio do Elcimar e da Elisângela – escrever-lhe em tempo recorde essa missiva, querida amiga. Para tanto, foi necessário retomar a leitura de sua criação, de tão importante feito para todas nós e passei a lembrar os momentos de nossa tão profícua amizade acadêmica, na qual em nenhum momento sai ileso. Sempre foram muito caros para mim todos esses momentos. E é por isso que faço parte desse grupo de amigos que organizou essa homenagem de agradecimento a você.

Como disse o poeta Manoel de Barros em um dos poemas de Memórias Inventadas, “Ao escrever a um amigo, mais tarde na paz de sua casa, se lembrou do delírio: até as pedras da rua choravam”. Era tão bela a frase porque irracional. Inspirada por essa amizade, vejo que é preciso alguma irracionalidade para fazer uso do gênero de cartas pedagógicas e poder apresentar os pensamentos e sentimentos que me invadem nesse momento e me tomaram ao escrever essa carta em um momento tão afetuosamente produzido.

Ao tomar posse desse momento, passo a descrever um pouco de nossa trajetória, começando pelo momento em que fomos transferidas para o Curso de Pedagogia de Fortaleza. Você, vindo de Quixadá; eu, de Crateús. Ocasão em que trazíamos em nossas malas de livros as nossas experiências docentes vividas no interior do Estado do Ceará. Você não hesitou e fundou logo um grupo de estudos em torno do estágio no Curso de Pedagogia. Aqui cresceu o Grupo de Estudos de Práticas de Ensino

(GEPEDE) que logo, expandiu-se para as demais licenciaturas da Universidade Estadual do Ceará e vieram os minicursos, que você já havia experienciado em Quixadá. Nasceu o estágio com pesquisa. Lembro-me tão bem daqueles encontros onde tínhamos sempre que dar conta de leituras e discussões acerca das experiências de cada uma. Foi um tempo muito rico de aprendizagens e desembocou em sua dissertação de mestrado.

Por prudência pedagógica, faço aqui um alerta: as vivências aqui abordadas tendem a ser produtivas apenas quando vemos a convicção da profissão professor se aproximar das concepções defendidas por pessoas como você e com a adequada intervenção. São propostas orientadas pela convicção de que a conquista é o resultado de um exercício permanente de análise e reflexão sobre as práticas.

Retomando nossas lembranças, do mestrado você não parou mais, veio o doutorado, cursado na Universidade de São Paulo – USP. Nasce uma amizade com os paulistas que nunca mais deixou de existir. Vejo você assim, querida Socorro, uma pessoa que agrega em torno de si todos e todas que a procuram – cativa, cultiva e cuida. Assim foi que eu cheguei pelas suas mãos a fazer parte do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação do educador (GEPEFE) situado também na USP. Sou eternamente grata a você.

Lembro ainda que em seu retorno a Fortaleza, encontrávamos-nos em ebulição no Curso de Pedagogia. A criação do Centro de Educação, o atendimento às demandas da Secretaria de Educação do Estado e Municípios para habilitar os professores para os anos fundamentais em decorrência da obrigatoriedade da lei de diretrizes e bases e você não contou miúdos, entrou na dança que o trabalho exigia, nos ajudando e sacrificando-se no sentido de estar sempre a colaborar com o coletivo. Como se não

bastasse, já trazia na bagagem do doutorado a ideia de criação do Curso de Mestrado (uma recomendação da Professora Selma Garrido). Ideia essa que veio aproximar-se do que já pensava um grupo de estudos constituído anteriormente. A ideia vingou e você assumiu a primeira coordenação do CMAE no Centro de Educação – hoje nosso Programa de Pós Graduação em Educação, formação de Professores – PPGE.

A minha admiração por você “comadre” só cresce, ao ver hoje a solidez que se constitui no seu fazer, sempre tendo o diálogo, nem sempre harmonioso, nem sempre tenso, mas que acontece pelo empenho em pensar o próprio pensamento e também em pensá-lo com o pensamento do imediato outro a pensar junto, construindo múltiplas possibilidades. É um pensamento solidamente construído que se expressa de muitos modos, seja abrindo debates, findando palestras, compondo argumentos em textos de ampla divulgação ou mesmo se afirmando em notas de circulação restrita.

Não posso esquecer neste entremeio de atribulações, nosso famoso Curso de Especialização em Formação de Formadores, lugar onde nos tornamos estimuladores da formação contínua e do desenvolvimento profissional de nossos colegas da escola básica do Ceará. Assim, “Comadre”, seguimos em frente, sempre juntas, nas salas de aula da pós-graduação lato sensu e stricto sensu, a pensar e criar novas estratégias de sala de aula para escrita de textos acadêmicos como ACC – A (anuncio), C (cito), C (comento) e a adotar o ensino com pesquisa como metodologia de trabalho, dentre outros.

E, por último, não poderia deixar de dizer da obstinação que Socorro tem com o seu aluno – seja ele quem for. Cada letra e seus encadeamentos em palavras, frases, enunciados são pensados e trabalhados por escrito com o firme propósito de enredá-lo

no que vai sendo tecido por escrito. É o que acontece, por exemplo, em suas obras.

Finalizando, espero que essas minhas palavras constituídas no diálogo com as cartas pedagógicas da professora Socorro Lucena possam produzir em cada leitor uma faísca de interesse, para que a leitura realizada produza novas possibilidades interpretativas das atividades docentes e do trabalho pedagógico dos educadores. E, quem sabe, essa leitura acenda em cada um/a o desejo de também escrever e compartilhar a rica trajetória profissional vivida e experienciada no cotidiano da educação, como faz Socorro.

Com muito carinho sua amiga e “comadre”,

Maria Marina Dias Cavalcante

FORTALEZA - CEARÁ, 16 DE OUTUBRO DE 2022

Professora Socorro Lucena,

Como está? Ainda tem feito as suas mandalas e os seus cartões?

Início essa carta com uma memória afetiva, em 2012 quando era minha professora no Mestrado em Educação na Universidade Estadual do Ceará, a senhora trabalhou de acordo com o planejamento da disciplina as cartas a partir de uma carta que a senhora trocou com a Professora Terezinha Azerêdo Rios e nos instigou a também escrever uma carta. Achei muito boa essa ideia de a senhora fazer a “Pedagogia da correspondência”. A minha carta foi escrita em 16 de outubro de 2012. Hoje há exatos 10 anos, não por acaso, estou escrevendo essa carta.

É com gratidão que recordo a beleza, a sensibilidade e a profundidade com que ministrava suas aulas. Talvez seja porque nas suas pregações didáticas Brasil afora e de tanto trabalhar com os professores ajudando-os na sua formação a sua sensibilidade tenha mostrado que vida, trabalho e formação não se separam, já que é com base nesse tripé que os professores constituem as possibilidades do seu ofício. Assim, ao trazer para a formação o arcabouço teórico da Ciência da Educação, a senhora não esqueceu da vida, do cotidiano, do corriqueiro, do que pode ser extraído da programação da TV aberta de qualidade tão questionável, da literatura, da poesia, das canções.

Suas aulas foram sempre bonitas. Depois da aula conversávamos ou telefonávamos para alguma amiga professora para conversar sobre a beleza da aula. E o que é bonito o coração não esquece.

A ideia da escrita desta carta me atçou a memória. Ah, as Cartas! Quantas cartas lindas eu já recebi e que me encheram

de alegria. Eu lembrei agora da Professora Susana Jimenes, que também foi minha professora no mestrado e com quem aprendi muito com sua erudição, ao tratar das cartas ela sempre instigava: “*E nós vamos abrir mãos das cartas*”? Pois é, não abrimos mão, pelo menos dentro da gente.

Lembro da trajetória no mestrado, das dificuldades que enfrentamos; alguns colegas mais outros menos, é que às vezes o mestrado é um tempo árido e, por isso, é preciso encontrar as estratégias e vencer o desafio de conciliar vida, trabalho e formação e não perder os encantos da travessia para celebrar a alegria da chegada.

E como não carregar gratidão por todas as marcas que a senhora deixou na minha formação? Foram tantos aprendizados que me formaram professora e me inspiraram no exercício da docência.

Recordo da riqueza das suas aulas, das diversas linguagens utilizadas como música, cinema, literatura e foram tantas as aprendizagens geradas e reflexões que serviram de alicerce para a formação.

Suas aulas eram aulas em movimento, a sala de aula era o lugar de fazer as coisas, ninguém ficava passivo, tinha ação para todos, palavras, desenhos, imagens, círculos para compor o mosaico da aula; introdução, desenvolvimento e conclusão. Quando lembro das suas aulas desfruto do conforto dessa recordação das inúmeras lições aprendidas com tanta leveza, aulas em que o aprendizado e o intervalo pareciam não ocorrer separados.

Os ensinamentos só podiam vir de uma grande mestra que entrelaçou tantas vidas constituindo amorosamente os fios sutis dos encontros humanos.

Ah, eterna mestra! Ao recordar essa trajetória a gratidão emerge e se difunde em gestos de profundo reconhecimento ao

seu trabalho e de admiração pela pessoa e profissional que, generosamente, me formou. É fascinante quando temos o privilégio de encontrar uma vida que entrelaça a nossa vida de um jeito tão encantador.

Seus passos trilhados pelos caminhos da docência foram de valentia, suas aulas eram simples, mas não eram fáceis de realizar, precisava dessa valentia, de uma ação revolucionária para impulsionar o fazer docente de um jeito ainda não experimentado. E foi com essa mesma valentia que a senhora constituiu sua própria formação, seus mestres, seus aportes teórico-metodológicos, o ser professora. Percebo o quanto foi valiosa a sua entrega para a formação de tantos professores, para o campo da Didática, do Estágio, da Educação.

Olhando para a sua trajetória é possível perceber as marcas deixadas nessa caminhada, um legado construído no decorrer da sua existência, desde o desabrochar da menina professora até a mestra que aprendemos a admirar e amar.

Quando a professora Terezinha fala sobre a dimensão estética da competência em sua carta e constata que uma boa aula é também uma aula bonita devo dizer que a senhora sempre nos ofereceu boas aulas. E leve, sem esvaziamento de conteúdos e sentidos.

A trajetória de cada professor é única e o fato da senhora ter vivido a experiência de professora da educação básica, depois cursado mestrado, doutorado e, posteriormente, adentrado ao ensino superior para se dedicar à formação de outras professoras encravou na sua prática um profundo conhecimento do ser professora na educação básica. Não que essa seja uma ordem obrigatória. Mas, aqui cabe bem o verso do poeta Ednardo “*primeiro é preciso viver para depois poetar*”. Será que nos cursos de formação não tem muito professor poetando sem ter vivido?

Depois de tantos anos formando e inspirando professores, sei que viveu sua profissão com muita dignidade. Como escreveu Mário Quintana, “*a vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa*”. E sua vida de dedicação à docência foi vivida com maestria, semeou, regou e cuidou com muito zelo. Dever de casa executado com empenho e coerência. Para usar um termo tão usado nos seus escritos, “*dito e vivido*”, houve muita coerência entre o dito e o vivido no seu percurso de professora.

Uma vez a senhora levou uma de suas mandalas para a aula para presentear uma aniversariante. A mandala era linda. E uma colega logo perguntou se a senhora fazia para vender e a senhora disse prontamente que não, que ali continha pedaços de si. Naquele dia entendi que o que a senhora denominou de metodologia, cacos para um vitral, também pode se aplicar as suas mandalas, pois em cada objeto que a senhora recolhe e une na composição da mandala, sai uma mandala única, especial e muito carrega da sua forma de perceber o mundo, enxergar o outro e lidar com as alegrias, as lutas, as perdas, as subjetividades, as esperanças.

Lembro ainda que sempre que a senhora terminava a aula fazia uma avaliação indagando: “*A aula de hoje foi?*”. E eram citadas tantas palavras sobre o que a aula representou para cada um. E agora a palavra que me vem é gratidão. Gratidão por esse legado que tanto nos inspira e, certamente, inspirará outras gerações de professores no seu fazer docente. Gratidão por essa entrega tão generosa e amorosa.

Grande abraço,

Nahir Batista

CARTA PARA SOCORRO

Querida, amiga, comadre, irmã.

Quantas vezes você me contou a história da coroação! Seu pai que a adorava, usando de seu prestígio nos meios eclesiásticos, a cada ano, conduzia essa filha ricamente ornada da cabeça aos pés, para coroar Nossa Senhora na Igreja da Matriz.

Quantas e quantas vezes você me disse da sua casa cheia de irmãs e irmãos, e sempre de portas abertas, um café quente sobre a mesa a serviço dos necessitados! Obra de sua mãe, que passou a vida acudindo os pobres e oprimidos, fossem esses mendigos, enfermos, presidiários.

Assim foi como tudo começou, essa é a gênese de sua primeira linhagem, Socorro e, certamente, através de você, seus descendentes ainda podem sentir o cheiro daquele café, assistir aquelas coroações.

Essas e muitas outras reminiscências permanecem vivas em sua memória, é o que eu sei, mescladas ao contexto cultural de sua época e aos passos que você foi levada a palmilhar, ao deixar a casa materna e paterna. O certo é que tudo isso a impulsionou à escolha pelo magistério. Ainda que se formar professora pudesse se encontrar ali mais ao alcance da mão, essa escolha foi eivada de sentido e grandeza.

Socorro, você já deu tantas provas de que, para você, o magistério é a mais sublime das profissões!

Muito nova ainda, você, colocou o pé numa sala de aulas como professora de escola pública. O tempo foi correndo e um belo dia você se tornou professora do ensino superior. UECE raiz, aqui você fez sua vida na graduação, na pós-graduação, mesclado, doutorado, aulas, orientações, muitas orientações, sempre

na perspectiva de formar para a docência, sempre no sentido de formar teoricamente para a hora da prática. E sua coerência é tamanha, que você chegou a repreender com ácidos argumentos, licenciandos das ciências naturais ou exatas que torciam o nariz à ideia de cursarem a disciplina de didática ou realizarem o estágio pedagógico.

Sua ação formativa não encontrou limites.

É imensa sua satisfação quando um ex-aluno/uma ex-orientanda passa num concurso público, sim, você sente um genuíno prazer em contribuir para que seus formandos consigam um emprego digno.

Entre 1993 e 1995, tive a alegria de ser sua orientadora de mestrado. Naqueles tempos, o texto em desenvolvimento era escrito à mão e verdadeiros calhamaços chegavam frequentemente à minha casa. Ainda hoje gostamos de lembrar o método nada ortodoxo que utilizávamos naquelas sessões de orientação de finais de semana. Para garantirmos uma visão panorâmica do texto, as folhas eram espalhadas no chão da sala, formando uma espécie de quebra-cabeça gigante, cujas peças iam tomando seu devido lugar, até se transformarem na bela dissertação, defendida na UFC, sob o título: O Estágio Supervisionado como elemento de mediação entre a Formação Inicial do Professor e a Educação Continuada.

Seu doutorado realizado na USP sob a orientação da Professora Selma Garrido foi coroado com a tese: A Formação Contínua do Professor nos caminhos e descaminhos do desenvolvimento profissional, defendida em 2001. Como membro de sua banca examinadora, pude presenciar aquele momento em que, diante de acadêmicos uspianos, (à minha exceção), você prestou reverência ao seu berço natal, à Aurora da sua vida.

Dentre uma infinidade de publicações e apresentações em congressos, você, como primeira autora, junto à Selma Garrido, trouxe à sua oitava edição, a obra *Estágio e Docência*.

Tudo isso você fez e alcançou sem perder a simplicidade ou a lealdade, sem trair seus ancestrais, sem largar a condição daquela rara pessoa que, como se costuma dizer, “se não existisse, teria que ser inventada”.

Na verdade, Socorro, a graça da sua existência destoa profundamente desse momento histórico desastroso que vimos enfrentando, do qual você tem consciência, mas pelo qual você não se deixa abater. Sentada em sua mesa de trabalho, que lhe permite vislumbrar pela janela, a cabeça abençoada de sua santa de Fátima, entrega-se à força transcendente da arte. A sua, a arte de fazer cartões. Seguida da arte de presentear-los.

Com cola e lápis cera de todas as cores que há nesse mundo, você imprime formas exóticas a folhas secas apanhadas do chão, aparas de barbante, fitilhos, miudezas de pano estampado, confetes de papel, pedrinhas quase de brilhante e daí, eis que de suas mãos, emerge uma mandala para quem é de mandala, um divino para quem é de divino, ou, simplesmente uma encantadora abstração que dispensa qualquer nome, próprio ou comum. Aliás, dispensa um nome, mas, nunca, jamais, sua inconfundível assinatura.

Por esses dias, temos conversado muito ao telefone, melhor dizendo, ao celular. Socorro, minha comadre, digo eu, exaltada, que pesadelo esse nó cego que não nos deixa respirar, uma pandemia sem fim atravessada à barbárie do capital... a violência se acirrando, a fome grassando, o corte de verbas para o sustento da educação e da ciência, desumanidades por todos os lados. Ouviu a notícia do assassinato do Dom Phillips e do Bruno Pereira, defensores da floresta e dos povos indígenas? Ouviu esse último,

cantando ao povo Ticuna na própria língua desses indígenas, para amenizar-lhes o medo?

E você, genuinamente preocupada com minha saúde mental, aconselhando-me com sua sabedoria: “Susy, eu sei que está tudo desmoronando, mas não fique pensando muito nessas coisas não, isso te faz mal. Como dizia a minha mãe, “a velhice é uma doença grande e precisamos nos cuidar. Vou te mandar pelo WhatsApp um forró bem animado para tu dançares sozinha no teu quarto. E vou tirar uma tarde dessas para passar na tua casa te ensinando a fazer cartão...”

Certamente, sua netinha Ana Luísa deverá aprender essa arte muito antes de mim, se é que, algum dia, eu chegarei lá. Mas podemos espalhar, de novo panoramicamente, todos os seus cartões, agora sobre a mesa, examiná-los, apreciá-los, montá-los num grande mural de cortiça.

Socorro, essa homenagem institucional e fraterna não lhe poderia faltar. Ela honra a substância mesma do seu legado. Além do mais, carrega um caráter pedagógico, pois ensina aos mais jovens, o valor do reconhecimento a uma autêntica professora, que foi capaz de encarar grandes sacrifícios pela causa da formação docente e, ainda, de operar maravilhas nessa casa do saber.

Sigamos juntas, querida amiga. Ainda há tempo.

Susana Jimenez

SÃO PAULO, 12 DE SETEMBRO DE 2022

Querida amiga e companheira Socorrinha,

Foi com muita honra que recebi o convite para escrever esta carta, o que me fez pensar no que expressar sobre uma amizade tão sincera de uma companheira que faz jus ao sentido próprio da palavra companheira: aquela que partilha o mesmo pão.

Espero que esta carta a encontre bem e que você possa reviver momentos primorosos que passamos juntas. Em um dia frio e chuvoso, dia que escrevo essas “mal traçadas linhas” aqui na terra da garoa, abriu-se para mim um grande raio de sol ao pensar no que poderia colocar no papel e que, de verdade, representasse o grande apreço e amizade que tenho por você, querida amiga, ao mesmo tempo que se faz necessário (infelizmente) explicitar as mazelas do contexto que o nosso país atravessa, em um ano eleitoral atípico, estando em jogo, a escolha entre a civilização e a barbárie, o que nos desafia a buscar alternativas.

Conheci você, Socorrinha, aqui nas terras paulistas, por ocasião do nosso Doutorado, lá no início dos anos 2000, em que você se mudou “de mala e cuia” (e filhos) para São Paulo para não só cumprir os créditos de disciplina, orientação (entre outros) na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, mas sobretudo, para ter para si e oferecer a oportunidade aos seus filhos de viverem na grande megalópole que é a cidade de São Paulo e aprender com esse lugar que, ao mesmo tempo que afasta aqueles e aquelas que não podem usufruir dos bens culturais, econômicos e sociais aqui presentes, também acolhe, de maneira generosa, as pessoas que vêm buscar estudos, trabalho, lazer e opções culturais. Foi nessa teia de situações que pudemos conviver e construir uma grande e afetuosa amizade. De lá para cá, o

campo da Educação, da pesquisa em Educação, de formação de professores e as lidas da vida tem nos aproximado, especialmente pelas minhas andanças pelo Ceará.

E é o Ceará, Estado que me foi apresentado por você, Socorinha, que me permitiu, em diferentes situações, buscar reminiscências da minha trajetória familiar, uma vez que meu avô paterno era de origem da região serrana do Maciço de Baturité e que, a exemplo de muitos retirantes nesse desigual país que vivemos, veio jovem, com a família tentar uma vida melhor nos ares paulistas (assim como você, após algumas gerações, também veio a São Paulo se nutrir intelectualmente, no período do Doutorado). Poder recuperar essas memórias e entender as razões, as lutas individuais e coletivas travadas por sujeitos que se deslocam territorialmente em busca de melhores condições de vida, representou para mim e, por extensão, para parte da minha família, um exercício de resgate de identidades.

Trago isso aqui para afirmar a importância das memórias na formação humana (JOSSO, 2004). Buscar compreender a si para depois compreender o mundo e transformá-lo é de fundamental importância por sermos sujeitos que vivem a condição de um tempo histórico, carregado de subjetividades, ambiguidades e, também, de contradições (FREIRE, 1996). Eu me encaixo na terceira geração dessa família e uma das poucas pessoas dessa estrutura familiar que chegou ao ensino superior, uma vez que à maioria da população brasileira cabe sobreviver e produzir materialmente para que uma minoria possa usufruir dos resultados dessa produção.

Tudo isso acontece em um país de capitalismo periférico, dependente economicamente, o último a abolir a escravidão no mundo, condição que trouxe consequências históricas nefastas como o racismo estrutural, a crescente desigualdade (em dife-

rentes áreas), além de uma herança patriarcal e que, desde que os portugueses invadiram o Brasil, em 1.500, os setores dirigentes buscam diferentes maneiras de exercer o colonialismo e a subalternidade de uns (poucos) sobre os outros (a maioria), estes mesmos que se insurgem (de forma voraz e, por vezes, violenta, como vivemos atualmente, e que também esteve presente em diferentes períodos históricos), visando a manutenção de seus privilégios, arraigados que estão nas estruturas de uma sociedade que se organiza na forma de pirâmide e polarizada, estando situado no topo aqueles e aquelas que detêm os privilégios e, na base, os sujeitos feito desiguais (ARROYO, 2010) e que habitam o terreno das carências (de toda ordem)... enfim, um Estado que apresenta dificuldades em delimitar as ações do público e do privado e de oferecer, de fato, à maioria da população, os direitos básicos, mesmo aqueles garantidos legalmente.

Sobre esse estado de coisas, a Educação, minha querida amiga, como bem sabemos, exerce papel fundamental. É por meio da Educação que os sujeitos se humanizam e adquirem as condições necessárias para fazer diferente do que fizeram as gerações passadas, superando-as. Mas não é qualquer Educação, estou me referindo a uma Educação emancipatória, alicerçada na democratização do acervo de conhecimentos construídos pela humanidade e exercida (por sujeitos que ensinam e aprendem de forma horizontalizada) de maneira crítica, capaz de engendrar mais que mudanças, transformações reais, que contribuam para que a dimensão humana seja priorizada e potencializada, de maneira a contribuir para que a maioria da população viva em uma sociedade mais igualitária, fraterna e justa, que respeite as diferenças e a diversidade, partilhando culturas, saberes e fazeres.

No nosso ambiente de trabalho, tem sido nosso feijão-com-arroz formar professores e profissionais da Educação críticos, re-

flexivos e emancipados intelectualmente, criando condições para que esses possam formar, com igual desempenho e compromisso, as novas gerações. E disso temos que nos orgulhar...

Socorrinha – é nesse esperançar educativo e caminhar conjunto que me despeço – e entrelaçando passado, presente e futuro, desejo, de coração, que novas e sugestivas alternativas se apresentem para nós, brasileiros e brasileiras e que tenhamos, em breve, outros momentos para celebrar conquistas, saúde, amizades, memórias, com histórias significativas pra contar, desafiando o que afirmou Cazuzza: “*eu vejo o futuro, repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades, o tempo não para, não para não, não para*” (CAZUZA, 1988).

Da sua sempre amiga,

Marineide de Oliveira Gomes

Referências

ARROYO, Miguel Gonçalves. Políticas Educacionais e Desigualdades: à procura de novos significados. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1381-1416, out.-dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/WGyPfcRb7yFJpMfsj5pSxPx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 12 de setembro de 2022.

CAZUZA. Compact Disc (CD). **O tempo não para**. Gravadora Phillips, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JOSSO, Christine. **Experiências de vida e de formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

CRATO, 15 DE SETEMBRO DE 2022

Querida Socorro Lucena!
Espero que você esteja bem!

Certa vez você me falou que os verdadeiros amigos são aqueles que estão conosco nos momentos de alegria, de vitória, de comemoração! Confesso ter achado estranha essa afirmação. Sempre ouvira que os verdadeiros amigos são aqueles que estão conosco nos momentos de dor, de perda, de tristeza. Certamente, minha expressão deve ter deixado transparecer o quanto eu estava confusa e um tanto perplexa. Você, com toda a serenidade e sem nenhuma arrogância, justificou sua afirmação me explicando que no momento de dor todos querem se aproximar, pois quando a gente está atravessando um momento difícil, de perda, de dor, de luto, nossa fragilidade se revela. E, nesse caso, estar perto não significa sempre a manifestação de um desejo de ajudar, movido por sentimentos como empatia, solidariedade ou afeto. Momentos de tristeza abrem espaço para a aproximação também de quem apenas quer observar, movido pela curiosidade ou até coisa pior, nossa fragilidade e sofrimento. Nos momentos de alegria, quando a gente está feliz, vitoriosa, realizada, apenas os verdadeiros amigos ficam perto porque nosso brilho não os incomoda, não os ofusca. Pelo contrário, nosso brilho os contagia e ilumina e nossa felicidade se multiplica ao ser dividida com eles, ganhando um novo sentido, muito mais especial.

Conheci você pessoalmente em 2007, quando iniciei o curso de Mestrado na UECE e tive a honra de ser sua aluna. Já havia estudado textos seus quando fui professora do programa Magister na Faculdade de Educação de Crateús – FAEC, em 2001 e 2002. Nessa ocasião, o seu livro “A hora da prática” era nossa

bússola na ação docente supervisionada. No final de 2002, quando fiz concurso para professora efetiva no setor de estudos Didática na Universidade Regional do Cariri – URCA, seus textos também estavam presentes, pois o ponto sorteado para prova didática foi o fazer didático pedagógico na escola pública. Impossível tratar desse tema sem abordar o planejamento educacional e o Projeto político pedagógico da escola. Citava a autora Lima sem imaginar um dia conhecê-la ao vivo.

Antes de encontrá-la em sala de aula como minha professora, a encontrei nos corredores do MAE. Aliás, foi você quem me encontrou. Com sua alegria contagiante, me deu as boas-vindas. E com seu imenso senso de humanidade, se preocupou em saber como eu e minha família estávamos nos adaptando à mudança do interior do Ceará, o Cratinho de açúcar onde morávamos, para morar na capital – com um custo de vida muito mais alto e um ritmo bem diferente daquele do nosso Cariri. Não imaginava que uma professora do Mestrado se preocuparia com isso. Claro, ainda não lhe conhecia o suficiente para saber o quanto você acolhia as estudantes, especialmente as vindas do interior, por compreender as dificuldades que enfrentávamos para além do volume de leituras e atividades exigidas no curso.

Conheci primeiro a professora, cuja leveza e generosidade nos inspirava enormemente. Depois, a amiga, a conselheira, a comadre. Mais de quinze anos se passaram desde então.

Hoje, pensando sobre esse tempo, lembro de sua presença amiga, sincera, alegre me animando nos momentos mais difíceis e dolorosos. E lembro, sobretudo, do seu abraço fraterno nos momentos mais felizes que vivi.

Com você aprendi muitas coisas. Temas densos da nossa área de atuação docente, com certeza. Porém, esses não são nem de longe o mais importante. Com você aprendi que a vida é só

uma e não podemos perder a chance de ser feliz e fazer feliz a quem amamos. Também aprendi a reconhecer as várias dimensões da nossa breve existência e o quanto precisamos cuidar de cada uma delas. Aprendi a apreciar mais as coisas e a entender que as mudanças podem acontecer aos poucos. Pequenas modificações no nosso cotidiano podem ser o início de grandes mudanças.

Uma noite, quando eu já era aluna do doutorado e muitas vezes ia visitá-la, estávamos jantando em sua casa e você olhou pela varanda, sorriu e disse o quanto era um privilégio poder jantar vendo a lua brilhar. Sempre que vejo a lua pela janela de algum cômodo da minha casa, lembro de você dizendo isso e também me sinto privilegiada.

Tive a felicidade de conviver com você o suficiente para perceber que a docência é apenas uma das suas artes. Para muito além da excelente professora, há uma mulher admirável, cuja espiritualidade, generosidade, graciosidade e talento artístico são incríveis. Admiro muito os seus trabalhos manuais: suas mandalas, suas caixas ornamentadas, suas lembrancinhas cheias de carinho e beleza. Tenho a honra de guardar entre os meus pertences mais queridos uma caixa ornamentada com o sol e outras muitas lindezas. A mandala azul fica pendurada no meu quarto o tempo todo, me lembrando a importância da amizade e da paz que ela representa com sua pomba branca bem no centro.

Lembro com muita saudade das nossas andanças, quando eu chegava em Fortaleza para as aulas do doutorado e tinha a manhã livre. Conversávamos, ríamos muito. Você me ouvia com toda a atenção, me dava conselhos e puxões de orelha nos momentos certos.

Também sinto saudades de suas visitas no Cratinho. Nossas conversas aqui em casa, com Jean e as meninas. Dos momen-

tos acadêmicos partilhados na URCA. Das conversas divertidíssimas com Rose.

Por esses dias, conversava com Yasmin sobre vocês. Lembrávamos da Rose trazendo palitos e outros materiais para ensiná-la a fazer caixinhas. E sobre o caderno dos meninos e meninas que você confeccionou para ela. Deve estar guardando com muito cuidado. Quanta saudade!

Lamento nunca ter acompanhado você em uma das suas maiores paixões: a dança. Mesmo na comemoração das seis décadas de vida com as sessenta danças. Mas, de alguma forma, eu sentia fazer parte disso porque ouvia as histórias e era como se eu estivesse presente.

Você foi e é muito importante para a minha trajetória formativa e profissional. Especialmente, para a minha formação humana. Você é uma amiga muito querida e admirada por nós.

Às vezes, me pergunto se já lhe disse suficientemente o quanto a amo. Provavelmente, não. Então, aproveito este momento para fazê-lo. Amo você, minha grande amiga!

Um abraço fraterno

Marteana

FORTALEZA, 18 DE SETEMBRO DE 2022

Querida professora Socorro Lucena,

Para iniciar é necessário evocar a criatividade, assim como nos ensinou e tanto praticou em suas aulas, vivências e simples conversas, sempre com uma história a ser contada e lembrada para tomar como ensinamento, entretenimento ou para fazer rir, uma música, uma poesia, ou seja, uma prática emaranhada de arte. É incrível o seu poder de comunicar e fazer arte! Além disso, convido Clarice Lispector a dizer “[...] que ninguém se engane, só se consegue a simplicidade através de muito trabalho”.

Então, eu digo: seu trabalho é patrimônio imaterial docente eleito e certificado por todos os que tiveram a honra de estar com você, pode ter certeza. E foi a partir de uma simplicidade que construiu esse patrimônio, é uma característica sua, pois onde seu nome chega ele é acompanhado da palavra simplicidade pelo modo de ser, estar e fazer. Certamente, só através de muito trabalho para conquistar essa simplicidade, assim como diz Clarice.

Seu caminhar é fincado no chão e nos oportuniza marcas bem delineadas, que permitem observar o êxito de sua história. Dessa maneira, seguir seus passos como uma trilha é um privilégio dos que te acompanharam em sua trajetória de muito trabalho.

Você também é um farol, pois seu trabalho nos indica a luz em noites escuras. Lembro a primeira vez que vi esse farol, foi no auditório da UECE (Itaperi), eu estava retomando meus estudos na universidade depois de interromper minha matrícula no curso de Pedagogia por motivo de trabalho. Naquele dia ouvi uma de suas histórias mais conhecidas: o dia que você estava em uma

loja em São Paulo e ao dizer ao vendedor que era professora ele ficou com pena. A partir da narrativa dessa história você falou para um auditório lotado de licenciandos (as) sobre a docência, questões de classe, trajetória de vida pessoal e profissional e é dessa maneira de ensinar algo cheio de complexidade com simplicidade e causos da vida que percebo sua genialidade. Esse jeito de tirar doce de criança sem fazê-la chorar é que eu percebo sua genialidade. De fato, um farol que abre e indica os caminhos.

Os seus caminhos estão marcados em nosso coração e na nossa história, pensar sobre sua trajetória e seu modo de fazer docência esbarra em uma questão cara para nós, docentes: o ser professor(a). E como é ser, exercer e criar nessa profissão? Ao longo do tempo vamos descobrindo, mas como farol você nos indica a partir de seus ensinamentos, saberes e conhecimentos produzidos no decorrer de sua carreira, deixando explícitas as dores e delícias da profissão.

Essa busca de entendimento sobre o que é ser professor(a), você professora Socorro, defensora de uma formação docente contínua, indica o vir-a-ser como horizonte de busca, uma grande entusiasta da docência, usa o diálogo como artefato para educar e orientar alunos(as), mas também para aconselhar, animar, empolgar e levantar possibilidades que muitas vezes não enxergamos. Mas seu olhar treinado para o viver não deixa escapar as possibilidades de potência de seus(suas) alunos(as). A pergunta que faço a você é: como manter esse brilho no olhar diante da docência mesmo depois de tantos anos?

O jeito que você se relaciona com seus(suas) alunos(as) é de um querer bem danado, de uma amizade regada de muita bondade, compreensão e incentivo. Como esquecer seu conselho sobre nossas andanças pelos corredores do Programa de Pós-Graduação da UECE? Você dizia: *tem que andar olhando para*

as placas colocadas na frente das portas e imaginar seu nome, pensando que um dia você pode estar ali. Palavras como essas fazem parte do seu comprometimento com a história e êxito das pessoas que passaram por você, quem esteve um tempinho em sua companhia deve recordar de uma palavra de incentivo dada por você, que serviu como horizonte, como farol.

O modo como você constituiu sua docência, contribui para pensarmos sobre o que é ser professor(a), e, em algum momento, do exercício da profissão docente nos esbarramos nessa questão, sua história direciona. A docência é terra fértil, mas às vezes árida, outras vezes desconhecida e cheia de surpresas, então ter alguém ou uma história como guia é uma virtude.

A sua sementeira foi longa, sua colheita mais ainda. A colheita é esforço de uma sementeira repleta de muito trabalho, carinho, amor, dedicação, parcerias etc. Você é uma árvore bonita, assim como descreve a música de Luedji Luna:

*Eu sou uma árvore bonita
Eu sou um pé de fruta-fé
Posso ter até um gosto qualquer
Às vezes fruta-sonho
Às vezes sou fruta-libido
Ele é um homem tão bonito, carrega foice
Nasceu com a demanda de destruir
Pela própria natureza
Capinou tudo o que me fosse mata
Sem deixar um galho dentro
Minha esperança é toda essa ausência de mata
Morta junto com cada folha, e poxa
Meu coração é um terreno com sede
Sem um vestígio de verde*

*Eu sou uma árvore bonita
Eu sou um pé de fruta-fé
Posso ter até um gosto qualquer
Às vezes fruta-sonho
Pela própria natureza
Capinou tudo o que me fosse mata
Sem deixar um galho dentro
Minha esperança é toda essa ausência de mato
Morta junto com cada folha, e poxa
Meu coração é um terreno com sede
Sem um vestígio de verde
Sem um vestígio de verde
Sem um vestígio de verde
Eu sou uma árvore bonita*

Professora Socorro, você é fruta-fé, fruta-sonho pela própria natureza e capinou tudo o que fosse mata e sabemos que seu coração é um terreno com sede, que busca conhecer o mundo e o outro, então, por isso, é uma árvore de conhecimento composta de sementes, folhas, frutos e raiz. Essa raiz que se alimenta da terra e alimenta o outro.

Outro dia, em uma de suas aulas, você parafraseou a música de Chico César, Estado de Poesia, para dizer sobre *como fazer pesquisa*, e, mais uma vez, brinca com a arte e a vida, emaranhando teoria e música para dizer que pesquisar não é fácil, mas também não é tão difícil. O estado de pesquisa é a busca pelo encantamento, que antes disso vem a dor sem anestesia, uma necessidade de emaranhar em altos sertões muitas vezes cheio de enganos livres e de cigania, às vezes queima, mata, cria e que mistura meia-noite com meio-dia. Todavia, chega uma hora que enamora e ri de dentro para fora, não fica nem vai embora é o es-

tado de pesquisa. Foi assim também, que nos ensinou o caminho da pesquisa, cheio de beleza, cuidado e poesia, mas sem deixar de expor também os desencantos que podem surgir pelo caminho.

Para finalizar nossa conversa, digo a você professora Socorro um ditado antigo e sábio, “quem planta tâmaras, não colhe tâmaras” para demonstrar que a sua semeadura foi longa, a colheita é extensa e fecundante, tem grandes reverberações nos diversos contextos da educação nacional brasileira. Você é uma pessoa da melhor qualidade (como você gosta de dizer)!

Abraços fraternos de sua aluna e admiradora,

Najla Almeida Marques Pereira

MINHA QUERIDA PROFESSORA MARIA SOCORRO LUCENA LIMA,

Escrevo esta carta para uma pessoa magnânima que conheci quando estava no terceiro ano da academia, lembro-me da primeira aula que tive com a professora Socorro no campus das Auroras, após as sucintas apresentações dos integrantes da turma ela pusera a nos mostrar a importância da leitura e as técnicas de organização do texto, até hoje levo comigo o famoso “ACC” (anunciar, citar e comentar) ... risos.

No decorrer desta primeira disciplina e outras posteriormente, fui aprendendo sobre aprendizagem, práticas pedagógicas, estágio e docência. Também ouvi histórias da sua trajetória acadêmica e de vida, repletas de muita luta, perseverança e determinação, algo que me inspirou bastante nesta altura.

A ti, professora Socorro, desejo-te longos anos de vida, muita saúde e paz. És uma biblioteca ambulante e por onde passas deixas marcas de ensinamentos e motivação.

Nayuca Alberto Bampoki

REDEÇÃO - CEARÁ, 27 DE AGOSTO DE 2022

Saudações, Socorro Lucena,

Permita-me chamar de você, porque apesar de ter lhe escutado dizer em uma palestra, que alcançou o último estágio da vida, a vejo como se estivesse diariamente bebendo na fonte da juventude, lançando à luz de sua sabedoria, ideias inovadoras e estratégias interessantes para os educadores vivenciarem a práxis na docência, práticas essas que se articulam muito bem nesse mundo contemporâneo. Na aparência, a manifestação da simplicidade, sorriso que embeleza, revestida de um perfil curioso de quem está sempre a aprontar. Risos. Será que são estas as características primordiais que fazem de você uma formadora/pesquisadora que está sempre em foco?

Quero que saibas que sou uma leitora assídua de suas publicações; aprecio a forma como lida com as questões educacionais e as aprofunda no discurso e na prática. Por meio dessas revejo minhas ações, posturas e atitudes profissionais, reflito a missão de educar revitalizando o fazer pedagógico em sala de aula.

Quero ressaltar, minha amiga, que durante muito tempo você se fez presente em minha vida, por meio de seus escritos. Assim, o nosso encontro se dava mediante autor/leitor e mesmo nesse formato os momentos se tornavam ricos, porque enquanto educadora me via retratada em seus livros, artigos... Você instiga-me a refletir o trabalho educativo com todas as nuances de desejos, sonhos, desafios, medos e perspectivas de melhorias. Penso até que poderias fazer um programa de TV, um quadro que falasse do professor, suas dificuldades, seus desafios, suas ações, os olhares e comentários que existem no fazer dos educadores. Assim, em vez de *Profissão Repórter* seria *Profissão Docente!*

Sabes, minha amada, sempre valorizei os “encontros” porque esses me trazem surpresas, emoções, diálogo, cooperação, ensinamentos, aprendizados... E acredite: todos esses elementos permearam o nosso encontro presencial ocorrido na sala de aula de mestrado. Saiba que foi uma honra tê-la como professora, juntamente com professor Elcimar, da primeira disciplina Ensino e Formação Docente, na primeira turma do Curso de mestrado do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente (PPGEF UNILAB-IFCE).

Estimada professora, o seu ensino é entrelaçado por saberes docentes, que de forma encantadora retroalimentam a ação educativa, portanto quero ter tempo para experimentar e validar por onde eu passar essa sua prática de mesclar teoria com as vivências.

Essas 60 horas, que correspondem à carga horária da disciplina, minha cara, foi um aprendizado que resume uma vida toda, voltei no tempo, fiz uma introspecção pessoal, profissional... passei em vários segmentos da vida por meio de uma “**mandala**” e confirmei a importância de uma abordagem partindo do local de quem fala, da valorização das origens, de algo que tem significado por fazer parte do contexto do aprendiz.

Aliás, Socorro, quero te parabenizar por esse esquema mandalítico (conceito que inventei). Vi quão interessante é essa forma de instigar e conhecer o que o ser humano valoriza, entende e se relaciona, podendo ser aplicado em qualquer planejamento. Tomei conhecimento que essa é uma de suas marcas para organização do projeto de vida e pensei: deveria ter uma forma de tatuar essa “marca” nas ações curriculares de cada educador, validando sua aplicação desde as situações básicas até as formações e ensinamentos mais complexos.

Sabe, minha amiga, sempre pensei no mestrado como um curso semelhante a muitos que já concluí, mas você me apresen-

tou uma experiência nova, onde ampliei o leque de diálogo com novos autores, orientou-me nos fichamentos e me convocou a me dedicar às leituras e a adentrar nas atividades acadêmicas. Também me motivou a ser uma eterna pesquisadora, e para facilitar a escrita de trabalhos científicos, apresentou-me o esquema do Anunciar, Citar e Comentar- ACC, e mais, me lançou em um estado de pesquisa, afirmando que Mestrado não é um curso, é um “projeto de vida”. Com isso você quis enfatizar que:

O ingresso em um curso de mestrado ou doutorado marca o início de um tempo em que as rotinas com a família, com o trabalho e com as amigas sofrem significativas alterações em decorrência da necessidade de reorganização diferentes atividades das quais os pós-graduandos participam. Participar de eventos, cursar disciplinas e obter os créditos necessários, produzir, publicar e pesquisar são alguns dos muitos elementos que se inserem (LIMA; COSTA, 2017, p. 9).

Seria cômico, se não fosse verdade, mas a partir daquela data, tudo que ouvia, as situações que as pessoas comentavam, os assuntos questionados de longe ou de perto, uma dificuldade ou desafios citados por professores... tudo eu pensava: esse é um ponto para desvendar. O conteúdo pode ser transformado no trabalho acadêmico; esse tema é válido aprofundar; até uma conversa leve e descontraída com os amigos, na minha concepção dava uma bela dissertação. Ali, minha querida, aguçou meu desejo de investigação e publicação, pelo alcance de outro nível, processado por suas metodologias.

No seu discurso e escritos, minha amiga, é notória a preocupação de apresentar que as condições de vida e trabalho são fatores que sempre devem ser considerados na vida de um edu-

cador. É admirável ver esses termos realçados nos seus ensinamentos, suas publicações e no seu discurso, mostrando que a base de um ser é fortalecida pelas experiências vividas ao longo da existência humana, somadas as diferentes fases da sua trajetória existencial.

Você defende a ideia do ensino com pesquisa, em que professor e aluno buscam, interrogam, constataam, comprovam e encontram soluções juntos. Retrata isso no seu diálogo e atividades quando destaca um trabalho docente que favorece uma consciência crítica, humanizadora, e criativa, bem como ideias de liberdade, autonomia e construção da cidadania. Acreditando nesse fazer com responsabilidade, você assinala, minha amada, que as formações contínuas só têm resultado qualitativo se sucederem de uma ação que gera reflexão.

Quanto à avaliação de sua aula, me surpreenderam. Lembra Socorro, que pediu para dizer por meio de uma carta o que aprendi e as dificuldades encontradas na sua disciplina? Inicialmente, me assustei com a ideia, primeiro porque diante do avanço tecnológico em que enviamos para lá e para cá mensagens por meios virtuais, a escrita de uma carta parecia regressão; segundo, porque mexeu no meu baú de lembranças, voltando a localidade de Brenha, lugar onde vivi e ajudei muitas pessoas da comunidade a se comunicar com familiares distantes geograficamente, lendo e escrevendo suas cartas. Hoje considero que esse movimento foi um elemento motivador para aprender a ler e escrever.

Participando da ação, vi que essas cartas pedagógicas fazem parte de uma metodologia bem bacana, não é Socorro!? O exercício da escrita vai além de treinar ortografia e leitura, pois o ato de “escrever cartas pedagógicas, ao mesmo tempo que é um exercício fecundo de registrar a experiência, é uma forma privilegiada de gerar conhecimento, à medida que dá corpo, organiza

e sistematiza o cotidiano como a mola mestra e básica de todo conhecimento” (CAMINI, 2012, p.53).

Sem dúvida, amiga, esse momento foi marcante na potencialização do meu saber e resgatarei esses conhecimentos sempre que surgirem temas relacionadas à área educacional e sujeitos em desenvolvimento.

Retratada em outra carta, continuo a registrar que todo educador deve ter impresso as marcas de um mestre como você, dedicada e com o poder de inspirar um novo jeito de entender e fazer educação. Tenha a certeza que em qualquer espaço que existir um ser aprendiz e eu tiver a oportunidade de ensinar ali vão estar presentes traços de Socorro Lucena.

Espero te encontrar em breve e sempre, enquanto esse dia não chega, saiba que já se eternizou em minha vida pelo conhecimento que lançou.

Abraços afetuosos,

Neisse Evangelista da Costa Souza

Referências

CAMINI, Isabela. **Cartas pedagógicas**: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam. Porto Alegre: ESTEF, 2012.

LIMA, Maria Socorro Lucena. COSTA, Maria Elisangela André da. Condições de vida e trabalho como ponto de partida para a formação do professor pesquisador. **Rev. Eletrônica Pesquisadu**, ISSN: 2177-1626, v. 09, n. 19, p.492-505. set.-dez. 2017.

FORTALEZA, 15 DE SETEMBRO DE 2022

Prezada Professora Dra. Socorro Lucena, saudações!

Primeiramente, espero que esteja tudo bem com a senhora e com sua família. E é com grande satisfação que lhe escrevo estas tão singelas e significativas linhas, uma oportunidade única de expressar todo o meu carinho e admiração por você, além de resgatar memórias de momentos em que nossos caminhos se entrelaçaram. Me sinto privilegiada em passar por essa vida e ter cruzado com um ser humano assim, tão especial!

Lembro do primeiro contato, na época da minha graduação em pedagogia na Universidade Estadual do Ceará, mais expressamente na turma de 2003. Era uma noite de aula, quando recebemos a notícia de que teríamos uma palestra ministrada pela senhora. Assim foi feito, não me recordo bem os detalhes do que foi dito, mas de uma coisa eu tenho certeza, fiquei encantada com tanta sabedoria expressa nas suas palavras, com sua maneira de se expressar e principalmente, com sua alegria!

A partir daquele momento me tornei sua admiradora e quando ouvia falar no seu nome, nos corredores da Universidade, eu logo lhe associava a uma professora que encantava a todos com sua aula.

Após o término da graduação, em 2007, continuei na Universidade, cursando extensão em Gestão Escolar, e ao passar esse período, quis me especializar, mas tinha dúvidas em que curso ingressar. Foi então que decidi que gostaria de fazer um curso que me oportunizasse sair com um embasamento teórico consistente para futuramente cursar um mestrado.

Foi então que ouvi falar que você estava organizando, juntamente com a Professora Marina Cavalcante, um curso de Espe-

cialização em Formação de Formadores. E não deu outra, sabia que seria maravilhoso ter a oportunidade de tê-la como professora naquela pós-graduação.

E assim aconteceu, me inscrevi e frequentei o curso nos dias de sábado. Tive disciplinas ministradas por você que foram de grande significância na minha formação. A temática voltada à Formação de Professores me dava a certeza, a cada aula sua, de que eu estava no caminho certo. Estudando algo que eu realmente me identificava, me encontrei muito nesse curso.

O curso de Formação de Formadores se diferenciava pela sua qualidade. Aquele curso organizado pela sua pessoa e demais professores não consistia em aulas estáticas, recheadas de mesmices, mas sim, era recheado de novas abordagens e um vasto referencial teórico. A propósito, aquela turma era realmente especial, aprendi muito tanto com você, como com os demais integrantes do corpo docente e com meus colegas de turma, que por sua vez eram bastante intelectualizados.

Chegado o momento da divisão dos temas dos artigos finais da disciplina (TCC), e dos orientadores que ajudariam a cada estudante, tive a oportunidade de ficar sob sua orientação. Essa fase de nossas vidas nos possibilitou uma maior aproximação e construção da relação orientador-orientando. Lembro-me que por algumas vezes estive em sua residência, momentos estes que muito enriqueceram a constituição do meu artigo.

Me recordo ainda que ao adentrar no seu espaço pessoal, pude conhecer um pouquinho mais de sua personalidade. Não sou de ficar reparando nas “coisas” ou objetos pessoais das pessoas, mas aquele espaço aconchegante me chamou atenção, como por exemplo, as suas mandalas e sua estante repleta de muitos livros.

E chegou o dia da apresentação do TCC, lá estava você comigo, durante a minha apresentação. Aprendi muito com a senhora e tive sede de aprender muito mais.

Por ocasião do curso, professores e estudantes tiveram a ideia de produzir um livro com os trabalhos finais de curso da turma. E assim ocorreu, logo após todos apresentarem seus trabalhos finais, formamos uma comissão organizadora do livro, eu, a senhora, a Professora Marina Cavalcante e o Professor Vicente Júnior.

O desejo daquele projeto de publicação foi tão grande, bem como a satisfação de organizar um livro juntamente com você, muito me motivaram correr atrás desse sonho. Enfim, o tão sonhado dia chegou, era uma noite muito especial, o dia do grande lançamento do livro “Caminhos da Formação docente: trajetórias e perspectivas”, que ocorrera no auditório da reitoria do Campus do Itaperi (UECE). Sua presença abrilhantou aquela noite. Aquele dia significou muito para mim, pois consistiu na realização de um grande sonho, a primeira publicação em livro, tendo um artigo orientado pela sua pessoa.

Já alguns anos depois, no ano de 2006, quando ingressei no mestrado em Educação (PPGE-UECE), nossos destinos se reencontrariam. Me recorro de dois encontros que muito me marcaram, em um deles, a senhora socializou com a turma sobre as etapas para a construção de um projeto de pesquisa bem como de um artigo científico. Já no segundo dia do encontro uma aula didática bem planejada nos foi ofertada. Nesta, a senhora nos apresentou a mandala pedagógica, que mostrava os momentos da aula desde seu início até sua finalização. Considerei incrivelmente oportuna a utilização daquela metodologia.

Vale ressaltar que durante estes encontros a senhora nos fazia refletir sobre nossos projetos de vida. Lembro-me que nos

apresentou uma música que falava do cuidado conosco: “Estou podando o meu jardim, estou cuidando bem de mim” do cantor Vander Lee. Esta canção e as reflexões feitas a partir da mesma nos levavam a entender que não podemos esquecer que o profissional é antes de tudo uma pessoa, que precisa cuidar de si. E que temos que ter nosso projeto de vida, ser feliz e ter tempo para cuidar de nós mesmos, nossa saúde, nosso bem-estar. E aquelas palavras proferidas por você, professora, ainda soam em meus ouvidos e quando me vejo estou reavaliando meus conceitos sobre trabalhar, estudar e ter qualidade de vida, emocional, social e psicológica.

Além desse momento, ainda no período do meu mestrado, recebi um convite que me deixou muito lisonjeada, de participar de uma banca de apresentação de conclusão de curso. Lembro-me que ao ser convidada por sua pessoa, tive dúvida em aceitar, pois minha vida estava uma correria, foi então que ouvi da senhora algumas palavras que me deram um choque de realidade. Não sei dizer bem como você falou, mas era mais ou menos assim “oportunidade é igual a cavalo... que ele passa e não volta mais...”. Então, ao ouvir aquilo, logo me decidi e participei pela primeira vez de uma banca de “verdade”, o que pode parecer simples para uns, mas para mim era também outro sonho realizado. Me senti realizada, muito obrigada por aquele convite, pois eu amei!

Enfim, termino dizendo que talvez ainda tenha esquecido de lembrar de mais algum momento com você, mas todos eles, bem como as experiências elencadas por mim nestes escritos foram essenciais para que eu me constituísse enquanto pessoa e enquanto profissional. Dessa forma, reitero sua preciosa colaboração no meu processo de formação, seu profissionalismo e personalidade marcantes e a leveza quando nos fala, sempre nos motiva e encoraja a cuidarmos de nossos projetos pessoais e pro-

fissionais, ressignificando-os e fazendo com que não se tornem um fardo, mas nos leva a refletir sobre nossa prática de vida e trabalho.

Nesse sentido, considero que ser professor é deixar marcas positivas na vida de seus educandos e isso a senhora faz com naturalidade. Então, termino esta carta, dizendo: muito obrigada por tudo, professora Socorro, seus ensinamentos estão eternizados em mim, este ser que você educou, parafraseando uma célebre frase Freireana.

Com carinho,

Nívea Pereira

Imagens com a Professora Socorro

Lançamento do Livro Caminhos da Formação Docente: trajetórias e perspectivas, por ocasião da primeira turma do curso de Formação de Formadores, UECE. Março de 2013



Encontro por ocasião do curso de mestrado em Educação
PPGE- UECE, turma de 2016.



MAMANGUAPE (PB), SETEMBRO DE 2022

Lançar-se “A terceira margem do rio...”

Querida profa. Socorro Lucena, como me emociona poder escrever-lhe tentando compreender e aprofundar meu tempo de convivência com você como “*um passar a outra margem*”; ou, ainda, *a terceira margem do rio...* Perspectiva diretamente inspirada no conto “A terceira margem do rio” de Guimarães Rosa, texto emblemático e pauta para tantas e diversas reflexões.

Prezada profa. Socorro, em outra carta, prof. Emerson de Medeiros (UFERSA) e eu, recordávamos que, desde a nossa origem familiar, aprendemos a cumprimentar nossos pais, avós e tantos outros parentes, pessoas queridas e “mais velhas”, pedindo-lhes votos de proteção. Assim dizemos: “peço-lhe a bênção”; ou, “bença pai; bença mãe”. Sob nosso olhar, trata-se de um gesto bonito e que nos faz pensar o “peço-lhe a bênção” como uma atitude terna e solícita; como uma forma de afeto que nos torna mais humanos e também como um modo de cuidar da humanidade do outro e da nossa própria humanidade. Por isso, a você, em particular, abençoo, cordialmente, e peço-lhe, por favor, que também me abençoe. Aos professores que também terão a oportunidade de ler esta carta, por favor, nunca esqueçam: o magistério, que é relacional por natureza, é um modo de expressar a nossa própria humanidade ao cuidar da humanidade do outro.

E creio, profa. Socorro, que a docência é um exercício profissional que nos possibilita cuidar verdadeiramente da humanidade do outro; ou, em outras palavras, “humanizar-se” para, então, “humanizar” o outro. E é exatamente isso que você vem fazendo ao longo dos anos de exercício no magistério, e fique sabendo: muitos professores, com uma grandeza de alma ímpar,

assim como você, pelo mundo inteiro, continuam a construir a educação por esta perspectiva. Inclusive, muitos aprenderam com você. Penso, por isso, que este é um modo de viver a docência também à maneira da profa. Socorro Lucena.

É bem difícil não registrar que, ao tempo que estou a escrever esta carta, a guerra na Ucrânia não para; assim como, no Brasil, a educação pública se encontra à deriva de um governo que busca, de reiteradas formas, anular qualquer possibilidade de uma educação humanista, com uma série de sonhos e direitos da população brasileira desfeitos e o fortalecimento das desigualdades. Infelizmente, é isso que nós temos visto por aí. Tudo isto diz muito e, em particular, do desafio que temos pela frente de (re)humanizar o coração humano. Isso quer dizer derrotar as guerras, eliminar o fascismo e sobrepujar o individualismo neoliberal. Basta de desgraças, amiga Socorro, voltemos para ‘*A terceira margem do rio...*’

Antes... eu quero dizer a todos os professores que possam ler esta carta que não trabalhei com profa. Socorro Lucena, mas convivi com ela. Digo isso porque penso que o trabalho acadêmico envolve muitas vezes tempos, espaços e práticas limitadas. Sob meu olhar, ao viver e conviver juntos, em outros tempos e lugares, não necessariamente na universidade, cada um traz sua vida e suas histórias, sonhos, sentimentos, projetos de vida e valores humanos.

Te digo, profa. Socorro, que, ando desconfiando que, dentro dessa lógica em que nós vivemos, muitas vezes, nas universidades, onde nos cobram, o tempo todo, que sejamos produtivos e (re) produtores de uma educação para a empregabilidade, não nos é permitido este tempo para o viver e conviver juntos em plenitude. Cara profa. Socorro, vejo, com tristeza, muitos seguirem vida afora sem prestar atenção neste cenário que pode nos jogar

numa solidão e individualismo perigoso e autodestrutivo nas universidades, muitos parecem não se dar conta, ou optam por ignorar esse fato. Preciso crer, profa. Socorro, que, assim como aprendi com você, precisamos continuar a viver a alegria no cotidiano da profissão; manter o entusiasmo e, sobretudo, viver o magistério como um NÓS. Fugindo, assim, de qualquer prática de individualismo e de autossuficiência. Sabemos que não é fácil exercer o trabalho coletivo, mas não é educativo exercer a profissão em redomas individualistas. O diálogo ensina e humaniza. Por isso, sigamos, pois novos caminhos, tempos novos e melhores se constroem caminhando...

Uma releitura do exposto até aqui evidencia porque o meu processo de caminhada e convivência com você, profa. Socorro, pode ser lido como “um passar a outra margem”; ou, ainda, a terceira margem do rio.... Uso a palavra processo porque, de fato, não foi um tempo estático que eu vivi e passou. Mas, uma vivência contínua que, à luz das suas experiências e saberes, Socorro, é parte essencial da minha identidade. Vejo aqui um movimento que sempre fui convocado: a lançar-me no rio da própria existência – humana, social e profissional. E, sem desconsiderar também o caráter individual, foi dentro de uma rede de relações significativas, com você e tantos outros, que aprendi a navegar rumo à terceira margem, ao profundo de mim mesmo e aí me transformar. Profa. Socorro, podes crer que, sem este meu processo de caminhada e convivência com você, talvez eu ainda estaria sem arriscar-me a passar para a outra margem. Grato sou, grande profa. Socorro, por tudo isso.

Aproveito o ensejo para dizer, tendo como referência a figura da árvore, que o poema de Francisco Luis Bernárdez sempre me faz lembrar de você, e digo porque:

*Porque no fim compreendi
que quanto a árvore tem de florido
vive do que ela tem de enterrado.
Francisco Luís Bernárdez
Soneto: Cielo de tierra (Buenos Aires 1937).*

Como nos ensina o poeta, a árvore, para crescer, precisa de relações estreitas com suas raízes. Ou seja, sem raízes a árvore não pode ir adiante. Assim como a árvore que cresce sempre do que vem de suas raízes, eu continuo a “crescer” sempre mais e mais a partir do processo de caminhada e convivência com você que faz parte das minhas “raízes”. Assim vou eu, cotidianamente... “rio abaixo, rio a fora, rio a dentro”, tentando viver a docência também à maneira da profa. Socorro Lucena. Numa outra carta darei notícias sobre isso...

Como dito no início: a você, em particular, abençoo, cordialmente, e peço-lhe, por favor, profa. Socorro, que também me (nos) abençoe.

Saudações cordiais!

Osmar Hélio Araújo

Vale do Mamanguape – PB/Brasil
UFPB – Campus IV

QUERIDA SÔ, MINHA IRMÃ DO CORAÇÃO,

Recebi o honroso convite de dois colegas queridos, a Profa. Elisangela André e o Prof. Elcimar Martins, para participar desta coletânea em homenagem à minha irmã do coração, escrevendo uma carta para você. Como você pode perceber, esse convite é irrecusável, sobretudo, pela grande missão que me foi concedida de escrever sobre uma pessoa que admiro pela personalidade forte, com caráter e dignidade admirável, e ao mesmo tempo, muito afetuosa e bem humorada. No que fui remexendo no baú da memória, deparei-me com a admiração que sinto pela grande pedagoga e intelectual que você se tornou na sua trajetória pessoal e acadêmica, com convicções firmes e sempre aberta ao novo e às pessoas.

Relembrei nossas vidas como se fosse um grande caleidoscópio com fragmentos móveis coloridos de nossas memórias em um jogo de combinações de emoções de cores variadas. Quantos desafios encontramos e aprendemos a enfrentar juntas, nos apoiando, mesmo com medo. A tua forma de agir e propor soluções contra tudo que poderia vir a nos prejudicar era uma proteção e, em seguida, momentos de rirmos juntas. Afinal tínhamos uma grande crença, que viemos para este mundo para ser feliz.

Dentre os traços da sua personalidade, o que mais nos une é o seu senso de humor e positividade diante da vida de forma muito peculiar, que nos aproximou e criou uma grande cumplicidade na nossa caminhada que se iniciou em 1994, quando nos conhecemos no Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Ceará. Nessa época, enfrentamos muitos desafios para além das questões acadêmicas juntas, pois sua recém-chegada do Cariri com seus três filhos adolescentes e pré-adolescentes lhe exigia muita dedicação e organização doméstica para

adaptá-los a um novo cotidiano de uma cidade diferente. No que me diz respeito, na época, meus três filhos tinham 3, 4 e 5 anos de idade. Acrescente-se a isso, os seminários das disciplinas que precisávamos preparar toda a semana, que nossa amiga Amália se somava a essa força tarefa. Quantas memórias construímos juntas onde trilhamos momentos mais próximos e outros um pouco mais distantes. Desde o momento que nos conhecemos no Curso de Mestrado em Educação da UFC, em 1994, nós nunca nos afastamos uma da outra mesmo quando você foi cursar o doutorado em São Paulo ou quando eu fui para o pós-doutorado em Lisboa durante 8 meses. Sempre, em nossos reencontros ou telefonemas, estávamos felizes por poder retomar a nossa conversa no ponto em que tínhamos deixado.

Lembro-me como você revolucionou o estágio curricular, que estava ainda vinculado a uma estrutura de currículo enrijecida e que pouco acrescentava à evolução da teoria do currículo e da formação de professores. Sobretudo, com os novos programas que introduziu e deu a conhecer aos professores não só na Universidade Estadual do Ceará, mas em todas aquelas instituições que passou, como a Universidade Estadual Vale do Acaraú e na Polícia Militar, sempre na tentativa de chegar mais longe. Grande exemplo da sua crença inabalável na educação. Tenho muito orgulho e muito a lhe agradecer pela formação do meu filho Carlos Alexandre, que se tornou professor pelas suas mãos.

Das suas mãos, foram formadas muitas mulheres e muitos homens que hoje são seres humanos e profissionais maravilhosos, não só pelos trabalhos acadêmicos que realizaram, mas pela atitude na vida e para com os outros. O seu olhar sobre os seus alunos desejando seu crescimento pessoal e profissional sempre foi uma das características mais fortes, numa atitude de solidariedade e grande humanidade.

Tendo como alicerce a nossa amizade e cumplicidade que construímos nessa caminhada, trabalhamos na criação dos cursos, fazendo assessorias e viajando juntas para ministrarmos aulas. O saber, a atenção e a disponibilidade de ouvir são suas características que guardo até hoje. E o seu gosto pelos versos de Adélia Prado, dentre eles, destaco a poesia, *Com Licença Poética*, que retrata o cotidiano com encanto e perplexidade sobre o que é ser mulher na sociedade brasileira sublinhando as dificuldades enfrentadas como mulher e o seu gosto de fazer poesia sobre o cotidiano.

*Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou: vai carregar bandeira.*

Cargo muito pesado pra mulher, esta espécie ainda envergonhada.

*Aceito os subterfúgios que me cabem, sem precisar mentir.
Não tão feia que não possa casar, acho o Rio de Janeiro uma beleza e*

*ora sim, ora não, creio em parto sem dor. Mas, o que sinto escrevo. Cumpro a sina. Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.*

Minha tristeza não tem pedigree, já a minha vontade de alegria, sua raiz vai ao meu mil avô.

Vai ser coxo na vida, é maldição pra homem.

Mulher é desdobrável. Eu sou.

E foi dessa maneira que lhe conheci, conquistando sua liberdade de se expressar criativamente diante na vida, sem obediência rígida a um cânone, a um código ou a um modelo convencional de ser.

Nessas lutas aprendemos como mulher, profissional, acadêmica, que atrás de um homem bem sucedido sempre existe uma grande mulher, mas atrás de uma grande mulher só existe ela mesma lutando com suas próprias forças. E comunicamos as nossas mães que nossa amizade tinha nos transformado em irmãs de coração para nos apoiarmos como mulheres, mãe e professoras. Minha mãe logo entendeu, pois sempre percebeu que eu sentia falta de ter uma irmã, uma vez que tenho só dois irmãos.

Quero dizer-lhe que a nossa irmandade, sua amorosidade, alegria e bom humor, se fizeram presentes perante os momentos mais difíceis que encontrei na vida. Não é demais afirmar que, qualquer pessoa que conheça você, ainda que superficialmente, concordará que sua personalidade incrível e positiva cunhou uma marca indelével, impossível de esquecer.

Beijinhos no coração,

Patrícia Holanda

FORTALEZA, 22 DE AGOSTO DE 2022

Prezada professora Socorro Lucena,

A princípio, é uma satisfação escrever esta carta para uma das professoras que mais contribuíram/contribuem com a educação cearense e brasileira, especificamente no processo de ensino-aprendizagem, na didática, no estágio supervisionado, na formação inicial e continuada de professores e, consequentemente, na ação docente, por meio de sua prolífica produção nessas temáticas. Entendo que os movimentos realizados pela professora não estão apartados, mas, sim, entrelaçados, como parte da formação dos professores, que deve ser contínua ao longo da carreira do magistério.

Dito isso, gostaria de continuar esta carta descrevendo um pouco sobre como a conheci. Para isso, preciso mencionar um pouco a minha trajetória, pois, dessa forma, estarei falando também da professora Socorro. Em 2016, iniciei a especialização em Formação de Formadores e os Processos de Coordenação Pedagógica para Educação Básica e Superior, na UECE, e, bem antes do processo de matrícula nesse curso, quando eu ainda comemorava minha aprovação, comentei com um amigo da área da saúde sobre essa conquista, o qual dias depois me presenteou com o livro **Estágio na Formação de Professores: Unidade, Teoria e Prática?**, escrito pela professora Selma Garrido Pimenta, sua orientadora no Doutorado em Educação da Universidade de São Paulo (USP). Nesse livro, a autora cita a professora Socorro, a partir de um evento que aconteceu em Limoeiro no Norte, Ceará. Selma relata os questionamentos realizados por você sobre a didática, a teoria, a prática e o estágio supervisionado.

Com seus questionamentos à Selma Garrido, mostrou-se ser uma professora curiosa, com sede em aprender sobre e para o desenvolvimento do seu trabalho docente. Inclusive, professora Socorro, no âmbito dessa curiosidade pedagógica, nas suas aulas, você sempre se preocupou em falar sobre a importância das perguntas, na/para a pesquisa acadêmica. Segundo a senhora, não existirá pesquisa científica sem perguntas. Em outras palavras, as perguntas são fundamentais para que os pesquisadores possam desenvolver suas investigações.

Foi através dessa passagem, na qual a professora Selma Garrido cita a senhora, que minha curiosidade foi aguçada em conhecer um pouco mais sobre sua trajetória acadêmica e profissional e fiz isso pesquisando o seu Currículo Lattes. Imagine a minha surpresa quando descobri que era professora da UECE/PPGE e que também se interessava em desenvolver pesquisas sobre a formação continuada. Além disso, não posso deixar de citar seu imenso currículo, com múltiplas formações e publicações de peso. Conquistado com muita luta, dedicação, persistência e dignidade, por uma cidadã, mulher, filha, mãe e professora nascida no interior do estado do Ceará, no Cariri, região historicamente marcada pela desigualdade sociocultural, principalmente no século passado e início do século XXI, quando a homenageada deu seus primeiros passos estudantis, em seu processo formativo e profissional.

Continuando, não sabia que a senhora viria a ser minha professora na especialização citada anteriormente. Pessoalmente, fiquei ainda mais admirado pela sua história de vida, formação e trabalho. Não posso deixar de mencionar o meu encantamento pela maneira como a senhora conduziu suas aulas, com leveza pedagógica, mas sem desconsiderar o rigor científico e metodológico.

Aproveito para agradecer por todas as contribuições que permanecem nos dias atuais, as quais utilizo na minha ação docente na rede pública de ensino e também na condição de discente de universidade pública. A seguir, citarei alguns exemplos dessas contribuições na minha formação:

- Utilização de citações em pesquisas acadêmicas, o chamado ACC – que significa anunciar, citar e comentar a citação mencionada;
- Organização da estrutura do artigo acadêmico, desde a como fazer a introdução até a elaboração da metodologia, do referencial teórico, da análise dos resultados e das considerações finais. Além disso, a senhora ensinou-me a elaborar perguntas para aplicar junto aos sujeitos da pesquisa;
- Outro ponto importante foi o Projeto de Vida, que se trata de como se organizar para estudar, sem deixar de viver socialmente. Nesse projeto, é importante que o discente faça os familiares compreenderem que a especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado são um projeto coletivo e não somente individual, visto que trará contribuições para a família de maneiras direta e indireta. Além disso, é relevante que o discente tenha um local apropriado para realizar suas leituras e escritas;
- Escrita e publicação do meu primeiro artigo em Anais;
- Por último, não posso deixar de mencionar que a senhora me orientou a como realizar uma prova escrita para a seleção de mestrado, com base no edital do PP-GEF UNILAB-IFCE/

Ainda sobre esse último ponto, posso dizer que tudo ocorreu bem, pois fui aprovado na seleção de mestrado, colocando em prática suas contribuições aprendidas na especialização e nas suas orientações, realizadas por um aplicativo de mensagem. Por sinal, sempre que precisei, a senhora estava disposta a contribuir com sua didática infalível.

Ademais, quero deixar registrado que tive o privilégio de tê-la como minha orientadora de mestrado. Quando fiquei sabendo que a senhora optou pelo meu projeto, fiquei muito feliz e com medo também (risos). Feliz porque já queria a senhora como orientadora desde a especialização e, com medo, pois se tratava da professora Maria Socorro Lucena Lima, uma das mais importantes professoras brasileiras, referenciada em vários trabalhos acadêmicos. Contudo, apesar do medo, tudo ocorreu bem. De certa forma, já tinha sido “preparado” desde a especialização, e, assim, o percurso do mestrado foi prazeroso e tranquilo, apesar da pandemia, que impossibilitou os encontros presenciais de orientações na universidade.

Hoje, no doutorado em outro estado, continuo colocando em prática o que aprendi com a senhora, conhecimentos que continuarei utilizando ao longo da minha trajetória acadêmica. Além disso, tento apresentar suas contribuições para outros colegas que se interessam pela academia.

Professora, estive na homenagem que fizeram à senhora na UECE. Que momento lindo e merecido! Na ocasião, fiquei refletindo sobre se a senhora tinha noção da contribuição que deixou para cada pessoa que estava ali presente, também para os que não puderam comparecer, para a educação brasileira, a universidade e as escolas. É verdade que todos os presentes e os demais tinham um pouco da professora Socorro Lucena, e, tenho

certeza, continuarão socializando e referenciando seus ensinamentos na universidade e na escola.

Para finalizar, quero registrar o carinho, o respeito e a admiração que tenho pelo seu trabalho, realizado com responsabilidade teórica, ética, estética e leveza pedagógica, aspectos necessários no trabalho docente. Dito isso, desejo que a senhora seja feliz nesse novo ciclo de vida.

Um abraço pedagógico,

Petrônio Cavalcante

Referência

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio na Formação de Professores: Unidade, Teoria e Prática?** 11 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FORTALEZA - CEARÁ, 15 DE SETEMBRO DE 2022

Professora Socorro Lucena,

Dirijo-me a você como professora, pois sei o quanto se orgulha dessa profissão. Sempre me disse que ser professor é algo lindo, dotado de nobreza, porque quem escolhe essa profissão, está acolhendo o sonho das pessoas, e completava dizendo: “eu trabalho com o sonho das pessoas”. Para mim, é a expressão mais fidedigna de amor à docência!

Assim foi, e ainda é, a sua vida. Em outras palavras, uma existência dedicada a ensinar e aprender. Uma mulher que não tem medo de desafios, disposta a aprender com a vida e com o outro. Não podia deixar de mencionar outra característica que tanto admiro: o sorriso, a capacidade de viver a vida com leveza e esperança no amanhã.

És uma pessoa que está sempre com um sorriso acolhedor e um olhar afetuoso. Portanto, foi acolhida por onde passou, seja nas escolas ou universidades, sei que algo de muito bom ficou em você desses lugares e pessoas. Prova disso são as lindas e verdadeiras amizades construídas nesses encontros por ocasião da profissão magistério. Tenho plena convicção do quanto essas narrativas são capazes de evocar a nossa memória afetiva.

Às vezes, fico a pensar quantos alunos e alunas tiveram o privilégio de aprender com você, dividindo as experiências do “chão da sala de aula”. Indago-me o quanto ficou de você em cada uma dessas pessoas. Para tanto, essas perguntas jamais serão retóricas, pois a vida, a memória, o sonho e, sobretudo, os afetos, bem como o que aprendemos nesta existência, estarão sempre além do mundo das coisas, das perguntas e respostas.

A vida é isso, continuidade, por vezes, descontinuidade, mas sempre em curso, seja nas experiências de vida ou na memória afetiva que nos permite estar aqui descrevendo o que sentimos por você: Maria Socorro Lucena Lima.

Falar sobre a professora Socorro Lucena, sem falar de sua “arte clandestina”, não teria sentido. Ademais, é essa arte que faz de você essa professora-artista, criativa, à frente do seu tempo. Quem conhece pelo menos um pouco dessa arte, sabe muito bem do que estou falando. Portanto, em cada cartão, mandala, quadro e folhas bordadas, há um pouco de si, da sua sensibilidade, personalidade criativa, forte e incomparável. Aprecio muito os cartões, sempre em datas comemorativas ou, até mesmo, no dia a dia, fui e sou presenteada com essa bela arte autoral. Gestos de carinho! Guardo-os com muito amor.

Compartilho a beleza e o colorido dessa arte através da exposição de um dos famosos cartões, o qual é datado de 2013. Quase uma década! Como o tempo passa... Porém, aquilo que guardamos desses tempos e das pessoas que amamos nos faz refletir o quão somos matéria e memória de nós mesmos.



Autoria: Maria Socorro Lucena Lima (2013).

Nessa dimensão criativa das produções artísticas, não poderia deixar de registrar o seu amor e dedicação à imagem do Divino Espírito Santo – mais uma das inúmeras peculiaridades que compõem o seu fazer e viver em arte. A arte nos ajuda a viver com leveza, alegria e, além de tudo, enxergar a beleza das pessoas. Como você costuma falar: “Ai de mim se não fosse a minha arte”. Complemento essas sábias palavras: ai de nós se não existisse a Arte. Socorro Lucena, você sempre foi e será uma amante e praticante das artes.

Ao reler essas breves palavras, percebi que descrevi somente o que há de bom, mas é assim que a enxergo, um ser humano cheio de bondade, pessoa incrível que a vida nos deu de presente. Fostes a vida toda alguém que sempre acreditou nas pessoas e na bondade delas. Tens um coração gigante, alegre e cheio de esperança! Obrigada.

Com admiração, amor, carinho e gratidão!

Regiane Rodrigues Araújo

QUERIDA PROFESSORA SOCORRO LUCENA,

Espero que no momento em que você tomar essa carta em suas mãos, esteja sentindo uma nova esperança no ar, vislumbrando dias melhores onde a educação a serviço da classe trabalhadora esteja no centro do debate! Sim, nossa luta continua com vistas a ultrapassar os tempos tão difíceis pelos quais estamos atravessando.

Socorro, imagino que Verônica, a nossa Verinha professora de Sociologia da UECE, minha irmã, nossa irmã, se por aqui estivesse escreveria uma carta para ti, falando de minúcias, delicadezas, mensagens sub-reptícias que fazem parte dos laços fraternos. Especialmente entre vocês, cujos laços se fortaleceram nos primeiros anos como professoras na FECLESC. Pude acompanhar algumas conversas de vocês, umas sobre didática, outras sobre o amor, a vida, os filhos, o cotidiano... A universidade uniu vocês, e dali nutriram sonhos, planejaram viagens, apresentaram trabalhos, compartilharam experiências!

Saiba, querida, que você com seu jeito maternal e acolhedor é uma referência na Educação do Ceará. Unindo teoria e prática, sempre buscando fazer de suas atividades um passeio pela Didática, apresentando o melhor de seu conhecimento para o Curso de Pedagogia da UECE.

Em relação ao seu coração materno, quero dizer que seu abraço-casa se espalha entre seus filhos e netos alcançando os filhos de suas amigas, alunas e quem mais chegar. Com o João, seu afilhado, filho da Veronica, não foi diferente. Quantos passeios, carinho, presentes, presença, você proporcionou a ele! Um dia lhe vi num supermercado exercendo com maestria seu papel de avó, e dali da mesa vizinha pude observar a riqueza daquelas horas. Esse cuidado você também levava para a sala de aula!

Querida Socorro, você é uma grande professora e um exemplo para suas alunas e alunos, e para nós, professoras e pro-

fessores, sabe? Suas lições foram aprendidas, deram frutos e hoje reverberam em salas de aula em escolas públicas nas redes estadual e municipal, nos IFs, na Universidade Estadual do Ceará, na USP, na UNILAB, nos corredores do CED, nos jardins do curso de Pedagogia, em várias cidades do sertão do Ceará...

Lembro de um dia em que te encontrei entre papéis coloridos, ramos de flores e pequenos papéis. O modo carinhoso com que você manuseava aqueles materiais, me chamou atenção e eu quis saber do que se tratava; então você alegremente me falou que costumava confeccionar cartões para presentear amigas e amigos. Que gesto bonito... aliás, naquela manhã mesmo você me presenteou com um cartão lindo que eu guardo até hoje! Essa conversa aconteceu numa das salas do PPGE, parte importante de sua trajetória, outra extensão de sua casa. Ao final da conversa você abriu uma caixinha e lá havia cartões de natal, de aniversário, com frases escritas em letras que pareciam um bordado! Lá se viam trechos de poemas que fortaleceram tantos laços fraternos. Uma delicadeza em tempos tão áridos!

Socorro, lembro também que você, num dos nossos encontros em frente ao PPGE, me falou que estava levando o ritmo corporal, a musicalização do corpo para dentro da sala de aula. E como seus olhos brilhavam em poder proporcionar um caminho diferente da didática que estava posta! Uma prática prene em originalidade e jovialidade sem esquecer da teoria.

Por falar nisso, a nossa grande e querida professora Susana Jimenez, sua orientadora de mestrado, sempre nos fala que não devemos temer a teoria! Sobre a escrita de sua dissertação, você me disse um dia, nos corredores do CH: “eu devia ter conhecido Marx há muito tempo” e prosseguiu falando com um largo sorriso que tinha sido apresentada ao marxismo por sua amada orientadora!

Enquanto escrevo essa carta, penso que não posso deixar de lembrar que você desbravou caminhos e após o mestrado se-

guiu para o Doutorado no Sudeste do país. Uma mulher valente, sempre estampando um sorriso no rosto, até mesmo diante de problemas sérios, você ia nos dando conselhos, apontando uma saída, nos incentivando a seguir em meio ao caos!

Admiro muito a sua trajetória, viu? Você sabe disso! Em terras do Sudeste, realizou pesquisas orientadas por Selma Garrido Pimenta, perfazendo um longo e brilhante caminho teórico-prático. Elaborações profícuas sobre estágio, prática docente, formação de professores, tanto do ensino básico quanto superior!

Fazendo uma busca nos livros publicados, a dupla Pimenta e Lima aparece inúmeras vezes, sempre com uma preocupação voltada para o estágio docente, estágio e docência! Esses escritos trazem a grandeza de sua produção em capítulos que revelam o conhecimento apurado sobre as instituições de ensino, entendendo a profissão docente como uma prática social através da qual abrem-se possibilidades de intervir na realidade objetiva.

Recorrendo a títulos de duas obras escritas por você e Selma Garrido, faço questão de dizer que as Lições de Estágio que deixastes como legado permanecem fecundas e se espalham de uma ponta a outra do país! E digo mais, minha querida: seus orientandos de TCC, bolsistas de pesquisa e extensão, orientandos/as de mestrado e doutorado foram e continuam sendo, Aprendizizes da sua Prática Docente! Sigamos, portanto, na luta contra o obscurantismo, contra os ataques à universidade, nos posicionando a favor da ciência, da arma da crítica, em nome da dignidade das mulheres, do povo preto, da população LGBTQIA+. Lutar sim, porque precisamos construir um mundo novo, uma nova sociedade!

Fraternalmente,

Ruth de Paula

FORTALEZA, 08 DE SETEMBRO DE 2022

Caríssima Socorro, como vai?

Escrever uma carta para você foi uma solicitação de amigos, colegas de nossa UECE. Entusiasmei-me para atender o pedido, pois o destinatário proposto é uma “cumadre” muito querida, uma companheira de muitas jornadas de compartilhamento de saberes, de ensinamentos e aprendizagens. Entre as tantas memórias, recordo e destaco uma delas, ou seja, quando nos preparávamos para fazer uma viagem de trabalho e, no curso da conversa, você se posicionou dizendo: “gente foi feita para ser feliz”. Pensar sobre essa ideia nos induz a acreditar que a felicidade é um direito universal, um usufruto de toda a humanidade e, você tem razão. Essa lição nos fez e faz refletir sobre a nossa parcela individual e coletiva de responsabilidade para o alcance desse direito – ser e fazer feliz. O cumprimento dessa tarefa faz brotar o sentimento da amorosidade necessária entre humanos para alcançar o desejo de ser partícipe dessa ideia.

Cumpre afirmar que dos saberes construídos no curso de minhas experiências, acumulo muito do que aprendi com você. A sua singularidade faz de você uma professora muito especial, um exemplo a ser seguido – é isso que você é.

Querida mestra, você tem o dom de, com maestria, ser leve para transmitir conhecimentos no exercício da docência. Penso que seja a professora que muitos outros professores gostariam de ser. Posso afirmar, se possível fosse clonar bons mestres, seria eleita para cumprir desejo dessa natureza. O seu perfil reúne atributos indispensáveis para essa finalidade, assim creio. Culta, sabida, mas dotada de uma humildade que contagia os que se aproximam de você. Concordas comigo?

Amiga, companheira, sensata, alegre, verdadeira em qualquer situação, uma grande guerreira. A sua história carrega a força de sua luta e de seu sucesso consigo própria, com seus filhos e também com seus alunos e amigos. São muitas as razões para ser tão querida. Elencá-las não seria fácil, por isso resumo para fraseando Cora Coralina: Você fez “a escalada da montanha da vida removendo pedras e plantando flores”. Destas flores, muitas eu recebi e agradeço-lhe, enviando para reflexão um poema de Mário Quintana.

O Tempo

A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.

Quando se vê, já são seis horas!

Quando de vê, já é sexta-feira!

Quando se vê, já é natal...

Quando se vê, já terminou o ano...

Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.

Quando se vê passaram 50 anos!

Agora é tarde demais para ser reprovado...

Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.

Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas...

Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo...

E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo.

Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.

A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará.

Amiga, que possamos seguir em frente por muitos anos cantando, sorrindo e plenas de felicidades.

Dê notícias. Despeço-me desejando-lhe muita saúde e paz. Deus lhe abençoe.

Da sua “cumadre”,

Silvina Pimentel Silva

FORTALEZA-CE, 15 DE SETEMBRO DE 2022

Querida Comadre Socorro Lucena,
Saudações!

Começo essa minha escrita rememorando que uma das práticas que Paulo Freire utilizava para dialogar com o mundo, era a do registro de suas ideias em forma de cartas a partir das reflexões de suas vivências. Para ele “o momento de escrever se constitui como um tempo de criação e de recriação, [...] O tempo de escrever, diga-se ainda, é sempre precedido pelo de falar das ideias que serão fixadas no papel” (FREIRE, 2020, p. 54). Nesse sentido, a sistematização da escrita dessa carta se deu para homenagear as vivências que tive com você, como bem expressava Paulo Freire, a carta pedagógica precisa estar ensopada de emoção.

Confesso que, para mim, é uma alegria escrever a você, que através de sua trajetória pessoal e profissional impactou tantas vidas ao seu redor. Apesar de tê-la conhecido ainda na graduação através de seus textos sobre Didática e Estágio Curricular Supervisionado, só tive o privilégio de partilhar da sua companhia no ano de 2017, quando, já aposentada da Universidade Estadual do Ceará (UECE), passou na seleção para Professora Visitante na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Os estudantes dos cursos de Licenciatura do ICEN/UNILAB ficaram encantados com sua sabedoria, competência, amorosidade e preocupação com o desenvolvimento de suas aulas para além da mera explanação dos conteúdos, mas sempre voltadas para a emancipação humana (FREIRE, 1987). Rapidamente você passou a ser a “Musa do ICEN”, carinhosamente chamada de **SOCORRAINHA**.

A cada evento desenvolvido na UNILAB, especialmente sobre o Estágio Curricular Supervisionado, você oportunizava ricas experiências formativas tanto para discentes quanto para docentes que a viam como uma pesquisadora sempre disponível a contribuir com o exercício da profissão docente fundamentada numa teorização da prática, em busca da consecução dos objetivos propostos em forma de ação colaborativa.

As produções elaboradas com a Profa. Selma Garrido Pimenta nos brindam com inúmeras possibilidades de pensarmos sobre a nossa prática pedagógica a partir da preocupação com a articulação entre teoria e prática e a possibilidade de Formação Contínua em que se faz numa circunstância de reflexão e de ressignificação de saberes da prática docente. Ou seja, que “a formação docente faz-se pelo trabalho de reflexão crítica sobre a prática pedagógica, a realidade, a fundamentação teórica estudada, bem como pela reconstrução permanente da identidade pessoal e profissional” (LIMA, 2001, p. 58).

A partir das leituras que faço dos seus textos sou sempre convidada a considerar a importância de estudar a prática pedagógica compreendendo a Pedagogia como ciência da educação, enquanto prática social e a Didática, como área da Pedagogia, que se preocupa com os fenômenos do ensinar e do aprender.

Escrevendo esta carta foi inevitável não lembrar das nossas idas e vindas de Redenção, muitas vezes com as paradas para um delicioso café na casa do Elcimar ou os almoços regados a galinha caipira com pirão na estrada voltando para Fortaleza ... Hummm... quantos ensinamentos eu fui presenteada! Você sempre cantarolando ou compartilhando experiências de vida e formação que eu levarei sempre guardadas em meu coração.

Com você conheci o livro *Ciranda das Mulheres Sábias*, da Clarissa Pinkola Estés. Com essa autora conheci o fundamento

do nome **Comadre**, que em espanhol, esse termo significa algo semelhante a “eu sou sua mãe e ao mesmo tempo você é minha mãe”. É uma palavra usada para descrever a relação íntima entre mulheres que cuidam uma da outra, de uma forma na qual a alma está sempre incluída; às vezes ela é o assunto da conversa, e às vezes é com ela diretamente que se fala. Presenteada com sua amizade, agora sou sua **Comadre!**

A essência do compadrio partilhados com os colegas Elisângela André e Elcimar Martins, sonhamos juntos com a criação de um Mestrado em Ensino que pudesse se constituir um espaço por excelência da formação para a docência. A partir da necessidade de fortalecer a pós-graduação *stricto sensu* da UNILAB, elaboramos a proposta do Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente associados com Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).

Em 2021 formamos os primeiros mestres do Programa Associado em Ensino e Formação Docente (PPGEF UNILAB-IFCE), e muitos dos nossos egressos já estão no doutorado. Certamente, os mestres que você ajudou a formar levam em suas trajetórias sonhos, projetos de vida que foram emoldurados através do que aprenderam com você.

Encerro esta carta lembrando de uma música do Flávio José que você amava cantar no carro depois de um cansativo, mas feliz dia de trabalho na UNILAB: “Se avexe não, amanhã pode acontecer tudo, inclusive nada. Se avexe não, a lagarta rasteja até o dia em que cria asas. Se avexe não, que a burrinha da felicidade nunca se atrasa. Se avexe não, amanhã ela para na porta da sua casa. Se avexe, não toda caminhada começa no primeiro passo. A natureza não tem pressa, segue seu compasso, inexoravelmente chega lá. Se avexe não, observe quem vai subindo a ladeira, seja princesa ou seja lavadeira pra ir mais alto, vai ter que suar.”

Com essa música aprendi que não adianta se “avexar”, a vida merece ser vivida com intensidade, sabedoria e leveza deixando lindas sementes para serem regadas, especialmente na Formação de Professores.

Minha gratidão a você, **Comadre!**

Forte abraço,

Sinara Mota Neves de Almeida

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **A hora da prática: reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente**. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

CARTAS A SOCORRO LUCENA:
MEMÓRIAS DE AFETO E RESISTÊNCIA DE UMA EDUCADORA CEARENSE



CARTAS A SOCORRO LUCENA:
MEMÓRIAS DE AFETO E RESISTÊNCIA DE UMA EDUCADORA CEARENSE



240



FORTALEZA, 27 DE SETEMBRO DE 2022

Amada professora, amiga querida, mestra inspiradora,
Socorro Lucena,

Revisitei momentos lindos, poéticos, de luz e esperança, de cuidados e de força, de sua influência direta, para que eu alcançasse o tão sonhado lugar na vida, investindo e acreditando na profissão e na formação. O cenário era nossa Juazeiro do Norte, entre idas e vindas de romeiros e festas de romarias, entre promessas e crenças, de benção e unguentos das sábias benzedeiros da rua do Horto, você me acolheu com serenidade e verdade, cuidando das histórias de tantas mulheres meninas, assim como eu, que sonhavam sonhos de aprendizados profissionais, para melhorar de vida, por uma outra vida de oportunidades.

Como você sempre nos ensinou “*o diploma de professora é a chave da realização profissional, do sustento material, da materialização do sonho, da vida digna, do reconhecimento e distinção social*” que marca a vida das mulheres educadoras. Aprendi a ouvir e acolher essa frase como um mantra, que repercutiu nas escolhas que nortearam minha decisão pelo magistério. Essa escolha inspirou-se em você, em sua trajetória, nos valores e princípios que defendeu como professora e gestora, na forma como se posicionou inúmeras vezes em defesa da docência como oportunidade, como forma de vida digna, como possibilidade de realização pessoal, como estratégia de inserção e valorização social. Você sempre acreditou na docência como um campo de muitas possibilidades, assim como nos orientou a investir na carreira, para lograr valorização e reconhecimento, destacando... “*quem não tem um grande capital deve tudo investir num edital*”.

Nos conhecemos no início dos anos 1970, quando o Ginásio Polivalente Presidente Geisel foi inaugurado em Juazeiro do Norte. A memória traz de volta as cenas daqueles dias, quando um carro de som anunciava nas ruas da cidade, que seria inaugurada em Juazeiro, a melhor escola de todo interior do Estado, com os melhores e mais qualificados professores, você era uma delas. Aquela escola era o sonho de todos nós, pois representava, naqueles anos difíceis, a oportunidade de educação e formação que vinha sendo negada e negligenciada, sobretudo em razão de sua proposta pedagógica para a época, instituindo a profissionalização para os filhos dos trabalhadores já no ensino de 1º grau (Ginásio), com tempo de formação ampliado, o que hoje denominamos “*tempo integral*”. Hoje compreendemos que essa ação de política educacional tinha seus equívocos porque cerceava outras oportunidades para essa população, historicamente segregada, excluída, esquecida; no entanto, naquele período, estudar no POLIVALENTE era a materialização de um sonho muito especial.

Os quatro anos de Ginásio nos revelou uma professora diferente das demais, pois para os padrões pedagógicos vigentes, você subvertia a ordem com suas aulas pautadas na poesia e na música, na alegria e no diálogo, em pleno período do mais ferrenho controle pelas autoridades militares instaladas no País. Você também subvertia a natureza pedagógica da aula tradicional, pois nos colocava lado a lado, olho no olho, para falar e escutar, uma escuta solidária e acolhedora das dores e dramas das meninas/meninos que éramos vindos do Horto, Salgadinho, Salesianos, Pirajá, Pio XII, dentre outros bairros da periferia de uma cidade que se agigantava dia após dia.

Foi dolorido me despedir de você e da escola, após os quatro anos de ginásio, deixar para trás o POLIVALENTE, seguir

para o ensino médio, pois ali vivi experiências de aprendizado e desenvolvimento que eram exclusivos daquele ambiente, mobilizados por aqueles professores. Tãmanha foi a alegria quando a encontrei, na Escola de 2º grau Gov. Aduuto Bezerra, no 1º ano científico, como professora de língua portuguesa e literatura. Eu conhecia sua didática e me sentia privilegiada, continuaria recebendo uma formação qualificada e diferenciada, pedagogicamente, naquela época.

Minha admiração se fortaleceu, assim como a escolha pela docência. Seguimos no 2º grau e depois no Curso Normal, onde me diplomei professora primária, na mesma escola. Acompanhãvamos, simultaneamente sua evolução no magistério local, assim como se deu a minha inserção no mesmo, por meio de experiência como bolsista de monitoria na Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor – FEBEMCE. Continuamos como aprendiz e mestra por longos anos, você nos ensinava lições para e sobre a vida, ensinamentos de resistência e sobrevivência, estratégias de luta para um cenário marcado pela exclusão.

E, com milhões de memórias da sua influência, orientação, cuidados e atenção gostaria de destacar uma em especial, nesta oportunidade de sistematização de sua história de docência, ou seja, compartilhar nesta missiva, uma fase plural e fundamental da história da SOCORRO, pouco conhecida, de uma mulher completamente a frente do seu tempo, que contrariou e subverteu muitas lições consolidadas na sociedade cariense e juazeirense, firme na decisão de contribuir com a sobrevivência de mulheres e meninas, muitas destruídas pelo efeito nefasto do alcoolismo.

Era 1985, quando você me convidou para frequentar as reuniões do AL-ANON/AL-ATEEN, pois conhecia a minha dor e da minha família, o quanto essa ferida comprometia minha luta

pela formação e desenvolvimento profissional. Já trabalhava no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, como professora. Seu cuidado e orientações foram fundamentais para a minha permanência naquela instituição, esse engajamento estava inter-relacionado ao meu desenvolvimento psicológico e emocional diante dessa questão. Lutávamos, na mesma trincheira, por pessoas que amávamos e desejávamos que ficassem “*livres do primeiro gole*”.

Você enfrentou o preconceito e a discriminação, como coordenadora daquele grupo, por um bom tempo, tomou aquela ação como bandeira de diálogo, inclusão e fortalecimento para aquelas mulheres. Se expor tinha os riscos de exclusão, mas você os enfrentou, pois as repercussões das experiências vivenciadas, das lágrimas e dores compartilhadas, da superação externada nas narrativas, do quanto tudo nos fortaleceu para continuar lutando, por nós mesmas e por nossos familiares alcoólatras, era o que, de fato, lhe importava.

Seu projeto era para aquelas mulheres simples, semialfabetizadas, feridas na alma pelo alcoolismo, em absoluta vulnerabilidade familiar e social, sofrendo com a segurança alimentar e física de si mesmas e de suas famílias. Elas confiavam em você o entendimento e a compreensão sobre os ensinamentos propostos na literatura do AL-ANON. E você nos explicava serenamente, orientava para o trabalho, para o estudo, na direção de buscar, para nós mesmas, uma vida para além dos efeitos danosos do alcoolismo.

Seus estudos e sua docência tornavam-na mais humanamente envolvida com tais causas, pois não apenas identificava, sobretudo acompanhava e orientava os estudantes nas escolas onde atuava, na condição de professora, a sobreviver ao caos e a dor. E a vida ia se transformando pela poesia, pela música, pelas

narrativas de dor e prazer naquelas rodas de conversas, diálogos e parcerias, que você nos dizia “*estamos construindo essa ciranda de mulheres sábias*”, sábias porque queremos sobreviver ganhando mais essa batalha. De forma sensata e ética tratava aquelas questões, plantando nas nossas memórias afetivas sentimentos de gratidão para sempre.

Novos grupos foram criados sob sua orientação, entretanto, outros projetos profissionais ocuparam seu tempo, você não era mais a menina de Aurora que veio como romeira morar no Juazeiro, para estudar e se formar professora primária no Colégio Nossa Senhora de Fátima, em Barbalha. O nome havia ultrapassado as fronteiras do Cariri e se expandido por outras regiões do Estado, conquistando outros espaços e relações.

Por toda sua história comigo, com outras mulheres juazeirenses, com outros estudantes que superaram as excludentes condições de vida somos **gratidão** a você, Socorro... por tudo, sobretudo por ter abraçado e cuidado de nós, vulneráveis e esquecidas, por apoiar e fortalecer o AL-ANON/AL-ATEEN – as mulheres, a educação, a formação e a carreira das professoras; por ter nos ajudado a viver, a superar, a acreditar. Sua história deu aos juazeirenses, sobretudo as mulheres, particularmente, as que se dedicaram ao magistério, importante contribuição na composição do mosaico da educação da terra abençoada pelo Padre Cícero.

Sua história docente será sempre lembrada com gratidão, sua ação como mulher e na docência será sempre inspiração.

Com carinho

Tania Lopes

EUSÉBIO, 28 DE SETEMBRO DE 2022

Querida professora Socorro Lucena,

No ano de 2016 resolvi voltar à Universidade com o objetivo de me aproximar da academia e assim retomar meus planos de concorrer a uma vaga no curso de mestrado em Educação. Algo que sempre almejei desde a época de graduação, mas que, por várias intempéries da vida ficou esquecido no tempo. Esse retorno se deu através do curso de especialização de Formação de Professores e os Processos de Coordenação Pedagógica na Educação Básica e no Ensino Superior que tinham como coordenadoras e professoras a senhora e a professora Dra. Maria Marina Dias Cavalcante.

Foi no primeiro dia de aula que a conheci e me encantei com tanto conhecimento, simplicidade, prazer no que estava fazendo e na profissão que havia escolhido para vida. Posso dizer que você me apresentou uma professora humana e inspiradora. As aulas sempre como muitos diálogos em torno dos referenciais teóricos que acabaram possibilitando a compreensão das categorias Educação, Pedagogia, Didática e Formação Continuada e isto despertou meu interesse por estudos acerca da formação continuada de professores do ensino fundamental que na época me conduziram ao ingresso no Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade Estadual do Ceará e ao encontro com a temática que se vinculava de forma ampla à linha Formação, Didática e Trabalho Docente e, de forma específica, ao núcleo de Didática, Saberes Docentes e Práticas Pedagógicas que a senhora é uma das professoras integrantes.

As aulas ministradas pela senhora, sempre tecidas de muito carinho e afeto nos mostravam uma teoria não apenas como

prática, mas como prática libertadora, como espaço de cura, de modo a considerar as experiências como meio, como elo constitutivo entre teoria e prática, bem como nos permitia refletir que ser professora é importar-se com o outro, com a prática docente, com a construção do fazer pedagógico de maneira crítica e reflexiva e para estarmos em condições de materializar uma prática pedagógica que provoque ressonância nos estudantes, precisamos ter a humildade de admitir que nunca estamos prontos como professores. Devemos nos lembrar de que, “não nascemos marcados para ser professores” (FREIRE, 1991, p. 58). Vamos nos tornando o que somos no “corpo das tramas, na reflexão sobre a ação, na observação atenta a outras práticas, na leitura persistente e crítica. Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte” (FREIRE, 1991, p. 58). Como é interessante o seu compromisso, depois de tantos anos dedicados a educação, de seguir reinventando-se, resignificando-se, de recusasse o lugar de burocrata e de administradora ao qual muitos profissionais da educação são reduzidos pelas circunstâncias nas quais atuam.

Como foi importante seus depoimentos na defesa de que nós, professores, mesmo na educação básica, devemos nos lembrar de que, se lidamos o tempo todo com o conhecimento, também podemos produzi-lo e não apenas reproduzi-lo. Podemos e devemos nos colocar como intelectuais, pois de forma crescente, as políticas educacionais brasileiras vêm sofrendo influências de organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Banco Mundial, reduzindo a compreensão do papel dos educadores e sua formação à dimensão técnica, restrita à elaboração de estratégias que permitam chegar mais rápido aos melhores resultados possíveis, sem preocupar-se com questões sociais, culturais, eco-

nômicas, históricas e identitárias dos sujeitos das práticas educativas. Essa redução distancia os educadores das possibilidades de leitura crítica da realidade na qual se insere a sua profissão, dificultando a compreensão do todo, do fazer de seu trabalho e promovendo processos de alienação (LIMA, 1995). Convém ressaltar que mesmo diante das tensões mencionadas, há, ainda, a possibilidade de construção de espaços de reflexão e de crítica promovidos por uma formação “[...] a serviço da reflexão e da produção de um conhecimento sistematizado, que possa oferecer a fundamentação teórica necessária para articulação com a prática criativa do professor em relação ao aluno, à escola e à sociedade” (LIMA, 2001, p. 32).

Outro ponto de extrema importância debatido pela senhora, diz respeito a sua defesa da profissão professor porque é fato que sentir prazer exercendo a docência pode, às vezes, soar estranho, em especial, em um país como o nosso, onde nós somos pouco valorizados. Não podemos esquecer que se a educação ainda é possível, num mundo que tanto espera dela, e quando há tantos descontentes que se esforçam para nos mostrarem a sua deterioração, é porque acreditamos na possibilidade de a redescobriremos. Neste sentido, ancoramos nas ideias de Fiorentini (2008) quando afirma que “a docência é uma profissão que tem início antes de ingressar na licenciatura, estende-se ao longo de toda sua vida profissional e acontece nos múltiplos espaços e momentos da vida de cada um, envolvendo aspectos pessoais, familiares, institucionais e socioculturais” (FIORENTINI, 2008, p. 4-5).

Portanto, é possível perceber na sua trajetória profissional, professora Socorro Lucena, a defesa de uma educação como prática da liberdade, recusando, deste modo, a ideia de uma concepção ingênua de educação, que acredita no conhecimen-

to e no fazer pedagógico como algo neutro, transparente e sim compreendê-la como parte de uma política cultural, reflexiva e transformadora.

A aposentadoria é um momento específico da carreira do trabalhador. Para alguns, pode ser vivido simplesmente como uma etapa final da vida profissional; para outros, pode ser um momento de repensar os projetos de vida, como a senhora mesma nos falava nas aulas da pós-graduação: *que estava se preparando para o dia em que, definitivamente, teria que se afastar da sua profissão, refletir sobre como seria viver sem exercer a atividade desempenhada por anos*. É uma etapa, talvez, vivida de maneira mais conflituosa. No entanto, que a sua aposentadoria possa ser vivenciada não como uma despedida do mundo do trabalho, mas como uma possibilidade de novos encontros com outras atividades que lhe proporcionem alegria de realizá-las.

Tereza Cristina Lima Barbosa

Referências

FIorentini, Dário. A pesquisa e as práticas de formação de professores de Matemática em face das políticas públicas no Brasil. *Bolema*, n. 29, p. 43-70, 2008.

FREIRE, Paulo. A educação na cidade. São Paulo, Cortez, 1991.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **A formação contínua do professor nos caminhos e descaminhos do desenvolvimento profissional**. 2001. 169 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **O estágio supervisionado como elemento mediador entre a formação inicial do professor e a educação continuada.** 1995 138 f. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1995.

FORTALEZA, 15 DE SETEMBRO DE 2022

Querida professora Socorro Lucena,

Espero que esteja bem ao ler esta carta. Venho por meio desta reiterar sentimentos já expressos em escritos, falas e momentos compartilhados com a senhora e com todos aqueles com quem dialogo acerca de minha experiência como mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi, sem dúvidas, a experiência acadêmica mais inusitada de minha vida, pois ocorreu em formato não presencial em decorrência da recomendação de afastamento social para o controle do vírus SARS-CoV-2, causador da COVID-19.

Acredito que, para compensar esse infortúnio, o Divino me abençoou com um anjo, designando-o para ser minha orientadora na dissertação de mestrado e, hoje, de minha tese de doutoramento. Nossa parceria foi sendo desenhada com muito esmero, com traços de poesia, arte e risadas, muitas risadas para manter a sanidade. Não me esqueço de suas palavras: “vamos achar graça das coisas, porque para a COVID vai ter remédio, mas para a cabeça fraca e doente não tem”.

Quando soube que fui selecionada para ser sua orientada no mestrado, fiquei lisonjeada e, ao mesmo tempo, apreensiva. Não me via capaz de fazer parte da história da Profa. Socorro Lucena, pesquisadora e educadora renomada nacionalmente. Mas a senhora foi me fazendo perceber que sua competente e exitosa carreira está assentada na generosidade, humanidade, gentileza, compromisso, sensibilidade e, sobretudo, na capacidade de reconhecer nos outros aquilo que eles próprios desconhecem.

252

Tenho nítida na memória a lembrança de nosso primeiro encontro, quando nos reunimos para tratar sobre o meu projeto de pesquisa. A senhora, entre sorrisos, disse que primeiro queria saber mais de mim e da minha história. Conversamos longamente e, em meio de tantos assuntos abordados, mostrou-me uma mandala. Disse que eu fizesse uma para mim. Nela, eu deveria indicar ações de curto, médio e longo prazo para aspectos relevantes, como: família, saúde, lazer, afetos, religião, finanças e estudos. Na mesma ocasião, falou que uma visita à “Dona Maré” – ir à praia – seria importante e eu deveria inclui-la na minha rotina mensal ou sempre que desejasse, a fim de revitalizar as energias. Naquele encontro, na forma afetuosa e generosa como fui acolhida, percebi que os ensinamentos não iriam se restringir ao campo acadêmico, mas se estenderiam à minha caminhada pessoal. A senhora compartilhou comigo sua história, suas marcas, marcos e direcionamentos adotados para suas conquistas. Sinto-me honrada pela confiança e crédito investidos em minha pessoa. A convivência com a senhora representa muito para mim.

Mais adiante, nos encontros por meio de chamadas de vídeo, Google Meet, chamadas telefônicas e pessoalmente, fomos percebendo afinidades. A história familiar, nossa crença religiosa, as escolhas de atividades de lazer, o gosto pelo artesanato e pelo forró são exemplos dessas afinidades. Essas são algumas das muitas coisas simples que nos encantam a vida e reavivam nossas cores.

A senhora embelezou meus dias em muitas ocasiões, enviando-me imagens de seus cartões feitos com materiais que seriam descartados e que, para muitos, já não representam nenhum valor e beleza. Numa sensibilidade que lhe é própria, transforma esses materiais em fonte de beleza e nos fala ao coração, na expressão incontestável de que a beleza habita na simplicidade. A

senhora tem o dom de transformar materiais “sem utilidade” em algo primoroso, assim como tem o dom de nos fazer acreditar que podemos produzir uma pesquisa tão elaborada quanto sua arte.

Quando recebi uma mensagem sua com um trecho de um escrito de Leonardo Boff no livro *Saber cuidar*, fiquei muito emocionada, pois havia lido esse livro em 2004 e guardei registrado o mesmo trecho que a senhora destacou e me enviou. Segue o trecho para reanimar nossas memórias: “Cuidar é mais que um ato, é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro” (BOFF, 1999, p. 12). Sinto que fui e sou muito bem cuidada pela senhora. Suas atitudes genuínas de preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo comigo me conduziram no percurso acadêmico, amparam-me e me mostraram as possibilidades para continuar caminhando, mesmo quando meu olhar não conseguia vislumbrar com precisão o percurso.

Conseguimos concluir com louvor a primeira fase de nosso trajeto juntas. Vencemos as diversidades e contratempos que foram surgindo no decurso do estudo programado, resultando em nosso relatório de dissertação. Agora, estamos em uma nova etapa. Sinto enorme gratidão por poder permanecer por mais quatro anos bebendo de sua fonte de luz e de sabedoria. A senhora, professora Socorro, marcou sua passagem em minha vida, semeando humanidade, confiança em si e nos outros, fortaleceu minha fé no Divino.

Sigo exercitando e tentando aplicar, na prática, os seus ensinamentos. Sem mais para o momento, despeço-me evocando a generosidade do nosso Divino para que esteja sempre ao seu lado, zelando e protegendo-a.

Um grande abraço de sua orientanda, amiga e admiradora.

Vilene Cordeiro Nunes

Referência

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

SÓ DOIS MINUTOS NÃO DÁ!

Só dois minutos não dá!

Artista, pintora, desenhista, apreciadora de música, poetisa, texto maravilhoso, uma sagacidade absoluta. Como é que eu vou falar isso tudo em 2 minutos?

Eu acho que é melhor jeito de falar da minha mãe, é falar daquilo que ela permitiu que os outros fossem, porque a minha mãe sempre foi muito generosa. Ela permitiu que os outros fossem aquilo que eles gostariam de ser e isso não tem preço. Não tem dois minutos que caibam!

Ela permitiu que os sonhos de todos nós, não só seus filhos, mas todos os seus alunos, pudessem de alguma maneira se tornar realidade. Permitiu que nós pudéssemos examinar as nossas histórias de vida e nos tornar protagonistas da nossa própria história. Então, para que esse vídeo (depoimento) não fique longo, eu só tenho a dizer que eu sou uma das pessoas mais abençoadas do mundo, não só porque eu conheci a minha mãe, não só porque eu sou filho dela, mas porque pude estar com ela nesses últimos anos.

Mãe, quando a senhora ver isso, saiba, a senhora é absolutamente maravilhosa!

Te amo muito! E assim que der, estou aí em Fortaleza.

Valberto Filho

QUE ALEGRIA PODER TE HOMENAGEAR, SOCORRO!

A professora Socorro Lucena. A professora que vive em estado de poesia. A professora que também é mãe, é filha, é avó, é mulher, é amiga e comadre. A professora que luta por uma Didática situada, por uma Didática crítica, por uma Didática em permanente estado de alerta e faz tudo isso sem perder a poesia do bem viver. A poesia bonita que enche os dias de arte, de sorrisos e gracejos e também de mandalas.

Obrigada por ter me ensinado tanto, obrigado por ter me permitido ser aluna, ser amiga e sobretudo hoje ser sua colega de profissão

Beijos!!!!

Socorro França

SOBRE CONVERSAS E CARTAS: UMA DELÍCIA CONVERSAR COM VOCÊ

E as conversas rolavam soltas e era uma delícia conversar com você. Eu sempre notei o seguinte que você trazia o sertão para o mundo de cá e levava esse mundo de cá para o sertão, com essa dialética foi sempre uma marca muito forte em você e com isso você ressignificou, você trouxe trabalhos, trouxe compreensões muito importantes para a formação dos professores, para os estágios, para aquela vida cotidiana do professor. Me lembro sempre das suas histórias, tinha sim sempre aquele pé calcado nas raízes do seu espaço de trabalho e eu sempre achei muito bonito, assim como me encantei você sabe disso, quando você me contou que fazia o trabalho de formação de professores por meios de cartas. Então eu insisti para você fazer disso um artigo, você fez, eu consegui publicar...

Maria Amélia Santoro Franco

VOCÊ DISTRIBUIU FLORES, MANDALAS, CONHECIMENTOS E AMOR AO LONGO DA SUA CAMINHADA

Socorro querida,

Grande dia! Grande quinta-feira, quando você recebe as homenagens merecidas de todos e todas que te querem, que convivem com você ao longo da sua caminhada e com quem você tanto contribuiu ao longo do percurso, não é?!

Fico muito contente de poder te dar aqui um breve depoimento de como sou testemunha da sua trajetória durante o tempo em que estive conosco na USP.

Você fazia o seu doutorado com Selma e me lembro que depois de acabar com a as suas lidas diárias de doutoranda, você ia se reunir com os meninos do CRUSPI, os estudantes que mantinham um cursinho voluntário, popular, para ajudar os meninos da periferia a entrarem na universidade.

Então, este é um grande dia! Quando eu passo em memória essa nossa caminhada, você é como definiu Lula nessa semana, uma verdadeira mascate, ou seja, a mascate das ideias pedagógicas, dos saberes da vida, das trocas e partilhas, sempre com um carinho imenso, sempre com uma dedicação enorme.

Você distribuiu flores, mandalas, conhecimentos e amor ao longo da sua caminhada. Então, hoje estar aqui com você pra te abraçar, mesmo que de longe, é uma alegria imensa pra mim.

Espero que você continue usufruindo do carinho, da presença, do afago de todos que te amam muito.

Um beijo enorme minha amiga.

Tudo de bom que a vida possa lhe dar.

Maria Isabel de Almeida (Bel)

VIVER E NÃO TER A VERGONHA DE SER FELIZ

Eu vim fazer uma declaração de amor. Eu vim fazer uma declaração de amizade, que é o único espaço em que há a igualdade na diferença, aquilo que é a justiça.

Eu vim fazer uma declaração de amizade pra Socorro, querida.

Viver e não ter a vergonha de ser feliz, quando a gente ouve isso, a gente é claro lembra do Gonzaguinha, mas lembra muito mais de Socorro Lucena, que tem partilhado conosco há tantos anos essa mensagem, esse ensinamento de ir à vida, procurar ser mais, ser um eterno aprendiz, ter a alegria de ser um eterno aprendiz.

É isso que a gente aprende com Socorro, que traz o seu saber saboroso, esse saber arretado de cearense pra poder ampliar a nossa vida, estender a nossa educação, ser mais.

Como diria Paulo Freire, eu vim fazer uma declaração de amizade Socorro querida e agradeço isso que você tem nos dado por tanto tempo.

Grande beijo, amiga.

Terezinha de Azedo Rios (Tê)

AFINAL, PARA QUE SERVE O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES?

Alegria muito grande estar aqui com vocês hoje nesta merecidíssima homenagem que o Centro de Educação da UECE faz para a nossa queridíssima professora Socorro Lucena.

Socorro e eu temos uma longa história de relacionamento intelectual, mas, sobretudo, afetivo humano.

Conheci Socorro em Limoeiro do Norte, olha só, no início dos anos de 1990, quando estive lá fazendo uma palestra e ela se aproximou de mim e me fez uma série de indagações que eu parei, refleti e pensei naquele ato que eu tinha encontrado uma parceira para as questões e para as dúvidas que nós tínhamos e que era: “afinal, para que serve o estágio na formação de professores. Será que ele é essa coisa instrumental de que o estudante vai aprender a prática? Mas o que é mesmo essa prática? E como o estágio era tão depreciado, em geral, nos cursos de formação de professores?” Aí começou a nossa parceria em que nós fomos, então, construindo essa concepção e teoria sobre o estágio e que, no estágio, na verdade, ocorre a unidade teoria e prática na formação de professores. Assim, a práxis é um conceito fundamental. E ainda, o desenvolvimento do estágio a partir do começo do curso e sendo trabalhado na forma de pesquisa, pesquisa da realidade, essa concepção crítica do estágio correu o Brasil e está hoje praticamente institucionalizada.

Todo lugar onde você vá, vai encontrar professores preocupados com a questão do estágio que terão como referência aquilo que se tornou depois o nosso livro em conjunto: “Estágio e docência”. Mas entre aquele encontro e esse livro, muita coisa

aconteceu. Socorro defendeu sua tese, primeiro no mestrado no Ceará, depois o doutorado aqui na USP, comigo. Na sequência, logo depois, ela fez também o pós-doutorado.

Mudou para São Paulo durante um período em que seus filhos eram adolescentes... Então, foi uma mulher muito corajosa também por isso, porque esta cidade não é simples e não é fácil, mas ela desenvolveu uma paixão por São Paulo. Muito ancorada nesta afetividade que ela trouxe para cá, para o nosso grupo de pesquisa, o Gepefe, que eu coordeno junto com o Fusari e Maria Isabel de Almeida. O afeto que foi mobilizando a nós todos e todas para nos tornarmos um grande grupo em que, principalmente, a solidariedade é o que nos movimenta.

Pessoalmente, a Socorro me trouxe muita alegria, muitos momentos de alegria, mas também muitos momentos em que ela, já minha amiga, foi me ajudando a resolver muitas questões, não apenas as de natureza teórica, intelectual, mas sobretudo da vida, da vida que a gente veio partilhando durante esses longos, já mais de trinta anos.

Então, estar aqui hoje com vocês e com seus orientandos recentes, com os seus amigos e as suas amigas, com Marina, que ela também nos apresentou e se tornou membro do Gepefe, posteriormente trazendo Elcimar e Elisangela, bem próximos aqui, os três fazendo pós-doutorado aqui junto ao grupo do Gepefe e que foram se tornando, ampliando essa solidariedade, essa parceria, essa confiança de trabalho, de convicções, de valores, tão necessários e tão importantes sempre, e que nesses anos que estamos vivendo, no momento presente, no avanço do neoliberalismo, em que o individualismo prepondera sobretudo, contar com esta solidariedade é um privilégio. E aqui, tantos e tantas amigos e amigas, que ela foi construindo neste grupo e nesta cidade de São Paulo.

Um grande abraço, querida Socorro! Do meu coração, lá do fundo, muito, muitíssimo obrigada! Continue firme porque muita coisa ainda há por ser feita na educação desse país e você ainda tem muita garra e muita energia para seguir adiante com a sua turma que você construiu aí junto ao PPGE UECE, que eu tive a grande honra de fazer a aula inaugural. Lembrem-se aí com João Batista, com todos os colegas.

Então, meu grande abraço a você, o meu grande abraço a vocês todos por esta oportunidade de estar aqui e de seguirmos adiante. Tudo de bom para vocês, meus amigos.

Selma Garrido Pimenta